



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Educação em Saúde

“MENINOS QUE MATARAM”: PROMOÇÃO DE UMA
REINTEGRAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL

LÉLIA MACHADO DIAS CHRISPIM

Fortaleza

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LÉLIA MACHADO DIAS CHRISPIM

**“MENINOS QUE MATARAM”:
PROMOÇÃO DE UMA
REINTEGRAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Educação em Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilyn Kay Nations

**Fortaleza
2005**

**“MENINOS QUE MATARAM”: PROMOÇÃO DE UMA
REINTEGRAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL**

Dissertação apresentada à Coodenação do Programa de Mestrado em Educação em Saúde, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza, UNIFOR, como requisito parcial para obtenção do título de mestre., em Educação em Saúde.

Data da aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marilyn Kay Nations - UNIFOR
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Simone Gonçalves de Assis - FIOCRUZ
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luiza Jane Eyre de Souza Vieira – UNIFOR
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Mirna Albuquerque Frota – UNIFOR
Suplente

DEDICATÓRIA

A Deus, por estar sempre presente em minha vida e, por ter aberto meu coração e minha mente aos meninos do CECAL.

Aos meninos do Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider, em especial a Marcelo, Binho, Carlinhos, Dado, Sony e Téo que tão carinhosamente concordaram em participar do nosso trabalho, mostrando- nos suas emoções e, apesar de todo o sofrimento, foram capazes de apontar saídas para que a reintegração social saudável em suas vidas aconteça com dignidade e justiça.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Aos meus queridos pais Luiza e Lemos. À minha mãe, pelo incentivo de ter me feito voltar a estudar ainda na especialização. Ao meu pai, pela sua presença viva em meu coração e em todos os momentos de minha vida, me incentivando sempre a buscar novos horizontes.

Ao Valmar, meu amor, marido e amigo, pelo carinho, dedicação e paciência com todas as horas suprimidas de nossas vidas, em respeito aos meus projetos profissionais.

Aos meus amados filhos, Liliana e Filipe, pela força e incentivo diante das dificuldades encontradas ao longo dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Marilyn Kay Nations, minha orientadora e amiga, que desde o início acreditou e investiu em minhas potencialidades e na realização deste trabalho, mostrando-me o caminho certo em minha pesquisa, sempre me incentivando a superar limites e buscar novas perspectivas em minha vida .

À Prof^a. Dr^a. Luiza Jane Eyre de Souza Vieira, por tão prontamente e carinhosamente atender o meu convite de participar da minha banca de qualificação e de defesa da dissertação. E por ter me ajudado em momentos decisivos de meu trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Simone Gonçalves de Assis, que atenciosamente participou da banca de defesa, enriquecendo o nosso trabalho com suas importantes contribuições.

Às amigas que conheci no mestrado, Annatália, Egmar, Juliana, Lidia, Mary, Sâmia e Sandra, e que agora trago no meu coração e a todos os colegas pelo carinho, cooperação e outros tantos valores a mim passados.

Aos docentes e funcionários do Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, por toda a atenção e carinho dispensados a mim e aos meus colegas.

Aos meus irmãos, Liliana e Ricardo, pela ajuda quando por mim solicitada.

À minha amiga e cunhada Márcia por todo apoio dado, lendo e pontuando o trabalho.

Ao Igor Max, meu filho do coração, pelo carinho e a paciência quando pedia “socorro” no mundo da informática.

As amigas Nilza e Tereza que carinhosamente leram partes do meu trabalho, me ajudando a corrigir as falhas de ortografia .

A todos os que trabalham no CECAL, em especial a Adellane, Ena, Germana, Georgia, Vânia e Ângela pela paciência de relatar fatos ocorridos na minha ausência sempre com carinho e boa vontade.

À Dr^a. Lêda Maria Maia Torres que tão prontamente permitiu que essa pesquisa pudesse se realizar.

RESUMO

A violência é um fenômeno que vem se acentuando no mundo contemporâneo. No Brasil, o aumento da violência praticada pelos jovens, principalmente com o avanço do número de meninos infratores, vem provocando preocupações em todos os níveis da sociedade. Este estudo teve como objetivo compreender o menino que matou residente em uma metrópole, no Nordeste brasileiro, no campo pessoal, moral e social e, identificar ações educativas que favoreçam mudanças positivas no seu modo de viver e na sua reintegração na sociedade. Estudo quanti-qualitativo, realizado no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), com adolescentes que cometeram homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza-CE. Tendo a triangulação como norte da coleta de dados, foi realizada uma pesquisa documental nos prontuários de 42 adolescentes, entrevistas etnográficas com seis jovens internos e três funcionários da Instituição, além da observação participante. Os resultados mostram que os adolescentes são induzidos ao encontro da marginalidade, pela destrutura familiar, onde quase a metade (48%) vem de famílias com pais separados; pela baixa escolaridade, quando a maioria (81%) são excluídos do sistema educacional; pela entrada precoce no mundo do trabalho, pois 83% dos adolescentes já tinham experiência laborativa antes de cometer o ato infracional e pelo uso de drogas lícitas e ilícitas por 97,6% dos meninos. No atual sistema, após entrar no mundo infracional e de proferida a sentença de internação, passam a vivenciar a violência dentro do centro educacional, que não os profissionaliza, não os torna livre da dependência química, e onde inexitem programas que os reintegrem saudavelmente e os acompanhem após o desligamento. A conclusão é que para que se promova uma reintegração social saudável do menino que já matou, é fundamental um olhar sensível sobre a sua “passagem pela criminalidade” e uma avaliação crítica sobre a metodologia e conteúdo das intervenções nos centros educacionais: promovendo mudanças profundas no sistema atual, fazendo valer políticas que valorizem a vida, fortalecendo vínculos, solidificando relacionamentos e empoderando o jovem cidadão para recomeçar uma nova vida plena e saudável depois do cometimento do ato infracional.

Palavras-chave: violência; adolescência; reintegração.

ABSTRACT

The violence is a phenomenon that is becoming accentuated in the contemporary world. In Brazil, the increase of violence practiced by the young people, mainly with the advance of transgressor boys, has provoking worries in all levels of society. This study had as objective to understand the boy who killed a resident in a city, in the Northeast of Brazil, in the personal, moral and social fields and to identify educational actions that help with positive changes in his way of living and in his reintegration in the society. A quanti-qualitative study, realized in the Educational Center Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), with teenagers that committed a homicide or armed robbery in the city of Fortaleza – CE. Guided by the data triangulate collecting method, it was realized a document research in the dossiers of 42 teenagers, ethnographic interviews with six young internees and with three employers of the Institution, besides the participated observation. The results show that the teenagers are induced to find the marginality, for a non structured family, where almost half (48%) comes from families of separated parents; by the low scholar, when the majority (81%) are excluded of the educational system; by the early beginning in the work world, because 83% of the teenagers had already worked before committing the transgress act and by the use of licit and illicit drugs by 97,6% of the boys. In the current system, after getting in the transgress world and pronounced the sentence of confining, they start to see the violence inside the educational center, that does not give them any professional help, does not let them free of the chemical dependence and where there isn't any program that can healthy reintegrate them and follow them after the unlinked. The conclusion is that to promote a healthy social reintegration of the boy who has already killed, is fundamental a sensitive look about his "passage by the criminality" and a critical assessment about the methodology and content of the interventions in the educational centers: promoting deep changes in the current system, using politics that value the life, strengthening links, solidifying relationships and stimulating the young citizen to restart a healthy new life after committing the transgress act.

Key words: violence; adolescence; reintegration.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....10

2. REFERENCIAL TEÓRICO

- 2.1 O protagonismo juvenil na cena pós-moderna.....17
- 2.2 O caminho da violência: exclusão e marginalização.....20
- 2.3 O adolescente em conflito com a Lei: da indiferença à proteção social.....25
- 2.4 Desenvolvimento pessoal e social do jovem em conflito com a Lei: um novo enfoque33

3 METODOLOGIA

- 3.1 Abordagem metodológica.....45
- 3.2 Cenário da pesquisa.....46
- 3.3 Participantes da pesquisa.....49
- 3.4 Instrumentos para coleta de dados.....50
- 3.5 Processamento, análises e interpretação de dados.....53
- 3.6 Considerações éticas.....55

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

- 4.1 Perfil sócio-demográfico do menino que matou57
- 4.2 Menino-Homem: um perfil antropológico73
- 4.3 A passagem pela criminalidade99
- 4.4 A reintegração social saudável : é possível?172
- 4.5 Dicas para promover a reintegração social saudável: uma intervenção educativa.....178

CONSIDERAÇÕES FINAIS183

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....190

APÊNDICES

ANEXO

INTRODUÇÃO

Os atos violentos trazem consigo forte carga emocional em todos os seus atores: quem comete, sofre ou presencia. Segundo Minayo (2002), no discurso contemporâneo, podemos distinguir três definições de violência que abrangem tanto o âmbito individual quanto o coletivo: a “física” que engloba os homicídios, agressões, violações, roubos a mão armada; a “econômica”, que consiste na apropriação indevida de propriedade e de seus bens e a “moral e simbólica”, que trata da dominação cultural, ofendendo a dignidade e desrespeitando o direito dos outros.

A violência é um fenômeno que se acentua no mundo contemporâneo, viola o mais fundamental dos direitos humanos: o direito à vida. Ao longo do tempo adquiriu proporções alarmantes, e aparece na contemporaneidade como uma preocupação de alta relevância tanto nos setores públicos, em agendas de ação, em propostas políticas, ocupando pautas de todos os setores da sociedade e, não raro, os problemas a ela relacionados dificultam a promoção do desenvolvimento sustentável em diversos países (WAISELFISZ, 2004).

De acordo com a Fundação Osvaldo Cruz, através do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES, 2005), os acidentes e violências são responsáveis hoje no Brasil pela segunda causa de mortalidade e sexta de internações hospitalares. A OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde considera que o setor saúde constitui uma encruzilhada para onde confluem todos os corolários da violência, pela pressão que exercem suas vítimas sobre os serviços de urgência, de atenção especializada, de reabilitação física, psicológica e de assistência social (OPAS, 1993).

Estudos realizados pela UNESCO (2004), no Brasil, constataam que os jovens brasileiros, na faixa etária de 15 aos 24 anos, constituem a parcela da sociedade que concentra o maior número de pessoas expostas a violência, quer como vítimas, quer como agentes.

Alguns autores (SOARES; 2003; ASSIS, 1999; WAISELFISZ, 2004) aprofundam esse assunto e relatam que a população na faixa etária de 15 a 29 anos é a maior vítima de homicídios e a clientela principal das instituições de privação de liberdade. Waiselfisz (2004) demonstra também que os homicídios vitimam fundamentalmente a população do sexo masculino (em torno de 93% das vítimas são homens) e de raça negra: que tem vitimização 65% na população total e 74% superior entre os jovens.

Conforme observa Cecarelli (2004), a violência atinge hoje indistintamente todas as classes sociais, principalmente a agressividade juvenil. Na atualidade, vemos várias formas de expressão da violência, como o episódio do índio pataxó queimado por cinco jovens em Brasília em 1997 (JUS NAVIGANDI, 1997), o episódio de Suzane von Richthofen, que planejou e assassinou os próprios pais em 2002 (REVISTA ÉPOCA, 2002), as gangues de bairros geralmente na periferia (BARRETO, 2004), jovens que matam outros jovens, como o caso do universitário Reubens Lisboa, morto com um tiro na cabeça, por um adolescente de 16 anos, durante um assalto em Fortaleza em outubro de 2004 (JORNAL O POVO, 15 de outubro de 2004).

No Brasil, assim como em todo o mundo, o aumento da violência praticada pelos jovens, principalmente com o avanço do número de infratores juvenis, traz temores à população e requer dela medidas de repressão, deixando de lado o conhecimento das razões dessa crescente violência, as formas de atenção e prevenção necessárias para o enfrentamento da questão (ASSIS, 1999).

No campo sociológico, a violência é identificada como problema genérico e atual. Não há registro de sociedade onde ela não tenha estado presente e a dialética do desenvolvimento social cria novas formas, tornando mais complexo o processo de sua determinação. Se alimenta e cresce dentro de negócios milionários, de propostas de corrupção, de envolvimento de pessoas que deveriam se denominar lícitas, é gestada dentro de instituições que deveriam

estar acima de qualquer suspeita. Sua semente está em conflitos de autoridade, em lutas pelo poder e pelo domínio e no aniquilamento dos outros indivíduos. Quando aliciam os pobres, principalmente os jovens urbanos e da periferia, sob o pretexto de dar-lhes um trabalho, dinheiro e poder, os transformam na “ponta de lança” de negócios escusos, acarretando por fim a exclusão social desses meninos. O aumento exorbitante (115%) das taxas de homicídio no Brasil, correspondendo hoje a 40 mil mortes por ano, é um sinal marcante dessa infrapolítica (MINAYO e SOUZA, 2003).

Dentro do quadro da violência, existe uma relação que envolve o uso de drogas lícitas e ilícitas, pois o consumo de substâncias psicoativas está, inegavelmente, associado a homicídios, tentativas de suicídio, práticas de maus-tratos contra crianças e adolescentes, acidentes de trânsito e outras formas de violências explícitas. O consumo dessas substâncias afeta o usuário tanto biológica como psicologicamente, produzindo tantos efeitos psíquicos e corporais de extremo prazer como de intenso sofrimento, podendo alterar condutas individuais e desencadear atos de violência (DESLANDES, 2003).

A produção intelectual no Brasil nos últimos 10 anos sobre a violência, segundo Minayo e Souza (2003), tem avançado, embora seja ainda insignificante se comparada ao plano internacional. Constata-se também que a maioria dos trabalhos se limitam a descrever os problemas e apresentar propostas de solução, sem fazer uma abordagem compreensiva e buscar na subjetividade o conhecimento ou pelo menos o questionamento quanto às causas, motivos e sentimentos que levaram esses meninos a cometer tais atos infracionais.

A partir desses problemas referenciados anteriormente, foi possível estabelecer a diretriz geral deste estudo, que está fundamentada nos seguintes pressupostos de análise:

1 Os meninos que cumprem medida socioeducativa no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL) têm características comuns, podendo ser montado o seu perfil sociodemográfico.

2 O ato infracional, no caso homicídio ou latrocínio, é muitas vezes um ato natural, uma consequência da própria violência acumulada em suas vidas.

3 A internação, na óptica dos meninos, é um período de sofrimento, embora eles a considerem justa.

4 Os adolescentes internos têm planos e sonhos para o futuro. Cabe ao centro educacional trabalhar junto a eles na construção e realização desses projetos de vida.

Em 1981, assumi o cargo de odontóloga na extinta Fundação do Bem-Estar do Menor do Estado do Ceará, FEBEMCE, hoje parte da Secretaria da Ação Social da mesma UF; inicialmente trabalhei em várias creches, cujo atendimento era dirigido a crianças de 0 a 6 anos de idade, e em 1996 fui transferida para os centros educacionais, onde adolescentes privados de liberdade cumprem medida socioeducativa de internação determinada por cometimento de ato infracional grave.

Foi por ter a oportunidade de penetrar o mundo desses adolescentes, muitas vezes de violência, desamor, drogas, angústias, que esse tema me mobilizou. Uma de minhas inquietações é conhecer esses meninos, como é sua família, se estudam, se fazem uso de droga. Outra inquietação se refere ao que é realizado dentro dos centros educacionais e quais as metas que se pretende alcançar com a internação desses jovens.

O que está sendo realizado dentro desses centros educacionais para que os jovens internos, quando em liberdade, venham a cumprir o seu papel de cidadão na sociedade? Terão eles um acompanhamento pela Instituição, por meio de uma liberdade assistida que mostre e os encaminhe para a trilha fora da vida criminal, provando-lhes que fez diferença em suas vidas o período de internação?

Vejo a contradição. A mídia faz do jovem infrator um ser errante, “um monstro”, dando muita publicidade a qualquer ato praticado por eles como se fosse parte de sua natureza

perversa a prática cotidiana de delitos desumanos... e que deveriam ser colocados em um local fechado por tempo indeterminado, para que a sociedade se sinta protegida e possa fechar os olhos a um problema social tão grave e assim “dormir em paz”. Esse menino passa a ser apenas mais “um” que está em um lugar merecido e que participa das rebeliões como rebelado ou assassinado, fazendo assim o seu último papel na sua vida tão curta. Por outro lado, olho para cada jovem que atendo e vejo nele um menino que cumpre uma sentença por um delito que cometeu, mas que deverá retornar à sociedade em breve, onde, para que possa ter alguma oportunidade, deveria levar consigo as ferramentas básicas para uma melhor qualidade de vida, tais como educação, saúde, cidadania, fé, profissionalização, entre outros.

É o adolescente infrator, que cumpre medida socioeducativa em casas de internação, o sujeito de minha pesquisa. Os pontos a serem questionados neste ensaio são: quem são esses meninos? Existem causas comuns que os tenham levado a cometer um ato infracional tão grave como o homicídio ou latrocínio? Como essa sentença de internação modificou a vida desses jovens? Os centros educacionais estão cumprindo o papel delegado a eles pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, preparando-os para uma vida mais digna?

Tendo em vista a condução do estudo, esses pressupostos analíticos inspiraram a definição dos seguintes objetivos de pesquisa:

Geral

- Compreender nos aspectos pessoal, moral e social, o menino que matou, residente em uma metrópole no Nordeste brasileiro, e identificar ações educativas que favoreçam mudanças positivas no seu modo de viver e na sua reintegração na sociedade.

Específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico do jovem masculino que cometeu homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza, e que esteja cumprindo medida socioeducativa no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider, CECAL.
- Analisar como o ato infracional atingiu a essência humana do menino que matou e que cumpre medida socioeducativa no CECAL.
- Descrever perspectivas de planos para o futuro dos adolescentes internos no CECAL, e identificar ações educativas que favoreçam a sua reintegração na sociedade.

Para alcançar estes objetivos, montei o meu trabalho no campo, a organização e interpretação do material etnográfico, e estruturei o referencial teórico em quatro etapas: o protagonismo juvenil na cena pós-moderna; o caminho da violência: exclusão e marginalização; o adolescente em conflito com a lei: da indiferença à proteção social e o desenvolvimento pessoal e social do jovem em conflito com a Lei: um novo enfoque.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No protagonismo juvenil, na cena pós-moderna, faço uma comparação entre o período da adolescência nas sociedades tradicionais, com seus ritos de passagem, e as sociedades modernas, com sua violência, o individualismo, o consumismo e as drogas. Abordo as raízes sociais da violência, onde investigo suas causas no seu aspecto pluridimensional, destacando as suas três tendências, biológica, sociológica e bio-psicossocial.

Ampliando a elaboração do referencial teórico, discorro sobre o caminho da violência exclusão e marginalização num mundo cão, no qual enfatizo a identidade deteriorada: a fábrica de marginais, a perda dos valores morais, a falta de crenças, o tráfico de drogas e a sociedade agnóstica do nosso século constituem o tema central desta etapa, que traz as crianças e adolescentes como as principais vítimas dessa situação.

Não posso deixar de abordar todo o histórico do tratamento dado aos adolescentes em conflito com Lei no Brasil, desde o império até a atualidade, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Aqui me dedico a comentar a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Nº. 8.069, sancionada em 13 de julho de 1990, detendo-me nas medidas socio-educativas e na medida de internação.

E no final, o Desenvolvimento pessoal e social do jovem em conflito com a Lei: – novo enfoque – onde abordo a Promoção de Saúde, fazendo breve histórico; em seguida, as políticas públicas e os adolescentes em conflito com a Lei, não podendo deixar de enfatizar a Educação em Saúde, como um novo caminho para se ressocializar esses adolescentes, pois sua personalidade e caráter podem ainda ser modificados mediante um atendimento especial, que deverá ser proporcionado dentro dos centros educacionais, e que trabalhe com o

“empoderamento” desses meninos como estratégia de promoção de saúde de jovens infratores.

2.1 O protagonismo juvenil na cena pós-moderna

Uma visão antropológica observa que nas sociedades tradicionais os povos não passam pelo estágio da adolescência mesmo porque o acontecimento do mundo adulto se encontra claramente marcado pelos *ritos de passagem*, que introduzem os jovens em um sistema de valores bem definidos, oferecendo significados à vida destes, não havendo dúvidas a respeito dos direitos e deveres que a nova posição de adulto jovem na sociedade lhe acarretaria (RUFFINO, 1993).

Nessas sociedades, os rituais de iniciação não possuem um período determinado, podendo durar de alguns dias a vários anos. A cada nova etapa, o jovem adquire novos direitos e deveres, normalmente ficam isolados da comunidade por um determinado período, seus corpos são marcados e colocados à prova (CLEGERT, 2004).

No estudo em Nova Guiné, Margaret Mead (1988) relata a educação e o olhar à vida ensinada às crianças por tribos distintas. Nos povos de língua Arapesh, que ocupavam o território da montanha, quando a criança atingia sete ou oito anos, já tinha a personalidade formada. Meninos e meninas aprendiam a adoção de uma atitude feliz, confiante e segura em relação à vida, eram desencorajados de praticar quaisquer hábitos de agressividade para com os outros e aprendiam a respeitar a propriedade, o sono e os sentimentos alheios.

A civilização moderna suprimiu esses ritos, privando as pessoas do apoio coletivo frente às passagens do tempo e originando dificuldades na criação do senso de identidade dos indivíduos e dos grupos. A nossa sociedade reconhece o papel dos ritos para os povos tradicionais, mas não enxerga essa importância para a sua própria constituição (CHAGAS, 2004).

A adolescência foi reconhecida socialmente, academicamente e até economicamente, durante a Era industrial. É, portanto, uma categoria moderna e que teve sua importância sobretudo quando a educação formal, que é um dos principais projetos da Modernidade, ficou sob o jugo e controle do Estado. Crianças e adolescentes passam a ser vistos como pessoas em formação, e a educação transformou-se na ferramenta principal para se estar preparado para o mundo moderno. O período escolar foi expandido, e crianças e adolescentes retirados do mundo do trabalho, com a pretensão de se formar mão-de-obra cada vez mais especializada para a sociedade industrial, tendo como consequência a garantia da ordem e do progresso da Modernidade. Portanto, a adolescência foi criada e inventada, e os adolescentes tornaram-se desde o início do século XX um grupo etário que possui menos responsabilidades e que vive sob a tutela dos pais ou do Estado (MAGRO, 2002).

Para Erikson (1976), esse período pode ser considerado uma *moratória psicossocial*, isto é, uma fase da vida caracterizada pela tolerância da sociedade e por uma atividade lúdica do jovem, durante a qual ele experimenta vários tipos de papéis, até encontrar o seu nicho dentro da sociedade, onde ele passa a ser “reconhecido” pela comunidade, conferindo-lhe status e função, sendo este fato de grande importância para a formação da identidade do indivíduo jovem.

As sociedades modernas – ou pós-modernas – tornaram-se complexas, assim os jovens precisam cada vez mais cedo qualificar-se para o mercado de trabalho, que vem se tornando mais técnico e exigente. Considerando este cenário, o jovem percebe e sente essa crise, seja ela de valores, educacional, ética, moral, econômica, política. E entre outras coisas percebe e vivencia a violência cotidiana, muitas vezes banalizada, o individualismo e consumismo exacerbado, a problemática das drogas, o estresse de cada dia e o desemprego (CHAGAS, 2004).

É na família que a criança deve encontrar segurança para se desenvolver, flexibilidade para ser livre, e uma relação de comunicação com os outros que a faça descobrir-se como um ente pertencente a um grupo, como um ser importante e amado, desenvolvendo assim suas aptidões, interagindo e participando da criação do mundo. Esses elementos fazem com que a família seja vista como um espaço de prazer, fazendo do indivíduo uma pessoa realizada (BARRETO, 1995).

A adolescência é uma fase marcada pela ansiedade, angústia e desafio de conhecer o novo, de assumir o controle sobre a sua própria vida, constituindo-se assim no grupo mais vulnerável ao uso de drogas, sendo o público-alvo desse mercado e de seus agentes (DESLANDES, 2003).

As drogas na atualidade já fazem parte do cotidiano, atacam todas as famílias indistintamente, sem fazer diferença de classe econômica, raça ou credo religioso. Para evitá-las, os pais devem educar os filhos para a autonomia, que eles saibam que fazem parte da família, de um grupo, da sociedade, como membro ativo, participante e que partilha, com os outros, sentimentos, descobertas, alegrias e sofrimentos (BARRETO, 1995).

A maior angústia de um indivíduo dentro da família é não ser reconhecido como diferente, ímpar; é não ser percebido como alguém original, é ter que se modificar, ter que se violentar para fazer “parte” do grupo, para ser aceito por ele. Dessa forma, ele não consegue ser livre, buscando então as drogas na esperança de entrar para um mundo onde se sinta sujeito participante e ativo. Dessa forma, procura nas drogas aquilo que não consegue receber de sua família, de seu grupo, ou seja, amor, confiança, elementos para a sua auto-estima e independência (BARRETO, 1995).

2. 2 O caminho da violência: exclusão e marginalização num mundo cão

2.2.1. As raízes sociais da violência

Segundo Foucault (1993), deve-se analisar no infrator não só as circunstâncias do ato criminal, mas também as causas de seu crime, procurando-as na história de sua vida sob o ponto de vista da organização, da posição social e da educação; conhecendo assim as inclinações perigosas da primeira, as predisposições nocivas da segunda e os maus antecedentes da terceira.

Em 2003, Minayo e Souza, investigaram a origem da violência, com seu aspecto pluridimensional, destacando três grandes tendências, a primeira das quais é a biológica, relacionada a componentes biológicos e psicológicos, fazendo parte da essência humana, estando a questão social subordinada as determinações da natureza humana; a tendência sociológica tenta explicar a violência como fenômeno social provocado por alguma conturbação da ordem, quer pela opressão pelos mais fortes, pela rebelião dos oprimidos, pela falência da ordem social, pela omissão do Estado. Nesse enfoque, a chamada “natureza humana” se manifestaria ao sabor das circunstâncias, surgindo a violência como conseqüência da miséria e da desigualdade social; no terceiro grupo, a tendência bio-psicossocial compatibiliza o biológico e o psicológico com o social, não crendo que a violência resulte apenas dos problemas de natureza econômica e política; embora entenda que essas questões sejam significativas, não crê também que o aumento da violência no mundo decorra exclusivamente do aumento dos casos de sociopatas.

A agressividade na adolescência pode ter início em idade pré-escolar, quando pais e avós a confundem com “excesso de energia” ou com uma travessura própria da infância. Essa conduta agressiva nessa fase é influenciada por fatores individuais, familiares e ambientais, que não atingem todas as pessoas por igual nem submete todos à mesma situação de risco (BALLONE, 2001).

Entre os fatores individuais, está a questão do temperamento, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva; a família influi por meio do vínculo, do contexto interacional, de uma eventual psicopatologia, de um possível desajuste dos pais e do modelo educacional doméstico (BALLONE, 2001). É considerada o *locus* adequado para o desenvolvimento e a convivência das crianças e adolescentes. O vínculo afetivo que os une é fundamental para o estabelecimento de sua integridade física, psíquica, moral e psicológica. A desagregação e a desigualdade social traduzem violência e criminalidade. A imagem da família atua como censura, provocando-lhe vergonha ou desapontamento; no Brasil, um dos fatores desencadeantes da delinquência é o fraco controle sobre os jovens, exercido por instituições como a família, igreja e escola (CECARELLI, 2004).

Historicamente passamos por profundas mudanças sociais, especialmente por transformações impostas pelo sistema capitalista e o advento da Ciência. Para a educadora Tânia Zagury, em entrevista concedida à revista *Época* (2004), *os pais precisam, com urgência, ter seu papel regulador revalorizado, para que possam desempenhar – sem culpa nem constrangimento – a função de moldar seus filhos para ser verdadeiros cidadãos. Sem um ponto de equilíbrio, os filhos vão buscar esses exemplos em pessoas que têm a sua idade. Surgem, assim, gangues, para eles algo muito sedutor e também ameaçador, levando o jovem a sentir emoções fortes como uma forma de não sentir solidão e de pertencer a um grupo.*

O jovem sente-se fascinado pelas gangues mediante as emoções fortes. As intensas sensações, a liberação de adrenalina que estas provocam durante confrontos com a polícia ou quando do ataque às suas vítimas; pelo fato de sentir-se pertencendo a um grupo que lhe dá proteção, fazendo-o achar-se “acompanhado”, saindo da monotonia e do anonimato; o poder e a ética são fatores que justificam a razão de ser das gangues. Juntos, os adolescentes nutrem o sentimento de serem capazes, fortes e poderosos – “*a união faz a força*” – e a delação dentro do seu código de ética não tem perdão; a curtição e o reconhecimento social, pela audiência

que suas façanhas provocam, fazem com que se sintam importantes, sujeitos, corajosos, reconhecidos e admirados (BARRETO, 2004).

Nesse contexto, ele tenta se desligar da família; aparecem novos interesses, exige-se mais privacidade e descobrem-se novas tentações; é a sua saída para o mundo lá fora. Diante dessas situações, para as crianças e famílias de favela, desarticuladas, sem local para morar, uma das opções é a família de rua, sendo a mendicância seu maior alento. São *os meninos colados*, que por muitas vezes são encontrados nos semáforos, na orla marítima e em corredores comerciais da cidade, que cheiram cola para comunicar à sociedade seu desespero de criança que não é acolhida sequer como um indivíduo merecedor de uma vida com um pouco de dignidade, lhe negando o direito à proteção integral garantido por Lei gravada no ECA (1990), não lhe dando a chance de estudar, brincar, enfim, de ser criança. Já para famílias mais abastadas, os adolescentes formam grupos que perambulam em *shoppings* e *shows*, tendo acesso a um arsenal de drogas “mais elitizadas” (BARRETO, 2004).

De acordo com trabalho realizado por Assis, em 1999, os principais fatores de risco associados à situação de infrator são: consumo de drogas, círculo de amigos, tipos de lazer violento, baixa auto-estima, falta de reconhecimento de limites entre certo e errado, fraco vínculo afetivo com a família e com a escola e sofrer ou ter sofrido violência por parte dos pais.

2.2.2 A identidade deteriorada: a fábrica de marginais

De acordo com Velho (2000), em qualquer cultura ou sistema social, a idéia de justiça como valor comum, isto é, como um conjunto de crenças e valores que dizem respeito ao bem-estar individual e social, tem que estar presente por ser essencial para a continuidade dessa sociedade.

As engrenagens que levam ao colapso social, em que a infância, por ser o elo mais fraco da cadeia social, é a maior vítima, são o desemprego, a falta de escola, a baixa renda, a migração, a desnutrição, o desrespeito sistemático aos direitos humanos, em que a cidadania é garantida nos papéis, mas não existe de verdade (DIMENSTEIN, 2002).

A modernização, com a expansão da economia de mercado, a industrialização, as novas tecnologias e as migrações que superlotaram as grandes cidades influenciando o surgimento de uma cultura massificada, contribuíram para a perda dos valores morais, pois, pela falta de crenças comuns à sociedade, cada um escolhe seu estilo de vida. Ficam evidenciadas as ideologias individuais; é a sociedade do “ter” com a falta de justiça social, que de uma forma impessoal e agnóstica faz a violência passar a ser comum, uma marca do cotidiano (VELHO e ALVITO, 2000).

O sintoma mais agudo de uma crise social é a geração de meninos de rua, formando um círculo vicioso da pobreza: os pais são pobres e não conseguem garantir a educação dos filhos, e vão continuar pobres já que não encontram bons empregos. E aí seus filhos também não terão condições de progredir. Então surge a pergunta: *O garoto é pobre porque não conseguiu estudar em uma boa escola, ou é porque não estudou que continua pobre?* (DIMENSTEIN, 2002).

Afloram novos tipos de criminalidade, como o tráfico de drogas, que comumente usa crianças e adolescentes como mão-de-obra, fazendo-os sujeitos dos atos infracionais e ao mesmo tempo as maiores vítimas dessa situação. A população de baixa renda é a escolhida, tornando-se assim vítima de vários tipos de banditismo, pois os traficantes a colocam contra a parede e, os policiais a cada dia são mais coniventes com a criminalidade; e há ineficiência do poder público em atender as necessidades básicas dessa população, assim perdendo-se a cada dia os valores éticos dessa sociedade (VELHO, 2000).

Os jovens sentem-se, pois, tentados à transgressão. De um lado é o tráfico de drogas que lhe coloca uma arma e dinheiro nas mãos e que lhe trarão prestígio junto às mulheres e temor entre os homens; do outro lado, a vida de seus pais com uma trajetória repleta de dificuldades e frustrações marcados pela pobreza. Assim, a carreira de bandido aparece como a alternativa real para a maior parte da população masculina jovem. Mesmo aqueles que se mantêm no mundo legal, freqüentemente admitem a possibilidade de ingresso na vida da transgressão e do crime (DIMENSTEIN, 2002).

Os adolescentes foram as maiores vítimas das crises econômicas das últimas décadas do Brasil. Segundo pesquisas, o acesso maciço destes em atividades criminosas, tendo como causa a má distribuição de renda, constitui a maior causa dos homicídios e sela praticamente o seu destino, pois um grande percentual destes é assassinado antes de 30 anos de idade. O mais comumente, porém, é o fato de que os adolescentes, quando optam pelo crime, dificilmente retornam à vida normal. É como se estivessem condenados a uma morte prematura; na verdade a onda de violência diminui à medida que os jovens criminosos se vão matando uns aos outros (DANTAS, 2002).

Segundo Neves (1999), alguns fatores determinam esse ciclo criminoso, como a idéia errônea de que aos adolescentes não são aplicadas medidas jurídicas. Esse fato faz com que pessoas imputáveis utilizem meninos que perambulam pelas ruas para cometer crimes, e também pela facilidade com que crianças e adolescentes são moldados, controlados e descartados em razão da sua imaturidade e fragilidade física.

A idade com que a criança é aliciada para consumir droga é cada vez menor, diminuindo nos últimos tempos de 12 anos para 07 anos. As crianças são levadas ao vício por meio da “droga gratuita”, e, depois de tornarem-se dependentes, passam a “trabalhar” para os traficantes em troca de drogas, exercendo a função de “avião” (pequeno traficante que recebe pagamento em droga. Idade mínima – 07 anos), “olheiro” (usuário que recebe droga para

observar a aproximação de estranhos ou policiais da “boca-de-fumo”, a partir de 06 anos de idade), “gerentes” (administram pequenos pontos de drogas, iniciando a sua escalada na rede criminosa, a partir de 13 ou 14 anos) e os consumidores a partir de 06 anos de idade (NEVES, 1999).

Diante desse contexto, muitos morrem anonimamente, assassinados por grupos de extermínio, por cidadãos comuns, por balas perdidas, pela brutalidade policial, ou na maioria das vezes por outros jovens. Representam apenas mais um número na estatística de homicídios do País; são vítimas sem encantos pessoais, não recebem apoio de causas sociais, não têm parentes dedicados a buscar justiça e, com relação à mídia, sua morte não merece destaque, pois é como se a sua vida valesse menos, diferentemente de adolescentes da classe média vitimados por mortes violentas (DANTAS, 2002).

Por tudo o que passam na infância quando foram induzidos às drogas, e a outros crimes na adolescência, o menino vai traçando o seu futuro. Dificilmente voltará à vida de estudo e trabalho. Quando adultos serão os chamados PhD.s do crime.

2. 3 Adolescente em conflito com a lei: da indiferença proteção integral

2. 3.1. Dados históricos da legislação especial dos adolescentes em conflito com a Lei no Brasil

Há aproximadamente 200 anos, com a vinda de D. João VI ao Brasil, em 1808, a adolescência confundia-se com a infância, que terminava em torno dos sete anos de idade, quando então dava início à idade adulta. A imputabilidade penal começava nessa idade e até 1830 as crianças e os adolescentes eram severamente castigados, não havendo quase nenhuma diferenciação entre estes e os adultos. A menoridade, entretanto, constituía-se um atenuante à pena, eximindo-os da pena de morte e concedendo-lhes redução desta (SOARES, 2004).

A partir de 1830, o Código Criminal do Império determinava a maioria penal absoluta a partir de 14 anos de idade, e utilizava o critério psicológico para julgar os abaixo dessa faixa etária, que poderiam ser penalmente responsáveis se agissem com discernimento, podendo ser condenados a quaisquer espécies de pena (CARNEIRO, 2004).

No Código Penal Republicano de 1890, a inimputabilidade era determinada somente até a idade de nove anos, prevendo que os abaixo dessa idade, em hipótese alguma, poderiam ser tratados como criminosos, sendo que os maiores de nove e menores de quatorze anos ficariam submetidos a uma avaliação psicológica bastante subjetiva, chamada por alguns de *adivinhação psicológica*, já que era considerada um verdadeiro enigma para os aplicadores da Lei. Após a avaliação, caso fossem considerados conscientes do crime, poderiam ser condenados como adultos. Para os meninos avaliados com discernimento sobre os atos ilícitos praticados, criaram-se estabelecimentos disciplinares industriais, cujas internações não poderiam exceder a idade de dezessete anos (PEREIRA JÚNIOR, 2004).

Essa nova regulamentação do atendimento à infância foi detalhada em diversos decretos, com importantes inovações legislativas na ordem jurídica internacional e brasileira, até a sua consolidação no Código de Menores de 1927, que concretizou as leis de assistência e proteção a crianças e adolescentes. Estabeleceu que o menino de menos de dezoito anos, abandonado ou infrator, ficaria submetido ao regime estabelecido nesse código. Eximiu o abaixo de quatorze anos de qualquer processo penal e estabeleceu que entre quatorze e dezoito anos fossem submetidos a processo especial. Conforme Rizzini (1997), as propostas visavam a resolver o problema dos “menores”, exercendo controle sobre eles mediante de mecanismos de tutela, guarda, vigilância, reeducação, reabilitação, preservação, reforma e educação.

Essas propostas buscavam proteger tanto o menino, filho da pobreza, abandonado, potencialmente perigoso, diferente do resto da infância, como também dar proteção à

sociedade, mediante maior controle dessa população nas ruas por meio de domínio policial. Submetia qualquer criança, por sua simples condição de pobreza, à ação da justiça e da assistência. Sustentavam a exclusão, em consequência da estigmatização de dois tipos de infância desiguais, a merecer tratamento desigual (RANGEL E CRISTO, 2004).

Em 1940, o novo Código Penal, no seu Art. 27, fixou a imputabilidade penal aos dezoito anos de idade, adotando o critério puramente biológico. Os abaixo dessa faixa etária são denominados imaturos, e estão sujeitos apenas à pedagogia corretiva da legislação especial. Na época, o problema da infração juvenil e dos meninos abandonados já se mostrava um grande desafio de cunho social; planejava-se um novo Código de Menores com caráter sociojurídico.

Finalmente, a Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979, estabelece o novo Código de Menores, elaborado sob a influência da Declaração dos Direitos da Criança (UNICEF, 2005). Consagra a Doutrina da Situação Irregular dos abaixo de dezoito anos, justificadora da apreensão de meninos infratores e de vítimas da sociedade e da família através dos Juizados de Menores, que os colocava sob a tutela do Estado (SOARES, 2004). O Código não delimitava direitos e garantias para essa população, sob o argumento de que o Estado sempre regularizaria sua situação, com a substituição da família natural pela instituição e da sua reinserção na sociedade pelo trabalho (RANGEL E CRISTO, 2004).

Lançou sobre a criança e o adolescente em situação de pobreza uma doença: a “patologia social”, que tinha como sintomas o abandono, o descaso, a desestrutura familiar, a violência simbólica do cotidiano da vida, quando eles se deparam com duas opções - o trabalho precoce, como fator de prevenção de uma espécie de “delinqüência” latente, e a institucionalização, como fator regenerador de sua fatal perdição.

Finalmente a Constituição Federal de 1988, voltada para as questões dos direitos humanos de todos os cidadãos, introduziu no ordenamento legal brasileiro a Doutrina da

Proteção Integral, garantindo, especialmente em seu Artigo 227, a criança e ao adolescente prioridade absoluta, estabelecendo o dever de proteção pela família, sociedade e Estado.

Posteriormente, foi promulgado no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº8069, de 13 de julho de 1990), que, nos moldes da Constituição Federal, consagrou a Doutrina da Proteção Integral, preconizada pela ONU na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (UNICEF, 2005).

2. 3. 2 O Estatuto da Criança e do Adolescente

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi o resultado de um esforço conjunto de milhares de pessoas e comunidades, que lutaram para a defesa e promoção das crianças e adolescentes do Brasil. Dota o Brasil de uma Lei que vem salvaguardar a vida e garantir o desenvolvimento de milhões de meninos e meninas brasileiros, especialmente os mais pobres.

Contrariamente ao que estabeleciam os códigos anteriores, que se preocupavam mais em punir e resguardar a tranqüilidade das classes mais favorecidas, o Estatuto da Criança e do Adolescente valoriza a criança e empenha-se na sua formação, abrindo caminhos para uma sociedade mais justa, solidária e capaz de vencer discriminações, violência e exploração da pessoa humana.

A nova política social subentendida no ECA diferencia-se pela mudança da tutela jurídica, pelo compromisso assumido pelo Estado em oferecer assistência integral, pública, gratuita e universal à criança e ao adolescente, segundo as necessidades de cada fase de seu ciclo de desenvolvimento. O poder público participa como zelador desses direitos fundamentais (MENDONÇA, 2002).

Assis (1999) entende que a adolescência é uma fase da vida cheia de intensas alterações físicas e psicológicas, contradições, incoerências, rebeldia. É o momento em que está presente o espírito de transgressor, o imediatismo, a independência, a necessidade de

carinho, de proteção, de segurança e de limites, fazendo com que o adolescente seja visto como uma pessoa em condição especial de desenvolvimento, já que esse período marca o processo de individuação e de construção da identidade desse jovem-adulto. Portanto, é inegável que a sua personalidade e caráter podem ser modificados para melhor mediante atendimento especial.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu Art.2º, refere-se à situação da criança e do adolescente, abrangendo como criança a pessoa até 12 anos e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade.

Menciona também que, excepcionalmente e quando disposto na Lei, o Estatuto é aplicável aos que se encontram entre dezoito e vinte e um anos de idade, como, por exemplo, na situação do prolongamento da medida de internação até os vinte e um anos.

Implementou no ordenamento jurídico brasileiro uma nova construção jurídica, relativa ao tema da criança e do adolescente, destacando o surgimento do sistema de responsabilização penal do adolescente infrator e das ações civis públicas como instrumentos de exigibilidade dos direitos subjetivos da criança e do adolescente (SOARES, 2004). Para os efeitos da imputabilidade penal, seguindo a decisão adotada pela Constituição de 1988, no Art. 228, estabeleceu que sejam penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas prevista na Lei contida no ECA, portanto, estão vinculados a um Direito Penal Especial.

Após a promulgação do ECA, os delitos cometidos por adolescentes são denominados de atos infracionais, rompendo-se assim com os termos estigmatizantes de “delinqüência”, “crime” e “menor” contidos no Código de Menores. O adolescente, ao cometer um ato infracional, passa a ser julgado pelas infrações contidas no Código Penal, sendo sentenciado com a medida socioeducativa de acordo com a gravidade do ato e possuindo amplo direito de

defesa. O ECA faz do adolescente sujeito de pleno direito e de dever na legislação brasileira (ASSIS, 1999).

Apesar dos atos infracionais terem como base a Lei penal dos adultos, está o adolescente submetido à “ Lei de Proteção Integral” (Art. 1º – ECA), não a uma “Lei tutelar” ou a uma “Lei penal”. Dessa forma para ser tomada a decisão de uma medida socioeducativa a ser aplicada, deverão ser levados em consideração tanto o universo do adolescente infrator, como suas características pessoais, seu meio socioeconômico e familiar, seu entendimento do certo, do errado e do mundo que o cerca (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

Verificada a prática do ato infracional (furto, roubo, agressão, lesões corporais, porte de arma, uso de drogas, tráfico, latrocínio, homicídio e outros), cabe à autoridade judicial a aplicação da(s) medida(s) prevista(s) no artigo 112 do ECA, que são: I – Advertência; II – Obrigação de reparar o dano; III – Prestação de serviços à comunidade; IV – Liberdade assistida; V - Inserção em regime de semi-liberdade; VI – Internação em estabelecimento educacional (ECA,1990, p.40).

Na esfera política, destaca-se a descentralização das políticas públicas na área da infância e da juventude, que foram municipalizadas; a criação de conselhos de direito e conselhos tutelares, para formulação de políticas e atendimento às crianças e adolescentes, respectivamente; quando vítimas de violação de direitos, a criança e o adolescente passam a ser encaminhados ao Conselho Tutelar, e os adolescentes infratores passam a ser julgados pelo Juiz de Direito, que julga a situação irregular da família, da sociedade ou até do Estado (SOARES, 2004).

A execução da medida socioeducativa restritiva de liberdade, que possui caráter processual e judicial (Promotoria da Justiça da Infância e da Adolescência), fica restrita ao Plano Estadual; entretanto é permitida a participação municipal na execução das medidas

socioeducativas em meio aberto, fato que já ocorre em algumas cidades brasileiras onde a prefeitura é responsável pelas medidas de semiliberdade, entre outras (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

A legislação em vigor que estabelece as diretrizes sobre o procedimento a ser empregado com crianças e adolescentes, mais especificamente com o adolescente infrator, não é suficiente para apurar a gravidade dos problemas sociais brasileiros e garantir as oportunidades para o seu desenvolvimento saudável. É evidente a necessidade de se fazer um maciço investimento para a promoção da sua dignidade, pois este é um direito humano e um compromisso com todos os setores da justiça social (BRAGOTTO, 1999).

O Art. 121 do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que a internação constitui medida de privação de liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, e que em nenhuma hipótese excederá a 3 anos, sendo a liberação compulsória aos 21 anos de idade (ECA, 1990). O período de internação será de 6 meses a 3 anos e não comporta prazo determinado. O adolescente será reavaliado no máximo semestralmente pela equipe técnica e direção da casa. Nesse relatório, são pontos positivos para a liberação do jovem, a participação em atividades pedagógicas e nas oficinas profissionalizantes, assim como o não-envolvimento dele em situações violentas (brigas, motins, confusões) e o seu relacionamento com os funcionários e os outros adolescentes (ASSIS, 1999).

Determina também que a internação deverá ser cumprida em entidades exclusivas para adolescentes, e só será aplicada não havendo outra medida adequada, devendo ser empregada quando se tratar de ato infracional violento, na reincidência de atos infracionais graves ou por descumprimento de medidas impostas anteriormente, conforme Art. 122.

O Art. 123 diz que o Estado deverá ser responsável pelas necessidades básicas dos jovens internos, além de proporcionar escolarização e profissionalização; realizar atividades

culturais, esportivas e de lazer; dar assistência religiosa, independente de sua crença e desde que o deseje; providenciar toda a documentação pessoal necessária à sua vida em sociedade.

São direitos dos adolescentes privados de liberdade, entre outros: entrevistar-se pessoalmente com o representante do Ministério Público; ser informado de sua situação processual; receber escolarização; ser tratado com respeito e dignidade; permanecer internado na mesma localidade ou naquela mais próxima ao domicílio de seus pais ou responsáveis; receber visitas; habitar alojamentos em condições adequadas de higiene e salubridade; receber escolarização e alfabetização; realizar atividades culturais, esportivas e de lazer; receber assistência religiosa, entre outras (ECA, 1990 Art.124).

Essas medidas socioeducativas, contidas no ECA, oferecem todos os instrumentos para que o jovem infrator passe por um processo de recuperação, se ressocializando na sociedade após o cumprimento da medida de internação. Tem-se que levar em consideração o fato de que somente a punição não pode ser o meio correto para a promoção de uma reintegração saudável na sociedade. Ações educativas integradas devem estar presentes, a fim de que se possa prevenir a ocorrência de novas infrações. Quando o adolescente não é atendido corretamente em sua primeira infração, promovendo a sua recuperação, isto o leva a incidir várias vezes, até que, quando atinge a maioridade, já faz parte da engrenagem criminal (APOLINÁRIO, 2003).

Em resumo, a construção ética estatutária, fundamentada na doutrina da proteção integral, tem como verdade absoluta não só o direito à vida da pessoa humana, criança e adolescente, mas a uma vida com dignidade, livre de opressão, e que contemple todos os seus direitos fundamentais, entre eles o acesso universal à educação e à profissionalização.

Uma sociedade será justa no momento em que ensinar a todas as suas crianças e aos seus adolescentes as condições adequadas para um desenvolvimento íntegro, nas diferentes dimensões fundamentais do ser humano.

2. 4 Desenvolvimento pessoal e social do jovem em conflito com a lei: novo enfoque

2. 4 .1. A Promoção de Saúde: breve histórico

É importante voltarmos um pouco o tempo, para que possamos compreender o verdadeiro conceito de Promoção de Saúde. Na década de 1960, em várias partes do mundo, aconteceram amplos debates sobre a determinação econômica e social da saúde, abrindo caminhos para uma nova forma de pensar, não a centrando mais somente na ausência de enfermidade (FERREIRA e BUSS, 2001).

Dentre os fatos que registraram essa nova forma de refletir, merece destaque a abertura da China Nacionalista ao mundo exterior, com a realização de missões de observação de especialistas ocidentais promovidas pela Organização Mundial de Saúde (1973 e 1974), tendo sido realizadas as primeiras observações relativas aos cuidados da saúde que extrapolam a tradicional abordagem da atenção médica. As ações de saúde realizadas pelos chineses incluíam: a organização da comunidade; a atenção aos anciãos; a promoção do desenvolvimento de indústrias caseiras; a ajuda às escolas; a orientação para o cuidado do meio-ambiente; a realização de cuidados preventivos e a promoção de campanhas de saúde visando a substituir costumes e mobilizar a sociedade para hábitos mais saudáveis (Ibidem).

No campo da Saúde Pública, um fato de grande relevância foi o Movimento Canadense, em 1974, quando o Ministro da Saúde e Bem-Estar do Canadá, Marc Lalonde, publicou um documento intitulado “Uma Nova Perspectiva na Saúde dos Canadenses”, que apontava as limitações das ações centradas na assistência médica, curativa e de alta tecnologia, quando atuavam no campo biológico, ambiental, ou se relacionavam com estilos de vida e serviços de saúde. Tinha como proposta uma mudança radical no setor de saúde, tendo para isso dois grandes objetivos: a redução dos riscos de doenças mentais e físicas e melhorar o acesso da população a uma adequada atenção à saúde (PEREIRA et al, 2000).

Esses dois movimentos ora relatados estabeleceram as bases para importantes acontecimentos que convergiram para a conformação de um novo paradigma formalizado na 1ª Conferência Internacional sobre Assistência Primária à Saúde, realizada em Alma-Ata (1978), com a proposta de *Saúde para Todos no Ano 2000* (FERREIRA e BUSS, 2001). Essa estratégia de atenção primária da saúde veio posteriormente influenciar a política de saúde de vários países, entre eles o Brasil, ampliando o cuidado e abrindo uma visão de Promoção de Saúde, enfocando a mudança no ambiente e no estilo de vida (PEREIRA et al, 2000).

Em 1981, foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Saúde, no Canadá, considerada o marco fundador da Promoção de Saúde no mundo. Introduzia também a idéia de que a saúde estava relacionada diretamente ao contexto social.

A primeira conferência realizada no Canadá, em 1986, teve como desfecho a sua carta de intenções, “Carta de Ottawa”, que destacava a participação e o “empoderamento” da comunidade por meio da incrementação de oportunidades para que essas pessoas pudessem fazer eleições saudáveis nos diversos setores da vida. Para isso, devem ser proporcionadas informações, Educação para a Saúde e melhoria das capacidades aplicáveis à vida cotidiana, aprimorando a sua qualidade de vida e saúde (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

A cidade de Adelaide, na Austrália, foi o palco da segunda Conferência Internacional, realizada em 1988, cujo tema central era a maior ênfase nas políticas públicas. Identificou a saúde como um direito humano fundamental e um sólido investimento tanto em termos sociais como econômicos. Destacou o fato de que para se obter equidade social, é necessário assegurar à população acesso aos meios imprescindíveis para uma vida saudável e satisfatória, superando assim as desigualdades entre as pessoas em desvantagem social e educacional e as mais abastadas, priorizando os grupos mais desprivilegiados e vulneráveis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996).

A terceira Conferência ocorreu em Sundswal, na Suécia (1991), e teve como tema

“Ambientes Favoráveis à Saúde”. Apontou para a situação de milhões de pessoas no mundo inteiro vivendo em situação de extrema miséria, não tendo acesso à educação básica nem aos cuidados essenciais de saúde, tendo como palco de vida um ambiente desfavorável nas suas dimensões social, econômica, política e cultural (PEREIRA et al, 2001).

No ano seguinte, 1992, Santa Fé de Bogotá sediou a quarta Conferência Internacional de Promoção de Saúde, abordando temas e problemas específicos da América Latina. Destacou a relação entre saúde e desenvolvimento e entendeu que a Promoção da Saúde busca a criação de condições que garantam o bem-estar geral como propósito fundamental do desenvolvimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996).

Na Declaração de Jacarta – Indonésia – (1997), a saúde é considerada um direito humano fundamental para o desenvolvimento social e econômico e, para isso, a participação das pessoas e da comunidade devem ser estimuladas, por meio da educação, informação e do seu direito de voz (PEREIRA et al, 2000).

A Conferência realizada na cidade do México no ano 2000 traçou as bases para a Promoção da Saúde no século XXI, e apresentou como ações principais: situar a promoção da saúde como prioridade fundamental das políticas e programas em todos os níveis de governo, assumindo um papel de liderança na implementação dessas ações e estabelecer ou fortalecer redes nacionais e internacionais que promovam à saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

A concepção de saúde passa a vista de forma diferente, não sendo mais simplesmente a ausência de doença. As conferências internacionais apontaram a idéia de promoção como um paradigma alternativo para as políticas de saúde em todos os países, segundo o qual *a saúde é compreendida como resultante de um conjunto de fatores individuais e coletivos, sociais, econômicos, políticos, étnicos, religiosos, culturais, laborais, biológicos, ambientais, entre outros, interagindo em um processo dinâmico* (PEREIRA et al, 2000 p.41).

Esse paradigma interpreta sob novo enfoque as necessidades e ações de saúde, enquadrando-as numa perspectiva contextual, histórica, coletiva e ampla; elege metas de políticas de saúde voltadas ao coletivo e não somente ao indivíduo.

2.4.2 As políticas públicas e os adolescentes em conflito com a Lei

As políticas de saúde pública de cada país têm uma função essencial na forma como vive à sua população, seja pelas condições de vida e de saúde que ela possui, seja pelas suas diretrizes e orientação das práticas do modelo de atenção e gestão em saúde.

O marco fundamental de evolução do entendimento moderno de direitos humanos foi a aprovação, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, elaborada sob o impacto das atrocidades ocorridas na 2ª Guerra Mundial (RANGEL e CRISTO, 2004). Em seu Artigo 1º (ONU, 2005), reconhece que: *Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos uns aos outros com espírito de fraternidade.*

Considerando que a população infanto-juvenil necessita de proteção especial, têm direitos a cuidados e assistência exclusivos, a Declaração Universal dos Direitos da Criança, de 1959 (UNICEF, 2005), mostra a criança e o adolescente como seres humanos distintos de seus pais e da família, com interesses e direitos próprios, iguais em dignidade e respeito a todo e qualquer adulto, homem ou mulher, e merecedores de atenção especial em decorrência do seu peculiar estágio de desenvolvimento. Assim, o ser humano criança é concebido como sujeito de direitos civis, sociais e coletivos e à proteção integral.

No Brasil, onde a infração juvenil é crescente e preocupante, não se pode negar que a falta de esperança educacional, a inclusão no mundo do trabalho e a situação de carência afetiva fazem com que alguns adolescentes, principalmente os que moram em grandes cidades ingressem no mundo da droga, do crime e da violência. Com efeito, a necessidade de ações

preventivas um fato irrefutável, como é também imperativo que sejam oferecidas ações sócio-educativas marcadas fortemente pela humanização àqueles que já se envolveram com atos infracionais (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

A realidade dessa violência exige ações, no bloco das Políticas Públicas, cada vez mais fortalecidas, a fim de que possam ser trazidos ao seio da família e da sociedade meninos que cumprem medidas socioeducativas. Esses programas de reinserção social do adolescente em conflito com a lei pretendem articular e estimular o desenvolvimento da capacidade de convívio social construtivo por meio do exercício de direitos e deveres de cidadania pelos adolescentes autores de ato infracional. A sua eficácia depende da co-responsabilidade do Estado, da sociedade e da família em garantir proteção e desenvolvimento integral ao adolescente (educação formal, profissionalização ou iniciação ao trabalho, saúde, lazer, tratamento de dependência química). Para isso é preciso com urgência uma política pública objetiva de inserção desses jovens no mercado de trabalho e da educação.

A educação, o treinamento e a capacitação da juventude são de importância fundamental para se montar uma estratégia de longo prazo para minimizar as seqüelas dos atos infracionais, contribuindo assim para a diminuição da crescente violência. Para que se combatam as desigualdades sociais, a educação gratuita básica tem que ser acompanhada pela criação de um ambiente que favoreça a adequação das necessidades dos jovens, buscando e treinando suas habilidades práticas e sociais e, não apenas cobrindo os aspectos intelectuais do desenvolvimento humano (ESTRATÉGIA DE DAKAR PARA O EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE, 2001).

2.4.3 Educação em Saúde: o novo caminho

É indiscutível que a Educação e a Promoção em Saúde caminham de mãos dadas, devendo ser os pilares em qualquer sistema de saúde que tenha como objetivo o planejamento

de políticas de ação, buscando-se as necessidades da população-alvo que se pretende alcançar (CANDEIAS, 1997). Para proporcionar qualidade de vida no cotidiano dessas pessoas, nova estratégia é exigida, como a interdisciplinaridade, envolvendo os saberes particulares e a crítica à cultura popular (BARROSO 2003).

Na atualidade a principal preocupação na área da Educação em Saúde é a incapacidade política de implantar atividades educativas racionalmente planejadas, e não somente ações voltadas ao modelo biomédico de intervenção, com ênfase na doença (CANDEIAS, 1997).

Freire (1979) considera a educação a matriz da transformação sócio-política, pois vê o homem como um ser rico em conhecimentos próprios adquiridos pela experiência do mundo, mas que está sempre em busca de aprender mais, sendo por isso capaz de transcender, de levantar hipóteses, modificando dessa forma a sua realidade.

A educação tem uma fundamental importância na transformação do ser humano, sendo a única via capaz de neutralizar as ações de domínio e exploração das sociedades carentes. Para Rezende (1986), é um instrumento de transformação social, não só a educação formal, mas também toda a ação educativa que possa proporcionar a mudança de hábitos, a elaboração de novos valores e que estimule a criatividade. Barroso (2003) complementa bem, quando diz que a educação tem uma participação relevante por apresentar-se como um direito do cidadão e como indicador que possibilita a tomada de decisão, de posicionamentos críticos construtivos e o “empoderamento” aos cidadãos para mobilizar e apressar as ações de saúde

Educação em Saúde é a união de vários determinantes do comportamento humano, com múltiplas experiências de aprendizagem e de intervenções educativas, delineadas com vistas a possibilitar ações voluntárias adotadas por uma pessoa, grupo ou comunidade para alcançar um efeito intencional sobre a própria saúde (CANDEIAS, 1997). Essas ações trazem consigo a preocupação de qualificar o ser humano, proporcionando o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, acentuadamente a criatividade. Essas mudanças desencadeadas

no comportamento individual reintegram novamente o ser humano, como parte do ecossistema, em todas as suas dimensões, sociológica, psicossocial e psicoespiritual (BARROSO 2003).

O adolescente tem uma qualidade peculiar, sobretudo no que se refere a sua maturidade; possui condições de se reeducar, de se ressocializar, de se reestruturar psiquicamente, pois sua personalidade e seu caráter podem ser modificados mediante atendimento especial (CARNEIRO, 2004). Para estabelecer essa identidade, o adolescente precisa dar sentido à vida, ser educado para tornar-se pessoa e cidadão. Devem ser trabalhadas junto a eles atividades que desenvolvam atitudes e habilidades que favoreçam sua realização pessoal, dentre as quais citamos a confiança, a responsabilidade, a motivação, a perseverança, o esforço e a iniciativa. Os adolescentes em conflito com a lei, pelas características da fase da vida que estão atravessando e pela situação especial em que se encontram, exigem um processo educativo pleno de vida e de motivações que os envolvam (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

No mundo inteiro existe hoje crescente preocupação com a contínua deterioração do estado da juventude, que enfrenta níveis crescentes de desemprego, pobreza, conflito armado, doenças epidêmicas, analfabetismo funcional, abuso de drogas e uma crescente e constante violência em todos os graus, entre outros desafios sociais e econômicos. Para que se melhore esse quadro, a qualidade da Educação básica é um fator relevante, e necessita de uma melhora substancial, incluindo a capacitação para a sobrevivência e as novas tecnologias da informação. O conhecimento das aptidões dos meninos que cumprem medida socioeducativa em centros educacionais, e um maior investimento em profissionalização, dando ênfase no treinamento apropriado para o mercado de trabalho e o setor informal, é um passo importante a ser tomado pelo Governo e instituições responsáveis pela reintegração desses jovens (ESTRATÉGIA DE DAKAR PARA O EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE, 2001).

Segundo Vasconcelos (1991), a Educação em Saúde é uma forma de fazer pessoas mudarem alguns comportamentos prejudiciais à saúde. Na verdade, educar para a saúde é ir à busca da compreensão das raízes dos problemas e de suas soluções. Ressalta também que essa educação deve ser baseada no diálogo, ou seja, na troca de saberes, formando um intercâmbio do saber científico com o popular, em que cada um deles tem muito a ensinar e a aprender.

Esse atendimento especial deverá ser proporcionado também dentro dos centros educacionais para adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa de internação. Conforme o Art. 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente, a esses meninos está garantido o direito à escolarização e à profissionalização. As propostas pedagógicas direcionadas para esse público-alvo específico devem constituir-se em propostas especializadas no trato com seres humanos, cuja história de vida está marcada por sentimentos de medo, insegurança, angústia, preconceito, revolta, solidão, desrespeito, e outros de igual natureza que produzem experiências traumáticas e atitudes de violência, devendo conseqüentemente favorecer mudanças de atitudes, mentalidades, valores sociais, sem descuidar dos conhecimentos próprios da escolarização formal, e de ações educativas onde aprendam cidadania (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

Dentro das propostas nos centros educacionais, encontra-se a promoção de atividades que usam a criatividade, como a arte, ocupando o educando física e mentalmente, desenvolvendo o seu pensamento artístico, a percepção estética, a sensibilidade e imaginação. É necessário que à ação de fazer arte sejam dirigidos sentimentos e emoções, dando asas à imaginação, criando assim um mundo mais humano e mais belo, onde se aprende a apreciar e valorizar o trabalho artístico, seja sua produção própria, seja de outros produtores, e é mediante esse respeito pelo outro, vendo-o como sujeito de direitos, que se desenvolve a ética, assegurando ao educando uma boa convivência social (PROPOSTA DE ATENDIMENTO

AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

As atividades de movimento fazem parte do programa de Educação Física e têm a intenção de promover, recuperar e manter a saúde. Mesmo em situações difíceis, a atividade esportiva dá ao jovem a oportunidade de se divertir, relaxar, jogar, brincar e encontrar enriquecimento cultural. O esporte desenvolve a autonomia pessoal, a colaboração, a integração social e a afirmação dos valores democráticos de cidadania. O esporte proporciona ao jovem a possibilidade de se expressar, de realização pessoal e desenvolvimento como indivíduo e como membro de um grupo. Pela formação de equipes, de times que buscam objetivos comuns, são trabalhadas a lealdade e a não-violência. As competições buscam a superação dos próprios limites, o aprender a ganhar, o aprender a perder, e a vivência de papéis diferentes, ora como jogador ora como expectador (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

O conceito mais elementar de rede social afirma que se trata essencialmente de uma construção de sujeitos articulados horizontal e voluntariamente; de pessoas se ligarem umas às outras para receber ou fornecer algum tipo de cuidado ou ajuda, permitindo assim o desenvolvimento de ações de proteção à saúde, podendo levar a prática da cidadania, quando esses grupos se reúnem para superar os problemas de ordem grupal (LIRA, NATIONS e CATRIB, 2003).

Dentro dos centros educacionais para adolescentes em conflito com a lei, deve-se organizar a formação de redes sociais, tendo como pilares o conhecimento do grupo e a criação de ambientes favoráveis, visando ao seu bem-estar; ao diagnóstico das necessidades do grupo e ao gerenciamento da execução do plano, em consonância com as políticas governamentais que devem ser discutidas previamente (BARROSO 2003).

Barroso (2003) expressa que, dependendo do comportamento, da prática social e dos valores e compromissos dos gestores das redes, estas podem ser vistas como “benéficas” ou

como “problemáticas”, “promissoras” ou “destrutivas”. As redes sociais informais formadas por grupos de adolescentes interligados pelo bairro, pela ausência familiar, pelo consumo de droga ou por ações que conflitam com a Lei, como as de algumas “gangues” e os chamados “pit boys”, serão redes do tipo destrutivo?

Podemos concluir que, tendo como referência uma *ética de solidariedade para a prática da educação em saúde*, as redes de suporte social são toda e qualquer estrutura de articulação, que propicie o estabelecimento de interações e comunicações interpessoais francas, claras e solidárias o suficiente para o indivíduo sentir-se amparado, protegido, cuidado, valorizado e amado (LIRA, NATIONS e CATRIB, 2003, 77).

É também importante salientar que essas redes devem fortalecer o “sentimento de pertença”, conforme anota Maffesoli apud Lira et col (2003). Quando os infortúnios e desilusões da vida destruírem os projetos e os ideais de futuro, somente esse sentimento poderá representar o amparo necessário dentro da sociedade, permitindo assim que esses grupos resistam, se fortaleçam e superem essas passagens da vida, mesmo ante o aparente caos estabelecido.

2.4.4 O “empoderamento” como estratégia de promoção de saúde

Na sua definição mais geral, “empoderamento” é um “processo pelo qual indivíduos, comunidade e organizações obtêm controle sobre suas vidas” (VASCONCELOS, 2001; 5). Entende “empoderamento” como *o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos as relações de opressão e dominação social*. Ainda segundo Vasconcelos (2001), o “empoderamento” permite intervenções mais amplas no campo da saúde.

No contexto de ressocialização de adolescentes em conflito com a Lei nos centros educacionais, o “empoderamento” deverá ser utilizado como estratégia para o ganho de saúde,

de formar a tentar alcançar o desafio de promover saúde dentro dessas instituições.

A Promoção da Saúde aproxima-se do conceito de “empoderamento” e exige uma participação ativa da população, em um processo que proporcione informação, educação sanitária e aperfeiçoe as atitudes indispensáveis para a vida. Incrementa as opções disponíveis para que a população exerça maior controle sobre a sua saúde e sobre o meio ambiente em que vive, para que selecione tudo o que propicie saúde. Um dos temas centrais da proposta de auto-assistência e de apoio social é a ajuda recíproca, cada um cuidando de si e dos outros.

Outro campo onde o “empoderamento” se insere é o de desenvolvimento de habilidades pessoais, pois a ênfase nessas habilidades é resultado da percepção e do entendimento de que as causas e ou fatores de risco que promovem a violência juvenil estão relacionados com comportamentos individuais, modos de vida ou riscos existentes no próprio meio ambiente em que vivem (BUSS, 2000).

A Educação em Saúde tem como objetivo proporcionar a melhoria da auto-estima pela redução da alienação e desenvolvimento do conhecimento, abrindo o campo de possibilidades de escolhas do indivíduo. O “empoderamento” deixa-o livre para decidir sobre seu comportamento, exercendo assim, maior controle sobre a sua saúde e o meio-ambiente.

É verdade que conhecimento não muda comportamento. Uma mudança de comportamento requer, geralmente, mudanças que vão além da razão. É preciso envolver sentimentos e ação das pessoas com o propósito de mudar; pois, para mudar comportamentos, é necessário reconhecer, significar, ou seja, assumir diante dessa mudança uma atitude de não-indiferença, atribuindo-lhe um valor positivo ou negativo para a sua vida, resultando daí uma atitude de aprovação ou rejeição pela mudança. Portanto, não basta que os adolescentes conheçam as causas, os fatores e situações de risco presentes em sua realidade e que os levaram à situação de conflito com a lei. É necessário que eles a reconheçam como tal e que a rejeitem na sua vida futura (COSTA, 2000).

A educação deve estar pautada na visão do jovem de si mesmo e do mundo, tendo como base o amor, o respeito, o cuidado e a reverência pela vida; deve ser ministrada mediante práticas e vivências que promovam uma visão do jovem como fonte de iniciativa, de compromisso e de liberdade, operando na escola, na comunidade e na sociedade, atuando amplamente como parte da solução e não como parte do problema (COSTA, 2000).

3. METODOLOGIA

3.1. Abordagem metodológica

A pesquisa é de natureza quanti-qualitativa com abordagem etnográfica, apoiada em entrevistas e observações participantes. Foi associada a dados quantitativos mediante busca documental, que fundamentou os resultados. Segundo André (1995), o número, também, ajuda a exprimir a dimensão qualitativa. Salienta que ambas as abordagens metodológicas são compatíveis e que podem coexistir em um mesmo projeto.

Na pesquisa documental foram utilizados dados, em sua maioria, quantitativos e, em menor escala, qualitativos. Foi nossa pretensão revelar a dimensão qualitativa na análise que foi feita desses indicadores.

A abordagem etnográfica, por preocupar-se em analisar holisticamente a cultura estudada e introduzir atores sociais com uma participação ativa e dinâmica, é utilizada especialmente em pesquisa qualitativa, que tem como interesse principal estudos de desigualdades e dos processos de exclusão (MATTOS, 2001).

O método etnográfico requer que o pesquisador mantenha uma convivência prolongada com o grupo estudado, estando assim apto a perceber e selecionar fatos e acontecimentos de relevância. O diário de campo deverá conter registros objetivos, como também impressões pessoais, tais quais sentimentos e emoções (ANDRÉ, 1995).

Um trabalho do tipo etnográfico enfatiza o processo e preocupa-se como as pessoas vêem a si mesmas, suas experiências e o mundo que as cerca, valorizando a visão subjetiva do participante. Utiliza amplamente a descrição e a indução, reconstruindo textos estudados através das palavras. Busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias, visando a descobrir conceitos, relações e formas de entendimento da realidade (Ibidem).

Morse (apud ROMANELLI,1998;168) assinala que “a investigação qualitativa é tão boa quanto sejam as qualidades de seu pesquisador”. A subjetividade não pode ser evitada, deve-se recolher grande quantidade de dados e fazer sempre uma revisão destes para que sejam capazes de confirmar ou desmentir possíveis verdades. Para Bogdan e Biklen (1994), o tempo gasto durante a pesquisa é fator primordial, pois se necessita de tempo para o confronto de opiniões e preconceitos, os nossos e os dos outros. Os dados recolhidos serão capazes de levar o pesquisador a um nível de detalhamento e aprofundamento dos acontecimentos quando as opiniões préconcebidas cedem lugar a algo mais substancial.

Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, “o que a define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa” (GEERTZ, 1989 p.15), eis a maior preocupação da etnografia - obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que o grupo estudado faz, e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem (MATTOS, 2001).

3.2 Cenário da Pesquisa

O sujeito da nossa pesquisa foi o adolescente que cometeu ato infracional grave, no caso, homicídio ou latrocínio, e que cumpria medida socioeducativa em um centro educacional para adolescentes, localizado na cidade de Fortaleza, situada no Nordeste brasileiro, cidade com aproximadamente 3 milhões de habitantes, de povo acolhedor, clima tropical, belas praias, conhecida como “a cidade do sol”. Turistas estrangeiros e brasileiros visitam esta Cidade o ano inteiro, porém, em meio a todas essas belezas, surge a imensa desigualdade social, pois poucos possuem muito dinheiro e a grande maioria não tem o suficiente para uma alimentação “razoável”; o índice de desemprego é alto e a violência crescente.

A pesquisa foi realizada no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), unidade para adolescentes do sexo masculino privados de liberdade, inaugurado em 16 de dezembro do ano 2000, mantido pela Secretaria da Ação Social, instituição governamental do Estado do Ceará, e localizado no bairro Planalto Airton Senna, na periferia da cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. O CECAL atende adolescentes de 14 a 18 anos, do sexo masculino, autores de atos infracionais de natureza grave, os sentenciados a cumprir medida de internação com desenvolvida constituição física e jovens de 18 a 20 anos que cumprem medida de internação por determinação judicial.

Nessa instituição, o Governo do Estado investiu recursos com o objetivo de concretizar um maior avanço no atendimento ao adolescente e ao jovem infrator, considerando que sua infra-estrutura foi projetada em consonância com as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

O CECAL encontra-se em uma área de aproximadamente 4000 metros quadrados, todo cercado por muros de 8 metros de altura e conta com aproximadamente 10 guaritas das quais somente duas funcionam, mantendo assim um policial para a observação da ala um e outro para a ala dois. Essa deficiência acontece em razão da falta de homens para a guarnição.

Logo na entrada, há a guarita com portões que dão acesso ao estacionamento e à entrada principal da Instituição. No *hall* há bancos de cimento com almofadas azuis para que os visitantes possam aguardar o momento de entrar e encontrar o adolescente; no *hall* do lado esquerdo, encontramos a recepção para informações, onde vemos os primeiros policiais.

Em seguida, há o primeiro conjunto de grades com portão e cadeado, que dá acesso pelo corredor à direita à sala de revista, sala de monitoramento, secretaria, sala da direção da Casa e sala de reunião com ampla mesa. O refeitório para os funcionários fica ao fundo, dentro há uma mesa imensa e pesada para refeições; em seguida a cozinha, a lavanderia, o almoxarifado e a gerência.

O segundo conjunto de grades, com portão e cadeado, dá acesso a um corredor. À direita se encontram dois quartos denominados venustérios, com cama e banheiro privativo. Nesse local, os adolescentes recebem visitas íntimas; no mesmo corredor, localizam-se a sala do Serviço Social, a sala de Psicologia, a sala de Pedagogia, o consultório dentário e a sala de Enfermagem. Deste *hall*, também identificamos um local amplo, onde as visitas são recebidas, com um sofá azul e bancos de cimento. Uma parte da sala de visitas é coberta e outra descoberta, onde o visitante pode desfrutar os raios de sol. O terceiro conjunto de grades com cadeado dá acesso ao interior do CECAL propriamente dito. Está dividido em duas alas: ala 1 e ala 2. Cada ala tem um refeitório, uma quadra coberta e um campo de futebol; o templo ecumênico é comum às 2 alas e foi construído para receber os jovens nas celebrações religiosas e nas comemorações realizadas, juntamente com sua família tais como: Natal, Dia das Mães, Dia dos Pais, Páscoa, entre outros. As oficinas e salas de aula são comuns às duas alas.

O CECAL conta com oito blocos, dois deles construídos recentemente; cada bloco tem 10 pequenos dormitórios, um pequeno pátio, um galpão coberto, onde fica o televisor; um quarto com banheiro, onde fica o monitor, e um banheiro coletivo com lavatório e chuveiro para os adolescentes. Cada dormitório foi construído para acomodar apenas um adolescente, pois conta somente com uma cama de alvenaria; caso fiquem dois rapazes no dormitório, um deles terá que ficar acomodado em um colchão no chão. Dentro do dormitório, encontra-se um banheiro somente com o aparelho sanitário que fica no interior do piso. Todos os blocos possuem televisor, um conjunto de som e um bebedouro com água gelada. Não há mesa, cadeiras ou qualquer outro objeto onde os adolescentes possam sentar para fazer as refeições ou assistir à televisão. A separação nos blocos, de acordo com o ECA, deve levar em consideração: idade, compleição física e o tipo de ato infracional cometido.

Tudo é rodeado por grades: a entrada, a monitoria, a entrada para os blocos, os corredores, as oficinas, os dormitórios, tudo com grades e janelas também gradeadas. O monitoramento com câmeras abrange quase todos os locais da casa - as quadras, os campos de futebol, os corredores, a parte externa dos blocos e parte do seu interior, dispensando apenas os dormitórios e banheiros.

O quadro de funcionários conta com 140 profissionais, entre eles: 1 diretor; 2 coordenadores de disciplina; 7 técnicos (2 assistentes sociais, 1 pedagoga, 2 psicólogas, 1 educador físico, 1 odontólogo), professores do ensino fundamental, médio e das oficinas, instrutores educacionais, policiais militares, além de estagiários.

3.3 Participantes na Pesquisa

Participaram do estudo, adolescentes internos e funcionários do CECAL. A pesquisa documental foi realizada por meio dos prontuários de 42 adolescentes que estavam internos no CECAL entre o período de julho a dezembro de 2004, e que tinham cometido homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza, sendo 24 meninos que cometeram homicídio e 18 que praticaram latrocínio.

Como participantes nas entrevistas etnográficas, tivemos seis (06) jovens na faixa etária de 18 a 20 anos, sentenciados por homicídio ou latrocínio, e que estavam internados no CECAL no período da pesquisa, e 03 funcionários da Instituição.

Foram escolhidos jovens na faixa etária de 18 anos para que pudessem eles próprios assinar o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Os critérios de inclusão dos jovens para a entrevista etnográfica foram: estar cumprindo medida socioeducativa de internação no mínimo há 12 meses, ser usuário de drogas lícitas e/ou ilícitas, ter idade entre 18 a 20 anos e ter cometido latrocínio ou homicídio em Fortaleza. Os critérios de exclusão

foram: o não-uso de drogas, ter idade inferior a 18 anos na ocasião da entrevista, estar cumprindo medida socioeducativa de internação por um período inferior a 12 meses.

Os funcionários do CECAL que participaram como informante-chave são pessoas que têm uma visão diferenciada em razão da convivência quase diária e da participação direta no dia-a-dia dos jovens. Foram entrevistados: um coordenador de disciplina, um monitor e uma professora, com os quais nos aprofundamos sobre o cotidiano dos jovens dentro do Centro Educacional, as atitudes desses meninos em relação à internação e de normas e condutas.

Componentes do corpo técnico da Instituição - instrutores e atendentes - também contribuíram, sendo as suas observações anotadas no diário de campo e referidas em nossos resultados. Meninos que cumpriam sentença de internação no CECAL, que foram atendidos no consultório odontológico ao longo desses dois anos, deram a sua contribuição ao falar o que sentiam, mostrando sentimentos e soluções para melhorar o Centro Educacional.

3.4 Instrumentos para Coleta de Dados

Foi utilizada para esta fase da pesquisa uma triangulação de técnicas de coleta, isto é, múltiplas técnicas e métodos, tendo, assim, uma visão mais ampla da realidade dos pesquisados (DESLANDES e ASSIS, 2002). A triangulação envolveu uma pesquisa documental, entrevistas etnográficas semi-estruturadas e observação participante.

Para alcançar o primeiro objetivo (caracterizar o perfil sociodemográfico do jovem masculino que cometeu homicídio ou latrocínio), foram empregados como instrumentos técnicos um levantamento de dados e a pesquisa documental (apêndice 1). Foi realizado um levantamento de todos (100%) os prontuários de jovens internos no CECAL, durante o período de julho a dezembro de 2004, que cometeram homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza.

O prontuário do adolescente interno no CECAL consiste em informações densas sobre a sua história de vida, o ato infracional cometido, as entrevistas semestrais com o serviço social do CECAL, o parecer da equipe técnica encaminhado ao juiz a cada seis meses, de acordo com as normas contidas no ECA, assim como a determinação judicial pela medida de internação do adolescente.

A pesquisa documental consistiu em um apanhado de parte desses dados considerados por nós relevantes para a caracterização do perfil do sujeito do estudo. Utilizamos uma abordagem quantitativa oriunda desses prontuários institucionais, que continham informações sobre a naturalidade, a idade registrada na ocasião do ato infracional, a família, a escolaridade, a vida profissional, o uso de droga, a situação jurídica, o sentimento do adolescente em relação ao ato ilícito, os sonhos para o futuro, as mudanças de vida que gostariam de fazer e a reação dos pais diante do ato cometido pelos filhos. Os registros contidos nos prontuários foram coletados pela equipe técnica do CECAL, composta de assistente social, psicóloga e pedagoga.

No item pesquisado sobre a situação jurídica dos adolescentes, para facilitar o estudo, os atos infracionais foram assim tipificados: contra a pessoa (homicídio, tentativa de homicídio, lesão corporal, ameaça de morte, violação de domicílio); contra o patrimônio (furto, tentativa de furto, roubo, roubo qualificado, latrocínio); contra a paz pública (formação de quadrilha, perturbação da tranquilidade, porte ilegal de arma).

Para realizar o segundo objetivo (analisar como o ato infracional atingiu a essência humana do jovem do menino que matou) foi empregada a entrevista semi-estruturada (etnográfica) com 09 informantes-chave (06 jovens internos e 03 funcionários do CECAL), trechos da pesquisa documental e a observação participante.

Para Trivinos (1992), a entrevista semi-estruturada é aquela que parte de questionamentos básicos que interessam à pesquisa e, a partir deles, surgem interrogativas ao

longo das respostas dos informantes. Com o intuito de facilitar o desenvolvimento das entrevistas, foi anexada a elas um guia de idéias, isto é, uma seleção de perguntas norteadoras previamente estabelecidas, explorando temas como: o crime e a culpabilidade, o relacionamento do jovem com a família, o uso de drogas lícitas e ilícitas, o arrependimento, os planos para o futuro e o que pode ser feito para a sua melhor reintegração na sociedade, na visão do próprio jovem. Como as entrevistas visaram ao diálogo, não houve regras nem ordem a essas perguntas. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e transcritas na íntegra com a utilização de pseudônimos.

Foi fundamental ouvir a opinião do próprio ator (adolescente) sobre os problemas sociais, para que, desta forma, conhecêssemos as suas táticas, suposições, mundo de vida, cotidiano, suas definições de situações. Para melhor compreender a vida do menino que matou, foram feitos seis relatos de vida dos adolescentes entrevistados.

Participaram das entrevistas meninos que tinham realizado tratamento odontológico com a pesquisadora. Achamos este fato relevante, pois o contato inicial, mesmo acontecendo entre dentista e paciente, serviu para estreitar laços de confiança e credibilidade em ambas as partes - entrevistador e entrevistado. Ressaltamos que o tratamento odontológico não está na relação de nossos critérios de inclusão para a entrevista etnográfica, porque, apesar de o fato ser relevante, preferimos deixar em aberto essa escolha do adolescente.

A empatia é sempre um pré-requisito favorável para um trabalho significativo. O observador deve trabalhar no sentido de tornar-se familiarizado com os informantes, de forma a despertar neles a confiança e o sentir-se à vontade em sua presença. É essencial a interação do pesquisador com os seus informantes.

Na entrevista, cada detalhe foi relatado, pois podia ser uma pista para estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do “menino que matou”. Abordar o mundo de forma minuciosa, gestos, atitudes, entonação do discurso, comentários, palavras e respostas

especiais, especialmente, a emoção, muitas vezes contida nos relatos de passagem de suas vidas, como também nos comentários sobre o ato infracional cometido, puderam, por muitas vezes, ser mais significantes do que as próprias palavras e esclarecer mais do que simples respostas.

Para realizar o terceiro objetivo, descrever perspectivas de planos para o futuro dos adolescentes internos no CECAL, e identificar ações educativas que favoreçam a sua reintegração na sociedade, aplicamos as entrevistas etnográficas, nas quais foram identificados planos para o futuro na visão do próprio jovem e dos informantes-chave e o que, na opinião deles, pode ser feito para uma reintegração saudável na sociedade do adolescente infrator. (Apêndice 1).

Com o intuito de enriquecer e verificar as respostas das entrevistas, empregamos a observação participante sobre as atividades e ações educativas, que constituem o cotidiano na vida dos jovens dentro do Centro Educacional, tais como: a formação profissional e orientação pedagógica; o acompanhamento social e psicopedagógico do jovem; a violência dentro do Centro; a dependência química e a existência de algum tipo de tratamento para drogadictos dentro da Instituição.

Na observação participante, o processo de análise foi contínuo: o observador percebeu temas importantes e pôde formular novos objetivos e novas hipóteses no desenrolar das observações. Refinou suas hipóteses, descartando outras ao confrontá-las com a experiência. Tudo foi anotado em um diário de campo, codificado e analisado junto às entrevistas etnográficas.

3.5 Processamento, Análise e Interpretação dos Dados.

Para compor o perfil sociodemográfico do menino que matou, os cálculos das frequências (porcentagem) de cada resposta foram calculados a mão. Os prontuários foram

analisados, tanto nas respostas objetivas como nos detalhes e entrelinhas que nos pudessem levar a uma análise mais profunda da situação de cada adolescente pesquisado. Foram montados quadros com números e porcentagens, para melhor visualização dos resultados encontrados na pesquisa.

As entrevistas etnográficas utilizadas para conseguir os objetivos 2 e 3 foram codificadas a mão. Foi feita inicialmente uma “leitura flutuante” do conteúdo e das falas e a “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 1977) foi realizada para definir os temas principais. Buscamos similaridades e diferenças entre os comentários, críticas e sugestões dos participantes, as quais foram anotadas pela observadora para uma reflexão do pesquisador na revisão final da intervenção das propostas. Finalmente, procedemos a uma “descrição densa,” capturando a interpretação cultural do pesquisado e a sua visão do mundo (GEERTZ, 1989).

Para descrever a “Passagem pela criminalidade,” juntamos os pedacinhos da vida de cada um deles, buscando encontrar os fatos, os acontecimentos que os levaram a cometer atos infracionais, qual o papel da internação em sua vida, como eles vêm a si próprios diante do ato infracional e o que poderia ser feito, na visão deles, para uma reintegração saudável na sociedade.

A partir dessa análise, emergiram as subcategorias que deram base para a preparação dos resultados: (1) A família: *doce como mel, amarga como fel*. (2) A infância. (3) “O mundo da malandragem”: *a sedução de novas sensações*. (4) A drogadição no mundo cão. (5) “Caindo na esparrela”: *o ato infracional*. (6) A internação: “a universidade do presídio”. (7) O mundo moral dos meninos. (8) A duvidosa recuperação: “*o menino já nasce bandido*”. (9) A esperança no que virá. (10) Volta ao mundo lá fora: *trilhando dificuldades*. (11) A liberdade e as juras de morte. (12) No final: “*marcado para morrer*”.

E por último, recomendações e dicas para uma intervenção educativa, que promovam aos adolescentes infratores egressos de centros educacionais uma reintegração social saudável.

3.6 Considerações Éticas

A pesquisa foi realizada de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, contidas na Resolução Nº. 196/96 da CNS – MS – Brasil, que incorpora sob a óptica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da Bioética – autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça - e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

As pessoas pesquisadas foram voluntárias e resguardadas quanto à sua dimensão física, social, cultural e espiritual. Os motivos e passos da pesquisa foram aclarados, assim como o uso de instrumentos de coleta, gravadores e diário de campo, utilizando-os somente com o consentimento dos sujeitos. Os nomes de todos os implicados foram reservados e substituídos, (com anuência deles) por pseudônimos. Na análise documental, foram também resguardados os nomes ali contidos.

As entrevistas foram realizadas com imparcialidade. Para isso, alguns cuidados éticos foram tomados. A pesquisadora não julgou os atos cometidos pelo entrevistado, e, quando se sentiu comprometida emocional ou psiquicamente ele, a entrevista foi suspensa ou não foi levada em consideração para a análise da pesquisa em foco.

Foi elaborado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2) apresentado e assinado pelos participantes. Uma carta de solicitação de entrada em campo na Instituição para desenvolver a pesquisa e o Termo de Autorização do Fiel Depositário para que pudessemos fazer uso dos prontuários foram devidamente aprovados e assinado, pela

direção do Centro Educacional (apêndice 5 e 6); tudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza.

Ressaltamos que todas as informações obtidas durante a pesquisa serão usadas somente para este fim, estando assegurados o sigilo e a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais na pesquisa.

Em síntese, todas as normas éticas foram cumpridas na íntegra para que pudéssemos realizar um bom trabalho e torná-lo uma ferramenta para entender e ajudar esses jovens marcados por uma vida tão cruel.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. perfil sociodemográfico do menino que matou

Neste item apresenta-se, em números e porcentagens, as principais características do menino que cometeu homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza e que cumpria medida socioeducativa no CECAL, no período de julho a dezembro de 2004. A naturalidade dos adolescentes pesquisados é essencialmente da cidade de Fortaleza.

4. 1. 1 – Estrutura familiar

Os resultados mostram que quase a metade dos meninos vem de famílias com pais separados; somente 31% possuem família agregada com pai, mãe e irmãos. Dentre os pais separados e viúvos, uns já possuem novos companheiros, levando parte desses meninos a ter padrastos (21,4%) e madrastas (14,2%).

O distanciamento da figura paterna é acentuado, atingindo a metade dos adolescentes. Os motivos da ausência são a morte do pai, por motivos variados como: meninos filhos de estupro, separação dos pais antes do nascimento do adolescente ou quando este ainda era criança. Dentre os que não convivem com o pai, 66,6% não o conhecem ou não se lembram dele. Concordando com a pesquisa, estão os dados achados por Oliveira (2001) em um levantamento realizado em 1998, nas unidades da FEBEM/SP, onde foi encontrado o fato de que o abandono dos lares pelos pais de adolescentes infratores alcançava 48%.

Morar com algum familiar não parece ter funcionado como um fator de proteção para esses jovens do CECAL, já que a maior parte, 88,2% dos adolescentes, mantinha vínculo familiar na época do cometimento do ato infracional, sendo que 33,3% residiam com a mãe e os irmãos e 26,2% moravam com ambos os pais. Silva e Guerese apud Assis (2005) confirmam esse dado, quando relatam que, em 1992, 81% dos adolescentes privados de liberdade no Brasil viviam com a família na época em que praticaram o delito.

A paternidade na adolescência alcançou índices elevados, pois 30,9% dos meninos, ao serem internos, já vivenciavam a paternidade ou foram pais logo após a internação. Para alguns, a paternidade não é novidade, pois já eram pais de outras crianças.

4. 1. 2 – Escolaridade

Os adolescentes em conflito com a lei são, em sua maioria, excluídos do sistema educacional. Segundo a pesquisa, somente 19% dos meninos freqüentavam a escola na época do cometimento do ato infracional. A evasão escolar foi mais acentuada no Ensino Fundamental, quando mais da metade deles, ou seja, 66,7%, deixou de freqüentar a escola, sendo a 5ª série a que possui o maior número de abdições. Entre os 42 adolescentes pesquisados, 14,2% eram analfabetos quando foram apreendidos.

Assis (2005) acentua que, em 2002, 51% dos adolescentes que cumpriam medida de internação no Brasil estavam fora da escola; no CECAL, a pesquisa encontrou um índice com uma magnitude bem maior, sendo 81% os que não freqüentavam nenhuma série formal quando foram apreendidos.

O sistema educacional prevê uma adequação entre a idade e a série a ser cursada, de forma que a Educação Infantil compreenda as crianças de 0 a 6 anos, o Ensino Fundamental envolva as crianças e adolescentes de 7 a 14 anos e os adolescentes de 15 a 17 anos estejam cursando o Ensino Médio (UNICEF, 2003). Para os adolescentes em conflito com a lei, o Ensino Médio está longe de ser uma realidade, no CECAL, pois apenas 7,1% cursavam esta faixa escolar quando cometeram o ato infracional. Na pesquisa realizada em 2002 somente 10,4% dos adolescentes que cumpriam medida de internação no Brasil haviam concluído o Ensino Fundamental (ASSIS, 2005).

Os motivos da evasão escolar foram também investigados, sendo as razões para o abandono: a falta de incentivo e de acompanhamento escolar pelos pais ou responsáveis,

somados ao desinteresse do próprio educando pelo estudo, constituíram o fator de maior relevância, somando 43,7%; o uso de droga foi relatado por 21,9% dos adolescentes; 21,9% deixaram a escola por terem cometido atos infracionais anteriores, passando a sofrer ameaças na escola; e 12,5% disseram que o motivo do abandono foi a necessidade de trabalhar para auxiliar com as despesas da família. De acordo com o UNICEF (2003) o impacto do trabalho precoce na educação é imediato.

4. 1. 3 - Vida profissional

A grande maioria dos adolescentes pesquisados, ou seja, 83,3% já tinham experiência laborativa antes da internação, sendo que entre os 35 meninos que trabalhavam, 54,2% já haviam exercido mais de uma colocação.

As funções mais exercidas foram a de servente de pedreiro, vendedor, mecânico de carro e motos, entregador de mercadorias e pintor de parede. Quando analisadas, notamos que a maior parte delas foi desenvolvida no mercado informal, sem vínculos trabalhistas e com baixos salários. São empregos braçais, que não necessitam de qualificação e que não exigem um grau de escolaridade alto e de “know how” para exercê-los, como se pode ver no quadro 1. Assis (2005) cita que uma parcela bastante representativa dos jovens infratores brasileiros já teve alguma experiência laborativa, em geral, no mercado informal.

O trabalho para crianças e adolescentes faz com que diminua para elas a oportunidade de crescimento e as mesmas chances no mercado de trabalho futuro, pois estão deixando de ter direito à escola, ao aprendizado, ao lazer e ao direito de viver com qualidade, contidos na Constituição Brasileira de 1988 (UNICEF, 2003).

Por intermédio dos prontuários, foram também pesquisadas as aspirações profissionais dos adolescentes. Quando são confrontadas as respostas dadas na pergunta funções já exercidas com aspirações profissionais, percebemos que surge nessa última uma qualificação

mínima nas funções aspiradas, a começar com o avanço de *servente de pedreiro*, que exerce o papel de auxiliar do pedreiro, para a de *pedreiro*, no caso, em questão seria o chefe do anteriormente citado.

Profissões que fazem parte do cotidiano dos meninos, como a de advogado, dentista e trabalhar com informática, que necessitam de estudo foram mencionadas apenas por 4 deles. Notamos que funções que podem ser exercidas como autônomas (vendedor, pintor, pedreiro, bombeiro hidráulico, eletricitista, jardineiro, marceneiro, carpinteiro, catador de material reciclável) foram lembradas, o que indica o leque de possibilidades que eles têm mais acesso para conseguir emprego.

O levantamento das oficinas e cursos freqüentados pelos meninos do CECAL revela que, em sua maioria, estas trazem pouco interesse para os adolescentes. Também não leva em consideração a tendência e a vontade do adolescente em aprender determinado ofício, pois são impostas, dependendo, tão-somente, do bloco no qual estejam alojados e ao qual foi determinada a oficina a ser freqüentada. A carga horária é insuficiente ao aprendizado, sendo ministrada cada uma delas apenas por 2 horas semanais. Também não emitem certificados que facilitem a vida profissional do adolescente ao sair da internação.

4 . 1 .4 – Uso de droga

As drogas lícitas e ilícitas na atualidade representam fator normalmente associado ao adolescente em conflito com a lei. Na pesquisa, esse índice alcançou quase a totalidade dos adolescentes, ou seja, 97,6% faziam uso de algum tipo de droga. Assis (2005) relata que em 2002, 85,6% dos adolescentes privados de liberdade no Brasil usavam algum tipo de droga antes da internação, o que demonstra a íntima relação dessas substâncias psicoativas com os adolescentes em conflito com a lei.

Muitos meninos consumiam mais de um tipo de droga, sendo em média 2,6 drogas

por adolescente. A maconha aparece como a droga mais utilizada, sendo consumida por 78,6%; em seguida, está o consumo de álcool, com 57,1%; a cocaína é a droga consumida por 23,8%, e o mesmo percentual 23,8% usava o *crack*. Os comprimidos consumidos (artane, hoyphinol, rivotril) foram somados, conjuntamente, e utilizados por 40,4% dos pesquisados; os inalantes, substâncias que podem ser introduzidas no organismo na aspiração pelo nariz ou boca, como a cola de sapateiro, éter, acetona, cheirinho da loló, lança-perfume, entre outros, foram usados por 26,2% dos adolescentes.

Alguns desses índices são equivalentes aos citados por Assis (2005), tendo como base a pesquisa realizada com adolescentes privados de liberdade no Brasil em 2002, que revela a maconha como a droga mais utilizada por 67,1% dos adolescentes, seguida do álcool (32,4%), cocaína/*crack* (31,3%) e inalantes (22,6%).

A idade para o início do uso de drogas variou entre 9 e 16 anos. A maconha aparece como a porta de entrada para o mundo das drogas para mais da metade dos adolescentes (56,1%), o álcool para 22%, os inalantes surgem como a droga inicial para 14,6% meninos, sendo entre elas a cola, pela facilidade com que é encontrada e o seu baixo custo, a mais utilizada entre eles. 2,4% dos adolescentes usaram pela primeira vez a cocaína, e 2,4% fizeram uso do *crack* e o comprimido foi a primeira droga para 2,4% deles.

Buscando mais dados sobre o uso de drogas, pesquisamos a dependência do álcool de parentes dos adolescentes. Constatamos que 38% deles possuem familiares alcoolistas, sendo que em alguns casos o menino tem mais de um parente com problemas, somando ao todo 20 familiares. Quanto ao parentesco dos envolvidos, os resultados mostram que o pai representa 55% dos familiares, em seguida aparecem os tios (25%), os irmãos (10%) e outros familiares (10%).

Foi observado também o número de parentes dos adolescentes envolvidos simultaneamente com drogas e atos ilícitos. Foram encontrados resultados bem distintos com

relação ao grau de parentesco do menino com seus familiares, a saber, os irmãos representaram a metade 50%, os primos 35%, somente 10% são pais e apenas 5% dos tios tinha envolvimento com droga e ato infracional. Fica assim evidente como o adolescente recebe influência de outros jovens, isto é, nessa fase da vida, eles são facilmente influenciáveis por outros meninos da sua idade.

Muitas vezes o adolescente não quer falar do ato infracional. Dos 42 adolescentes pesquisados, apenas um pouco mais da metade, ou seja, 52,4% deles, fez comentários sobre a ocasião do homicídio ou latrocínio. Dos que falaram sobre o ato infracional, 82% relataram ter feito uso de droga antes de cometer a infração, sendo que o álcool aparece como a droga mais utilizada, já que 68% dos adolescentes a usaram; tanto a maconha quanto o *crack* foram citados por 5,8% dos meninos que admitiram ter feito uso de droga antes de cometer o ato infracional.

Embora os eventos que envolvem álcool e violência não sejam suficientes para efetivar essa associação, de acordo com dados da OPAS (1993), o álcool está associado a 50% de todos os homicídios. Para Minayo e Deslandes (1998), o papel das drogas ilícitas e do álcool nos atos de violência não está claro, ou seja, é difícil determinar com precisão se as pessoas que cometeram atos violentos sob efeito de drogas ilícitas ou em estado de embriaguez provocado pelo álcool não teriam cometido essas mesmas transgressões em estado de abstinência.

4 . 1 . 5. A Situação Jurídica

Na pesquisa, a faixa etária de 16/17anos foi a de maior susceptibilidade ao cometimento de homicídio ou latrocínio. De acordo com Oliveira (2001), essa faixa etária é mais vulnerável em virtude das exigências sociais em relação a estes jovens, pois é nela que ele começa a procurar emprego, não encontrando ofertas no mercado empregador ou não preenchendo os requisitos mínimos, como a escolaridade necessária. Então, sente-se incapaz

de alcançar a tão desejada autonomia, indo procurá-la em outros meios, mesmo sendo estes ilícitos.

A pesquisa também mostrou que 42,9% dos adolescentes tinham precedente de internação, isto é, já haviam passado por internações anteriores. Matias (2004) cita nos resultados oriundos de investigação realizada no CECAL em 2004, com adolescentes que haviam cometido vários tipos de atos infracionais (homicídio, roubo qualificado, roubo, lesão corporal, atentado violento ao pudor, latrocínio, furto e furto qualificado), que a trajetória delituosa da maioria dos meninos (68%) apresenta em seu percurso passagens anteriores por outras instituições de privação de liberdade. A comparação entre os resultados obtidos na nossa pesquisa e na de Matias (2004) nos leva a concluir que delitos graves, como o homicídio, trazem um índice de primariedade bem maior, como podemos constatar, quando temos que, para a metade, ou seja, 50% dos adolescentes que participaram da pesquisa, esse foi o primeiro ato infracional de suas vidas.

No CECAL, o percentual de adolescentes primários foi de 38%. As pesquisas realizadas em 1999 e 2004 sobre o perfil dos adolescentes infratores no Estado do Ceará indicam que o índice de primariedade, em ambas, é de 50% (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

A idade com a qual os meninos iniciaram os delitos variou entre 09 e 17 anos. Sendo que a faixa etária entre 15 e 17 anos foi a mais vulnerável para a entrada na vida infracional. O número de crimes cometidos anteriormente pelos adolescentes reincidentes (62%) foi de 75 infrações, distribuídas da seguinte forma: 44 atos infracionais cometidos pelo grupo-homicídio, integrado por 12 meninos reincidentes, e 31 infrações cometidas pelo grupo-latrocínio, composto de 14 adolescentes reincidentes. O quadro 2 expõe os atos infracionais anteriores à internação cometidos pelos adolescentes.

Analisando os 12 meninos reincidentes do grupo-homicídio que praticaram os 44 atos infracionais expostos no quadro 2, verificamos que a maior incidência foram crimes contra o patrimônio; em seguida, os atos infracionais contra a pessoa e, com a menor incidência, os crimes contra a paz pública. Ao analisar o quadro 2 podemos verificar que antes de praticar o homicídio que os levou à internação, este ato infracional já havia sido praticado por 4 vezes.

Quadro 2 – Atos infracionais cometidos anteriormente à internação pelos 26 adolescentes reincidentes que praticaram homicídio e latrocínio. CECAL, Fortaleza, Ceará, Brasil, 2005. (n = 75 atos infracionais)

ATO INFRACIONAL	GRUPO-HOMICIDIO* (44 infrações, 12 adolescentes)	GRUPO-LATROCINIO** (31 infrações, 14 adolescentes)	TOTAL*** (75 infrações, 26 adolescentes)
Roubo	08 – 18,2%	06 – 19,3%	14 – 18,6%
Roubo qualificado	02 – 4,5%	03 – 9,7%	05 – 6,7%
Furto	07 – 16%	04 – 12,9%	11 – 14,8%
Furto qualificado	03 – 6,8%	02 – 6,5%	05 – 6,7%
Latrocínio	–	03 – 9,7%	03 – 4%
Ameaça de morte	–	02 – 6,5%	02 – 2,6%
Violação de domicílio	01 – 2,3%	01 – 3,2%	02 – 2,6%
Lesão corporal	09 – 20,4%	04 – 12,9%	13 – 17,4%
Tentativa de homicídio	04 – 9,1%	01 – 3,2%	05 – 6,7%
Homicídio	04 – 9,1%	01 – 3,2%	05 – 6,7%
Perturbação da tranqüilidade	03 – 6,8%	01 – 3,2%	04 – 5,3%
Porte ilegal de armas	02 – 4,5%	02 – 6,5%	04 – 5,3%
Formação de quadrilha	01 – 2,3%	01 – 3,2%	02 – 2,6%
TOTAL	44 infrações/ 100%	31 infrações/100%	75 infrações/100%

*Porcentagem calculada com denominador de 44 infrações.

**Porcentagem calculada com o denominador de 31 infrações.

*** Porcentagem calculada com o denominador de 75 infrações.

100* Número arredondado.

O crime mais comum cometido pelo grupo-latrocínio, formado por 14 adolescentes, foi contra o patrimônio. Em seguida, estão os crimes contra a pessoa e, a menor incidência está nas transgressões contra a paz pública. O roubo seguido de morte (latrocínio) já havia sido praticado 3 vezes pelos 14 adolescentes, antes do cometimento do latrocínio que os levou à sentença de internação.

4.1.6. O que sente em relação ao ato infracional

Os sentimentos vividos por 40 meninos, sendo 24 do grupo-homicídio e 16 do grupo-latrocínio, em relação ao ato infracional que cometeram, foram identificados, e se agrupam em quatro tipos de reações e emoções: o arrependimento, o não-arrependimento, os que se declaram inocentes e aqueles que justificam seu ato infracional. Nos prontuários dos 40 adolescentes que participaram, 35,7% dizem arrepende-se, 30% justificam o crime, 17,5% dizem não estar arrependidos pelo ato cometido e 15% se declaram inocentes.

Ao serem analisados estes dados com detalhes, percebemos que o arrependimento de ter cometido o crime é mais referido pelos adolescentes que cometeram homicídio do que nos relatos dos meninos que praticaram o ato infracional latrocínio, pois 10 (42%) adolescentes que cometeram homicídio se dizem arrependidos enquanto 5 (31,2%) dos que cometeram latrocínio se declaram arrependidos.

A metade do grupo-homicidio justifica seu crime, enquanto nenhum do grupo-latrocínio justificou o seu ato infracional. Todos (100%) do grupo-homicídio assumiram a autoria do crime. No grupo-latrocínio, 10 (62,5%) admitiram ter cometido o ato infracional, enquanto o restante disse ser inocente. O não-arrependimento é citado apenas por 2 meninos do grupo-homicídio, enquanto 5 do grupo latrocínio declaram não ter nenhum tipo de arrependimento.

Foi buscado nos prontuários dos meninos que cometeram homicídio o motivo que os levou a tirar a vida de outro ser humano. Obtivemos 18 respostas para esse questionamento. O crime premeditado, ou seja, quando a morte da vítima foi planejada, foi a resposta de maior frequência, com 44,4%. Que a vítima fazia ameaças de morte ao adolescente, e ao se defrontarem ocasionalmente, mataram antes, com medo de serem mortos por ela, foi o motivo dado por 22,2% dos meninos. O mesmo percentual (22,2%) disse que o homicídio ocorreu em uma briga, não tendo sido planejado; o fato teria sido circunstancial. Matar em legítima defesa

constitui uma forma peculiar de proteção à vida e 11,1% dos adolescentes declararam que não quiseram a morte do agressor, mas viram como única forma de resguardar a própria vida, a morte do dito atacante.

Os atos infracionais relativos ao furto e roubo, na visão dos meninos do grupo-latrocínio, são vistos como uma maneira mais fácil de ganhar dinheiro, pois, para a maioria deles, quando não se tem meios legítimos suficientes para obter as coisas desejadas, pode-se recorrer aos atos ilícitos. Para comprar drogas foi o motivo que levou 37,5% dos adolescentes a cometer o ato infracional. Conseguir dinheiro e fazer compras, no caso, “tênis” e “roupas de marca”, foi o relatado como o motivo por 37,5%. A possibilidade de momentos de aventuras, quebrando o tédio e o vazio e, proporcionando ao adolescente uma identidade junto aos seus pares, foi relatado por 25% dos adolescentes, fato comprovado nas respostas: *quis dar uma de macho e fui roubar por prazer e curtição*.

A razão pela qual o menino entrou na vida infracional na visão dos próprios adolescentes foi também investigada. O nosso universo foi de 37 adolescentes. O uso de droga foi a resposta mais freqüente dada por 46%; nesses casos, ele pode ter cometido homicídio quando estava drogado, não tendo, nesse momento de drogadição, o controle de suas ações, ou, quando vai às ruas para roubar em busca de dinheiro para comprar as drogas das quais ele é dependente químico. Dos 37 adolescentes, 40,5% consideram que as amizades com as quais conviviam, consideradas por eles próprios como *más amizades*, foram as responsáveis que os conduziram ao caminho do crime.

A rua é o lugar mais freqüente de roubos e furtos. Representa para o adolescente afastado de casa e fora de escola, a princípio, um local de liberdade, onde se pode fazer o que se quer; porém, aos poucos, vai se transformando, no mundo das brigas, das desavenças, da força, e muitas vezes, leva o menino ao encontro do mundo das drogas e do crime. A violência do pai foi citada por 8,1% dos adolescentes como o motivo que os fizeram procurar

o espaço da rua para fugir das agressões, e 5,4% culpam os desentendimentos com a mãe como a causa que os levou para a rua, tendo como consequência o cometimento dos atos infracionais.

4.1.7. Sonhos para uma Vida Nova

Os dados utilizados para compor os itens a seguir foram retirados analisando informações dos prontuários coletadas pela equipe técnica do CECAL (Assistentes sociais e Psicólogas), portanto sujeitas as interpretações dos técnicos, traduzindo assim a subjetividade e o olhar de cada um deles.

A vontade de refazer a vida é relatada pela maior parte dos adolescentes, ou seja, 92,9% dos meninos manifestaram a vontade de recomeçar a vida de uma forma diferente, depois de ter tirado a vida de um outro ser humano. Apenas 7,1% dos adolescentes, disseram não ter nenhum plano para o futuro.

As respostas se concentraram mais em morar com a família, trabalhar e estudar. Mudar de vida, se profissionalizar para ter uma qualificação e, conseqüentemente, um melhor emprego com um melhor salário é também sonhado pelos meninos. Ser livre não passando mais por internações, viver em paz e deixar as drogas, para alguns dos meninos, é o principal para um novo recomeço. O “ter” está nas respostas: ter mulher, ter dinheiro e comprar uma casa e viajar conhecendo novos lugares. Os sonhos dos adolescentes também refletem mudanças na maneira de “ser”, quando dizem que querem provar a inocência e ser um homem de bem.

5.1.8 O que você Mudaria na sua Vida se Pudesse

Dos 42 meninos pesquisados, 30, ou seja, 71,4% responderam a essa pergunta. Destes, 90% relataram que fariam mudanças em suas vidas se pudessem ter uma segunda

chance, ou seja, se pudesse começar a vida de novo. Dos 30 meninos que responderam, apenas 10% afirmaram não ter nada a transformar em suas vidas.

76,7% dizem que desejariam fazer mudanças de comportamento, de procedimentos e de condutas, isto é, queriam transformar o seu modo de viver. Essas mudanças envolveriam deixar de usar droga, por esta ser considerada a causa que os levou a cometer o ato infracional; não se envolver mais com amizades erradas é outra mudança que fariam se pudessem, pelo fato de que eles próprios consideram seus antigos “pares de rua” uma má influência; outros trabalhariam e estudariam, já que analisam estes fatores como importantes para afastá-los da sua situação atual. Mudanças que levariam a uma vida sem violência e sem crimes são reveladas em 39,9% das respostas dadas pelos meninos; o desalento, com o qual a vida trata esses meninos, é percebido na resposta de um deles, quando ele diz que se pudesse mudar a sua vida “queria ter uma casa”, isto é, um lar para morar.

13,3% dos adolescentes responderam que modificariam atitudes perante a vida, isto é, mostraram uma disposição para realizar mudanças interiores, modificando a maneira de ser e a forma de enfrentar os problemas. Em 50% das respostas dadas, as mudanças demonstram a vontade de ser uma nova pessoa, de mudar o jeito de ser e de afastar os pensamentos ruins, passando a conviver pacificamente com as pessoas; ter novos sentimentos e outra visão para a vida também foram citados; mudar o sentimento de angústia que sente ao lembrar do ato infracional revela o arrependimento sentido por um adolescente, quando ele olha para trás e vê o crime que cometeu, tirando a vida de uma outra pessoa. Ser uma pessoa diferente poderia levá-los a ter uma família mais equilibrada e a não cometer mais atos infracionais.

4 . 1 . 9 A reação dos Pais diante do Ato Infracional dos Filhos

É comum que as mães reajam ao crime do filho, tentando protegê-lo e justificar o seu envolvimento no ato infracional. Essas mães tentam repassar à instituição, onde os filhos cumprem a sentença, a imagem de *um bom filho*, de um *bom menino*. Das 29 mães que

responderam a essa pergunta, 44,8% tentaram justificar o crime do filho e, assim, inocentar o menino.

Quadro 3 – Respostas citadas pelas 13 mães que justificam o ato infracional do filho. CECAL, Fortaleza, Ceará, Brasil, 2005. (n = 26 respostas)

A REAÇÃO DA MÃE: JUSTIFICANDO O CRIME DO FILHO	NÚMERO DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM DE RESPOSTAS
Nega o envolvimento do filho no crime	07	26,9%
Culpa a droga pelas atitudes violentas do filho	07	26,9%
Diz que as amigas o influenciaram	05	19,2%
Diz que o crime foi em legítima defesa	02	7,7%
Diz que não soube impor limites ao filho	02	7,7%
Diz que ele é um ótimo filho	02	7,7%
Sente-se culpada pela vida de crime do filho	01	3,8%
TOTAL	26	100%*

100*Número arredondado.

Das mães que justificaram o crime do filho, 26,9% negam o envolvimento do menino no ato infracional, tirando-lhes a total responsabilidade diante do crime do qual foram acusados e pelo qual estão internos. Outras, em 26,9% das respostas dadas, apontaram o efeito químico da droga, não do filho em si, pelas atitudes agressivas e violentas do adolescente. Ainda, outras mães, em 19,2% das respostas, culpam *os amigos* e não *o filho* pela má influência e pela entrada destes na vida do crime. 7,7% delas justificam o ato brutal do filho, dizendo que eles mataram em legítima defesa. E, ainda, em 7,7% das respostas dadas, as mães imputam a culpa do crime nas suas próprias costas, quando falam: que não souberam colocar limites no filho ao longo de toda a sua infância e ensinar-lhes o que era correto e o que era errado. Para 7,7% das mães, o fato de o menino, *ser um ótimo filho* para ela, ameniza a sua condenação como um *bandido* ou *criminoso*. Sentir-se culpada por não ter proporcionado ao filho uma vida digna é um sentimento exposto por 3,8% das mães, pois, para ela, a vida do filho marcada pela miséria, pela violência, pelo abandono e pela falta de perspectivas faz com que não acredite na superação das adversidades, nem por ela nem pelo filho.

20,7% das mães enfrentam a participação do filho no mundo do crime de forma diferente, não justificando seus atos ilícitos. 10,3% declararam ter tentado afastar o filho do convívio familiar, colocando-os em abrigos, pois não conseguiam controlá-lo, não tendo condições de conviver com ele. 6,9% das mães internaram os filhos em centros para tratamento de dependência química, e disseram agir dessa forma para tentar curá-lo, como uma delas diz: *sempre fiz, e continuarei fazendo tudo para ver o meu filho livre de drogas e com uma conduta digna*. 3,4% declararam ter mudado de domicílio, indo morar no interior com o resto da família, por sentir-se ameaçada pelos inimigos do filho.

O desgosto por ter o filho interno em um centro educacional após o cometimento de um ato ilícito, é relatado por 20,7% das mães. Elas visitam os filhos e apóiam uma mudança de comportamento e de atitudes destes perante a vida, procurando estabelecer com eles boa relação mediante o amor responsável e exigente.

Se para quase a metade das mães pesquisadas os filhos são inocentes, para 6,9% a dificuldade é acreditar na recuperação dos filhos. Uma delas diz que não se entusiasma com o retorno do filho para casa, e só o aceita por uma obrigação imposta pela sociedade. A outra relata que o filho já está perdido nessa vida de droga e de assaltos e, que durante a última internação dele, solicitou ao Estado que não o liberasse, pois temia pelo que ele poderia fazer em liberdade.

O medo das reações violentas do filho, antes da internação, está presente na fala de 6,9% das mães; uma delas conta já ter chamado a polícia para controlar a violência do filho, que, quando está drogado, se descontrola, não sendo possível a ela conter seus atos agressivos, como diz: *quando ele está bom, é um filho excelente! Mas, quando está drogado é ignorante e difícil!* E a outra sente-se acuada pela violência do filho demonstrada contra ela e ao seu filho mais novo. Ela tem muito medo do filho e revelou que ele já tentou matá-la uma vez, usando para isso uma dose elevada de comprimidos para dormir.

Embora muitos dos meninos não convivam com a figura paterna, a reação dos pais diante do crime dos filhos também foi investigada na pesquisa, porém o pai está ausente para a metade deles, ou seja, para 21 (50%) dos 42 adolescentes que participaram da pesquisa. Por esse motivo, foi coletada a manifestação de apenas 13 pais, diante do ato infracional cometido pelo filho e de sua conseqüente internação.

Ao analisar as reações dos pais, podemos notar que eles são mais severos com os filhos do que as mães. 23,1% deles se dizem rigorosos, só aceitarão os filhos de volta ao lar se acatarem determinadas condições, como o não-uso de droga e o não-cometimento de atos ilícitos pelos meninos. As atitudes paternas, quando se trata de punir os filhos por comportamentos considerados inadequados, podem também ser violentas, como foi o caso citado. Por não aceitar os pequenos delitos cometidos na época pelo filho, o pai o tratava com violência, agredindo-o fisicamente desde os 10 anos de idade. Essas agressões levaram o menino, ainda criança, a procurar o espaço da rua para fugir da violência.

Esse tipo de reação violenta difere em muito das manifestações encontradas nas respostas dadas pelas mães, que, ao contrário dos pais, em sua maioria, tendem a *passar a mão na cabeça do filho*, não lhes impondo limites e, muitas vezes, sequer percebendo os erros do filho. Para muitas dessas mulheres, o papel de pai é exercido também por elas, tanto no que se refere à parte educativa como também à financeira, pois muitos pais abandonam os filhos tanto emocional como financeiramente. Dessa forma, elas passam a trabalhar fora de casa, ficando ausentes do lar a maior parte do dia, deixando os filhos à mercê dos seus *pares de rua*. Para elas, o pouco tempo que passam na companhia dos filhos deve ser de carinho e amor, não havendo espaço para repreensões e castigos. Matias (2004) concorda com o nosso achado, quando diz que as relações das mães com seus filhos expressam não só afeto como também um desejo intenso de proteção aos filhos.

30,7% dos pais justificaram o crime dos filhos, sendo que a metade considera o uso de

droga como o fator que o levou à vida de crime; nesses casos, o uso de droga pelo filho provoca nos genitores reações que vão desde a tentativa de curar o filho por medidas como a de não dar-lhe mais dinheiro, ou a procura da cura pela internação do filho em clínicas para tratamento de dependência química. Os outros culpam as amizades, das quais o filho se acompanhava antes do cometimento do ato infracional, como o fator desencadeante da má conduta do menino, pois afirmam que os filhos são facilmente influenciáveis.

Um dos pais inocenta o filho da acusação pela qual responde. E um deles não se conforma com o crime cometido pelo filho, achando que ele poderia ter evitado o crime em questão.

Para 15,4%, a internação do filho é encarada como um momento em que o adolescente deve ter o apoio da família, pois consideram que o filho pode se recuperar e ter uma vida melhor no futuro, contando para isso com a ajuda dos familiares. Esses pais se reaproximaram dos adolescentes na internação, para tentar ajudá-los nessa fase difícil de suas vidas, fazendo com que seus filhos tenham agora mais um motivo para sonhar e fazer planos para um futuro melhor: o reencontro com o pai.

No quadro 4 foram expostas todas as reações dos pais diante do ato infracional do filho.

Quadro 4 – Número e porcentagem de respostas citadas pelos 13 pais diante do ato infracional do filho. CECAL, Fortaleza, Ceará, Brasil, 2005. (n = 13 respostas)

A REAÇÃO DO PAI DIANTE DO ATO INFRACIONAL DO FILHO	NÚMERO DE RESPOSTAS	PORCENTAGEM DE RESPOSTAS
É rigoroso quanto aos atos ilícitos do filho	03	23,1%
O pai age com violência em relação ao filho	02	15,4%
Considera a droga a causa dos atos ilícitos	02	15,4%
Diz que as amizades o influenciaram	02	15,4%
O pai diz que o filho é inocente	01	7,7%
Acha que o filho poderia ter evitado o crime	01	7,7%
Reaproximou-se do filho na internação para ajudá-lo	02	15,4%
TOTAL	13	100%*

4.2 menino-homem: perfil antropológico

Abordaremos aqui relatos de histórias de vidas de seis adolescentes que emergiram dos seus discursos nas entrevistas, complementados pelas anotações dos prontuários e da nossa observação participante. Esses relatos foram feitos com o objetivo de conhecer melhor os adolescentes infratores na sua subjetividade.

4.2.1 BINHO, dezoito anos, moreno-claro, cabelos pretos, mais ou menos 1,55m de altura. Seu corpo é franzino, embora tenha feito exercícios regularmente para ficar com o físico mais atlético. Seus olhos são pequeninos de um preto profundo, traduzem curiosidade ao percorrer todo o consultório em busca de “bisbilhotices”. Ao ser convidado para participar da pesquisa, sentou-se no local determinado para a entrevista, e fez algumas perguntas tais como: *Essa entrevista não vai atrasar a vida da gente aqui?* É muito decidido, mede as palavras ao falar e em alguns momentos demonstra ser “o dono da verdade”.

Binho é filho único. O pai abandonou a sua mãe quando ela estava com 7 meses de gravidez e foi embora para o Rio de Janeiro, onde foi assassinado alguns meses depois. Nessa época, ele tinha 3 meses; aos 8 meses, a mãe, por precisar trabalhar, o entregou à avó materna, e ele foi criado por ela até os 14 anos, idade com a qual começou a desobedecer à avó, a sair de casa com amigos que ela não aprovava e a cometer pequenos furtos; *porque eu queria ter dinheiro para ir as festas* como ele próprio afirmou. Também principiou a usar maconha junto com os colegas do bairro. Quanto a essa questão, ele diz que nunca foi viciado, que só a usava por esporte e fez uso dela por aproximadamente 1 ano e 6 meses.

A avó lhe cobrava responsabilidades e reprovava seus atos ilícitos. Por fim, ela resolveu mudar-se para o interior e Binho foi morar com a mãe, dona Claudiana. Ela trabalhava como feirante e acabara de casar com um senhor também feirante,, mas o

relacionamento de Binho com o padrasto foi desastroso porque este não aprovava o modo de vida do menino, de farras e irresponsabilidades, como ele mesmo conta: *o meu padrasto fala muito mal de mim, e eu não gosto não. E é melhor evitar certas coisas...* Ele saiu da casa da mãe e nunca mais falou com o padrasto. Binho não se sente amado pela mãe, pois diz que, *mesmo depois que eu fui morar com ela por algum tempo, ela nunca me deu nada.* Dona Claudiana valoriza princípios como o trabalho digno e afirma que, quando criança, Binho trabalhava cuidando do gado com o avô e catando lata para ajudar na renda familiar. Ela assegurava na época em que o filho residiu junto a ela que ele já se drogava há 2 ou 3 anos e que passou a traficar drogas para manter o vício.

Nessa ocasião, ele já não freqüentava mais a escola, havia parado na 6ª série e o motivo do abandono foi desinteresse e as gangues das quais ele participava. Tinha uma namorada fazia uns 2 anos; conseguiu um emprego de ajudante de pedreiro com os tios maternos e resolveu morar com ela em um quartinho alugado por R\$30,00 por mês. Foi até a casa dela, falou com a mãe da menina e a levou consigo. Nessa ocasião, Binho gostava de sair para as festas, para os *shows* do Raça Negra, onde não se excedia na bebida, como fala: *Lá eu bebia um pouquinho, eu sempre tive meu paradeiro. Sempre sabia o limite da minha bebida, porque eu não gostava de beber para ficar assim dormindo nas festas não, eu achava isso horrível.* As vezes usava maconha, também ia à praia e gostava de conversar com as meninas. A ex-namorada, agora sua companheira, passou a fazer exigências, a ter crise de ciúmes; ele não gostou e a devolveu para mãe. O relacionamento dos dois durou aproximadamente 1 ano e 6 meses, porque, como Binho diz, *Ela tava com ciúme, queria me prender dentro de casa e não tava dando mais. Para mulher mandar em mim não dá...*

Após separar-se da companheira, ele foi morar com um tio materno, sua esposa e um filho em uma casinha de 2 cômodos; o tio trabalha em uma empresa de ônibus e nunca teve envolvimento com a lei. Binho continuava com a mesma vida de sempre, era desobediente,

gostava de sair, andava em más companhias, o tio tentava corrigi-lo, batia nele e isso o fazia ficar com raiva. Aos 15 anos, ele já cometia assaltos, andava sempre armado, era impetuoso, não tinha medo de nada e tinha um parceiro inseparável chamado Toddy. Ao ser questionado a respeito de um pequeno defeito que tem em um dos dedos da mão esquerda, conta que ele e Toddy estavam à beira de um rio, quando encontraram algumas balas molhadas de revólver, passaram a discutir se essas ainda explodiriam. Binho dizia que não serviam mais, então resolveu testá-las, colocou a bala no cilindro do seu revólver, levantou a mão esquerda para cima, apontou a arma e atirou... A bala ainda prestava, ele quase perdeu todo o dedo. Conta a história como um ato de coragem e bravura.

O tio morava em um bairro da periferia de Fortaleza, onde a violência é o cotidiano; as pessoas andam armadas, apontam a arma para os outros e o policiamento é deficiente, como Binho mesmo diz: *Lá tem policia, mas só que eles esperam a policia passar primeiro e depois, sai para o meio da rua com um deboche pela policia, tá entendendo? Aí, aponta a arma, atira prá cima, e eu não gosto de dizer nada não, porque eu não gosto de pegar fama de cabueta. Porque lá o sistema é assim: se for passando a viatura e a pessoa for dizer alguma coisa a policia, ela pega fama de cabueta, e cabueta lá dentro, morre, eles matam mesmo. Lá é desse jeito, lá e em qualquer canto é desse jeito.*

Hoje ele responde por um roubo qualificado e por um homicídio que, segundo os autos judiciais, cometeu junto com o parceiro Toddy. O relato conta que ele havia emprestado uma arma de fogo a um colega conhecido como “frango” que andava sempre armado, pertencia a uma gangue, usava droga e já havia ameaçado de morte Binho e o companheiro, algumas vezes: quando o via, chegava para perto dele, puxava a arma e ficava apontando para Binho, que o enfrentava! Quando ele foi lhe cobrar a arma, este se irritou dizendo que não iria devolvê-la, fazendo ameaças a Binho e a Toddy, falando que mataria os dois ainda naquele dia! Binho sentiu-se ameaçado, pois sabia que um dia acabaria morto por ele e resolveu agir

antes: calculou conscientemente como faria para matá-lo. O seu parceiro tinha uma arma, ele a pediu emprestada, voltou em casa, armou-se e, juntamente com o parceiro, foi cobrar a arma novamente; lá discutiram. Frango deu-lhe dois tiros, atingindo-o na cabeça e no abdômen. Binho revidou com 3 tiros, levando o colega a óbito. Os autos também revelam que se obteve prova contundente da materialidade e autoria do crime, pois Binho e Toddy confessaram a autoria. Na versão de Binho, ele diz que o parceiro não participou e que está preso no IPPO há 3 anos, injustamente. Conta que ele apenas emprestou a arma usada para matar o colega, sem saber com qual finalidade ela seria usada (Sic).

Foi preso pelo crime cometido em 2002. Passou 45 dias em um centro educacional, esperando a sentença do juiz. Como não houve durante esse período a decisão judicial, foi colocado em liberdade, indo morar com os avós no interior, onde trabalhava cuidando da roça e das ovelhas com o avô. Dois anos após, em 2004, depois de ter ido para o interior, recebeu a ligação telefônica da mãe: o juiz finalmente daria a sentença. Foi sentenciado com a internação no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), onde está há 12 meses. Está matriculado no Supletivo Fundamental II, que concederá o certificado de conclusão do 1º grau. Apresenta um rendimento satisfatório. É assíduo, pontual, interessado e participativo. Respeita as normas da casa, não tendo tido nenhum envolvimento durante o período de internação. Tem um bom relacionamento com os outros adolescentes, com monitores e com os profissionais do Centro Educacional.

Não recebeu visitas da família por muito tempo, sendo os contatos estabelecidos mediante de telefonemas; entretanto, o tio materno com o qual morou, vem demonstrando interesse em fazer um acompanhamento sistemático ao socioeducando e recentemente o visitou, fato que trouxe para ele muita satisfação. Os tios querem ajudá-lo se ele se portar corretamente após a sua liberação. Ele compreende a sua parcela de responsabilidade no distanciamento entre ele e a família, que diz ter acontecido pelo fato de os familiares não

aceitarem as suas condutas ilícitas: *Só eu que tava sujando o nome da minha família. Meus tios já passaram por necessidade e nunca fizeram nada de errado.* Dona Claudiana tem consciência dos erros cometidos pelo filho, assumindo uma atitude crítica. Ela diz: *Eu sabendo que ele está aqui, sei que ele está vivo.* Recentemente ela teve que deixar seu emprego, sua casa e fugir para o interior, pois estava sendo ameaçada juntamente com o marido pelos inimigos de Binho.

Ele fala que se arrepende do homicídio e aceita a internação como punição: *Entendo o meu erro... Eu to aqui dentro porque estou pagando uma coisa que eu fiz.* Diz que quando sair quer mudar de vida, dar orgulho à mãe e tentar conviver bem com seu padrasto. Quer trabalhar e não se envolver mais com más companhias.

4.2.2 CARLINHOS, dezoito anos de idade, tem a cor branca; os ombros largos, o cabelo de um castanho-claro é cortado bem curto. Os olhos pequeninos traduzem a angústia que sente em estar interno no CECAL. A vontade de ir para casa para junto da mãe está escrita no seu rosto sério, de quem pouco fala, mas muito sonha... Sonha com a liberdade, com a vida na família. Os braços musculosos e tatuados com desenhos e frases que podem contar um pouco da história da sua vida falam principalmente de Deus e da mãe. Eis algumas das frases escritas: *O senhor é meu pastor e nada me faltará, Deus é pai, só Jesus me salva e só Deus pode me julgar, Fé em Deus que ele é justo, Amor só de mãe.*

Sua família é numerosa. Os pais se separam já há 13 anos. Tiveram 3 filhos, sendo ele o filho mais novo do casal. Após a separação, ambos constituíram novas famílias, tendo outros filhos com os novos companheiros. Carlinhos tem uma relação edípica com a mãe que, no seu modo de ver, traiu o seu amor com o novo companheiro e com o nascimento de um irmão mais novo no início da sua adolescência. Esse fato, como foi constatado pela psicóloga, ocasionou uma experiência desprazerosa de ansiedade e angústia, resultando em

comportamentos desorganizados e humor oscilante, pois ora está triste, chegando até a chorar, ora está bastante animado e confiante de que tudo transcorrerá da melhor forma possível. Quando se lembra da sua infância vivida lá no interior do Ceará, diz que gostou muito e que foi bastante feliz. Fala que: *mesmo naquela vidinha de pobre, eu era feliz, era um cara brincalhão, brincava todo o tempo...* Enche os olhos de lágrimas, vira o rosto para o lado, suspira e diz: *Eu voltava ao tempo de criança...* Hoje, os irmãos mais velhos já fizeram a sua vida, saíram de casa, casaram e estão distanciados da mãe, revelando assim laços e vínculos afetivos fragilizados.

Carlinhos nunca teve muito interesse pelo estudo, e, na fase de pré-adolescência, para ficar mais perto da escola, foi morar algum tempo com o pai e com a madrasta em uma cidadezinha próxima do local onde residia com a mãe; mas ele não se dedicava ao estudo; o pai dava-lhe conselhos, ao que ele dizia: *Não se preocupe que eu sei me virar*, por fim, retornou para a casa da mãe onde sabia que teria mais liberdade. Nessa época, ela morava com o filho mais novo em uma casa própria de 3 cômodos, construída em um terreno cedido pelo dono do sítio do qual a mãe foi caseira durante muitos anos. A casa era mantida por dona Antonia com a criação e venda de galinhas, que serviam também como alimento para a família. Ela vendia, além das galinhas, os ovos, e também lavava roupa e colhia feijão para complementar o orçamento doméstico; recebia do programa do Governo - Bolsa Escola - a importância de R\$ 15,00 por mês e a cada 2 meses o “vale-gás”. O pai do seu filho mais novo contribuía também com R\$20,00 por mês.

Na adolescência, Carlinhos começou a trabalhar cedo, pois queria ajudar a mãe no sustento da casa. O dinheiro ganho no trabalho também era gasto com álcool, passando a se exceder nas festas quando ingeria às vezes mais de um litro de cachaça. O tempo ia passando e aos 15 anos ele já bebia demais, não precisava de festas, se excedia mesmo em casa, apesar dos apelos da mãe. Quando saía para a rua, freqüentava os bares, bebia muito e, com a

dificuldade que possuía de controlar o mau humor e os impulsos, acabava metido em briga, sendo, por isso, duas vezes acusado de lesão corporal, o que lhe acarretou muitos inimigos na Cidade. Ele mesmo afirma que: *Quando bebia sempre sentia uma vontade forte de querer matar alguém, sem motivo, matar qualquer pessoa.* A mãe, por sua vez, o achava um adolescente tranqüilo, organizado e trabalhador. Dona Antônia diz que, de todos os seus filhos, Carlinhos foi sempre o que lhe demonstrou mais apego, preocupando-se com a sua saúde e bem-estar. Afirma que não suspeitava da conduta inadequada do filho e de que ele já havia usado droga, porém tinha conhecimento que fazia uso de bebida alcoólica.

No dia do crime, estava trabalhando na propriedade de Sr. Pedro, e começou a beber durante o trabalho, ingerindo meio litro de cachaça. No final da tarde, dirigiu-se à casa de sua mãe, tomou um banho e disse-lhe que iria sair para casa de um amigo. A mãe tentou dissuadi-lo do intento, mas não teve êxito. Chegando à casa do amigo, soube que Débora, a vítima, tinha bebido bastante e feito confusão na casa do vizinho, momentos antes. Débora era uma mulher mais velha, já havia se envolvido em vários relacionamentos amorosos dos quais nasceram 4 filhos. Carlinhos nutria por ela uma atração, um desejo de possuí-la. Ele ficou bebendo com um amigo; mais tarde saiu para uma festa, onde veio a encontrar Débora que o convidou a ir a outro local à procura de seu namorado que a havia traído; em troca, ela “ficaria” com Carlinhos mais tarde; ele aceita a proposta e oferece a ela mais bebida; ela aceita. Nesse momento todos já haviam bebido bastante.

Carlinhos estava de bermudas com a camisa no ombro, e uma faca na cintura, pois costumava andar armado. Durante a caminhada, ele coloca a mão no ombro dela, ela o rejeita, Carlinhos se afoba e a empurra, ela caí no chão... Ele começa a perder o controle, ela se assusta e promete novamente que se entrega a ele mais tarde... Ele diz para ela calar a boca... Ela insiste: *já falei que fico com você depois*, ao que ele responde que não a quer mais. Débora continua insistindo, ele a empurra agora com mais força até ela rolar no chão, o álcool

na cabeça, o descontrole emocional, o sentimento de rejeição, a faca no cós ... Ela o provoca, ele puxa a faca e a esfaqueia até a morte. Foram 40 facadas que deixaram a lâmina da arma empenada em razão da brutalidade do crime.

Após o fato consumado, Carlinhos lavou as mãos e a arma do crime, voltando para junto dos amigos... Pediu dinheiro emprestado a um deles e contou o ocorrido. Ele lhe negou o dinheiro... Pediu refúgio na casa de outro amigo, ele lhe negou abrigo... Voltou então para a casa de sua mãe, onde permaneceu até ser detido pela polícia. Foi sentenciado à internação. No início, tinha crise de melancolia e tristeza muito intensas e freqüentes, caracterizando um humor depressivo. Tinha dificuldade de adaptar-se, de conviver com os outros adolescentes, por esse motivo foi transferido duas vezes entre os centros educacionais.

Agora Carlinhos está afastado da família há quase 3 anos. A reflexão durante a internação o levou a um arrependimento profundo. O encontro com Deus, vindo através de um dos monitores que levava a ele a palavra de Deus, também foi um fator de mudança em sua vida, como ele mesmo conta: *... às vezes quando é a noite, tem o plantão dos irmãos aqui que são religiosos e faz uma oração com a gente, ora e prega a palavra, a gente escuta e tenta entender o que ele falou... .* A mãe o visita pouco, pois mora no interior e não tem disponibilidade financeira para viajar até Fortaleza. Ele se sente inseguro em relação ao amor da mãe, embora ligue para ela quinzenalmente. Dona Antônia diz que o filho está mais amadurecido, mais calmo, que reconhece seus erros e pretende redirecionar a sua vida. Ela acha que ele realmente está conseguindo mudar. Afirma que estará sempre ao lado do filho e fará o possível para ajudá-lo. Elaborou planos para o futuro dos dois incluindo mudar de Estado. Querem ir morar no Maranhão, onde ela tem alguns parentes, já que o filho não pode voltar para o local onde aconteceu o crime, pois sofre ameaças da família da vítima e isso o levaria com certeza à morte.

No CECAL, ele apresenta boa adaptação e responde adequadamente ao cumprimento da medida que lhe foi imposta. Procura estabelecer boa integração com os funcionários e demais internos, não se envolvendo em situações inadequadas. Já cursou a oficina de arte, de bijuteria, e atualmente faz o curso de Computação, mas fala que gostaria de fazer uma oficina de mecânica de automóvel ou de moto. Em sala de aula, cursa o EJA III que corresponde à 2ª série do primeiro grau. É atencioso e esforçado, cumpre horário e as atividades propostas; na leitura, tem dificuldades, mas se esforça ao máximo.

O dia da liberdade se aproxima, e com ela, os sonhos, os planos de ir embora com a mãe para o Maranhão estão saltitando em sua cabeça... Carlinhos confia em um futuro melhor, com a mãe junto dele, voltar a estudar, ter uma casa, uma família: *Eu acho que eu tenho um sonho, e que eu vou realizar esse sonho, que é só eu querer. O que eu preferia numa vida era a minha mãe perto de mim, minha mulher, meus filhos, ter meu estudo, porque estudei muito pouco, ter a minha casa própria, enfim trabalhar e sustentar a minha família. Eu acho que eu não queria ter uma vida de dinheiro, com muito dinheiro, carros, e que não traga a felicidade para um homem e uma mulher. Eu acho mesmo, o que eu penso mesmo que traz a felicidade para a vida de um homem não é o dinheiro, não é a riqueza, mas sim a riqueza de Deus, essa daí é a única riqueza que podemos receber e buscar, é a única riqueza que eu acho que tem valor e é pra sempre a riqueza de Deus... E digo sempre aqui o que eu aprendi muito foi com os irmãos, foi isso daí. Eu aprendi a compreender a palavra, e eu agora já tenho a minha bíblia e tento entender, por isso agora sou um pouco mais apegado a Deus e com a religião. A minha vida de ir pra frente, não é aquilo não, agora é só com o estudo, meu trabalho, minha família e só isso.* Carlinhos estava radiante de alegria no dia da sua liberação; os olhos não traduziam mais angústia e sim esperança. Carlinhos não conseguiu ir embora com a mãe para outro Estado como havia planejado; viveu seu sonho de esperança apenas 3 meses; morreu assassinado.

4.2.3 DADO, dezoito anos de idade, tem a pele clara, os cabelos são cacheados e um pouco alourados. A estatura é mediana, o corpo franzino, tem um olhar abatido de quem olha para o passado procurando talvez o perdão de si próprio para o ato que cometeu. É um menino educado, gentil e triste. Seus pais são separados há mais ou menos 12 anos. Na época da separação, o pai contribuía com algumas latas de leite, porém, depois não ajudou mais a mãe com a alimentação do menino. A última vez que teve contato com o pai tinha por volta de 8 anos de idade; não se lembra do rosto dele direito e considera a mãe, dona Rosa, *seu pai e sua mãe*. Dado é o único fruto desse relacionamento, tendo sido criado pela mãe e pela avó materna, sendo muito mimado por ambas. Tem uma relação afetiva, respeitosa e forte com a mãe e a avó. Para ele a presença da avó, Dona Mazinha, é muito importante, e a da mãe, a mais significativa em sua vida.

Dois anos após a separação, dona Rosa constituiu outro matrimônio com o Sr. Misael, com o qual Dado se relacionava muito bem. Ele fez um pouco do papel de pai, como diz Dado: *Me trata como a um filho.*; porém, durou pouco tempo, pois o Sr. Misael, ao ser abordado por um adolescente durante um assalto, reagiu matando o menor. Foi preso, julgado e condenado por homicídio, cumprindo pena já há 7 anos. Das visitas íntimas entre dona Rosa e o Sr. Misael, nasceu Camila, hoje com 4 anos. Dado passou a sua infância no bairro Antonio Bezerra, próximo ao frigorífico Frifort, na periferia da cidade de Fortaleza, que ele descreve como um *bairro diferente, onde as pessoas são pobres, mas são honestas e se ajudam*. Lá os familiares residiam próximo uns aos outros. Quando ele ainda era criança, um de seus primos foi atropelado perto de casa. Esse foi o motivo pelo qual a família mudou-se, indo residir na Barra do Ceará, um grande bairro da Cidade, onde usar droga é comum e a violência é muito grande. Moravam juntos Dado, a avó Dona Mazinha, a mãe, dona Rosa, a irmã Camila, uma tia que é deficiente e uma prima de 10 anos.

A família sobrevive com a aposentadoria da avó e o salário de dona Rosa como empregada doméstica. Até 14 anos Dado levava uma vida normal, ia à escola, era estudioso, cursava a 5ª série do ensino fundamental. Foi quando passou a voltar todos os dias da escola com os amigos que vinham fumando maconha, conversando e brincando pelo caminho. Um dia pediu a eles que o deixassem experimentar, pois estava muito curioso para saber como era. Provou e gostou. A partir de então, passou a usar maconha quase que regularmente para ficar “*numa boa*”. Depois começou a usar álcool e outras drogas como comprimido, especificamente, o roxyphinol. Desde então, muita coisa mudou em sua vida: perdeu a vontade de estudar, não tinha mais interesse em ir para a escola. A mãe tentava resguardar o filho, dizendo: *olha meu filho, se você não quer estudar tudo bem, mas fique aqui pertinho de mim para não fazer coisa errada.*

Também tinha decidido trabalhar, pois se preocupava com a situação financeira precária da família. Já tinha então conseguido uma vaga no mercadinho e começaria na segunda-feira posterior ao ato infracional. Tinha amizade com um primo que já havia se envolvido com droga e em atos infracionais. Dona Rosa tentava dissuadi-lo a não sair com ele e a não ingerir bebida alcoólica, mas nem sempre conseguia. Em um domingo, no mês de julho de 2002, o primo o chamou para ir a um boteco. Estavam bebendo já há horas, quando apareceram dois conhecidos maiores de idade. Sentaram-se à mesa e passaram a beber e a jogar conversa fiada fora. E, nessa conversa, um deles os convidou para fazer um assalto; Dado nunca havia praticado atos infracionais, tinha apenas 15 anos, era curioso, havia bebido muito... O bastante para decidir ir com eles, armar-se de um punhal e seguir rumo a um novo caminho de vida.

O assalto foi realizado no mesmo bairro em que moravam. Não conheciam a vítima, era apenas alguém que estava passando na hora errada e no local errado; era do sexo masculino, tinha aproximadamente 30 anos de idade, casado e com filhos. A vítima residia

também no mesmo bairro em que foi assaltado. Dado fala que na hora do crime não sabe o que aconteceu com ele: que ficou doido, que parecia ser outra pessoa, *parecia que o demônio tinha entrado dentro de mim*, afirma. Durante o assalto, a vítima reagiu, o primo e os outros maiores de idade bateram nela, e Dado a matou com o seu punhal, dando-lhe 7 facadas. Ele diz: *O começo disso foi só por curiosidade mesmo... Entrei na maconha que só trouxe coisa ruim para mim. Nunca pensei em matar ninguém*. E fala também que o álcool foi o que o levou a cometer o latrocínio, pois se não estivesse alcoolizado não o teria feito.

Dois dias depois do ato infracional, Dado se apresentou na delegacia e assumiu a autoria do crime. Ele foi levado para o Centro Educacional Patativa do Assaré, onde ficou 45 dias aguardando a sentença. Como esta não foi promulgada durante esse período, retornou para casa. Dona Rosa diz que não sabia do envolvimento do filho com drogas, já que ele nunca tinha chegado á casa “drogado”, mas era consciente de que o filho, ainda menor de idade, fazia uso em demasia de bebida alcoólica. A população do bairro ficou revoltada com o crime e ele passou a receber ameaças na escola, e deixou então de estudar na 6ª série do Ensino Fundamental.

A sentença de internação só foi anunciada em janeiro de 2003. Ele foi interno inicialmente no Centro Educacional São Francisco, onde não se adaptou bem, sendo, por isso, transferido para o Centro Educacional São Miguel. Em setembro de 2003, foi transferido para o CECAL, por um acordo entre as duas casa:, lá evita envolver-se em situações de conflito e cumpre normas e regras estabelecidas pela Instituição. Recebe visitas regulares da mãe e da avó, tendo uma relação de muita afetividade com ambas. Acha a internação justa, arrepende-se muito do que fez e não gosta de falar no ato infracional, ficando envergonhado, principalmente no tocante à condição da perda de uma vida humana. Quando questionado sobre o que mudaria na sua vida, diz: *Se pudesse, gostaria de ser uma nova pessoa*. Pediria perdão primeiramente a Deus e depois à sua família, em especial à sua mãe, por saber que ela

sofre bastante com o que aconteceu. Se encontrasse alguém da família da vítima também pediria desculpas, muito embora ache que eles não as aceitariam. Acha que o perdão não depende do crime cometido, mas do arrependimento de cada um. Para ele, *o perdão está dentro do coração da gente, se você se arrepender de coração ta perdoado*. Dona Rosa, durante as visitas semanais que faz ao filho, sempre fala na família da pessoa que morreu, diz que tem pena, e sempre diz que o ato do filho foi errado e pergunta se ele está arrependido.

No CECAL, já freqüentou as oficinas de conserto de eletrodoméstico, vassouraria, vime e informática. A sua pretensão profissional é ser mecânico de automóveis. Diz que esse sempre foi o seu sonho e pretende fazer um curso profissionalizante lá fora. Ao sair, vai trabalhar em uma oficina de bicicleta de propriedade de um amigo, para contribuir no orçamento familiar. Freqüentou no CECAL o Ensino Fundamental II, onde concluiu com sucesso quase todas as disciplinas que correspondem a conclusão do 1º grau, é assíduo e participativo, deseja ao sair, dar continuidade aos estudos concluindo o 2º grau, desta forma qualificando-se melhor para o mercado de trabalho. Já está interno há 2 anos e 6 meses, devendo ser liberado na próxima audiência. Quer voltar a ter uma vida junto da mãe e da avó, estudando e trabalhando.

Quando perguntamos se voltará novamente para o bairro onde tudo aconteceu, seus olhos tristes brilharam por um instante ao dizer que *Logo depois da sua internação a mãe vendeu a casa na Barra do Ceará comprando uma outra na favela do Bubu ,no bairro Antonio Bezerra onde ele passou a infância e que lá as pessoas continuam pobres, mas ainda são honestas e se ajudam*. Dado foi desligado do CECAL em julho de 2005 e transferido para o Centro de Semiliberdade Mártir Francisca, através de uma progressão de medida. Lá ele deverá fazer cursos e ser acompanhado sistematicamente pelos profissionais.

4.2.4 MARCELO, dezenove anos de idade, moreno claro, quase 1,80 de altura, ombros largos, físico atlético. Tem o rosto comprido, um nariz do tipo “árabe” sem exageros; o sorriso é bonito, os olhos castanhos são grandes e vivos, tem um ar de quem quer viver a vida em um só fôlego, de quem tem pressa, de quem tem determinação. A pele, as unhas das mãos e dos pés mostram que é cuidadoso consigo; a sua aparência é impecável.

Cursava o 1º ano do 2º grau em uma escola pública na época da internação. É o segundo de 3 filhos, tem 1 irmão e 1 irmã. Mora em um bairro da periferia de Fortaleza em casa própria com 6 cômodos. Vem de uma família agregada: pai, mãe e irmãos; o pai, Sr. Nelson, é eletricitista; a mãe, Dona Márcia, é funcionária pública. A relação familiar sempre foi de união. Os pais fazem questão de estar perto dos filhos, marcando passeios e viagens juntos e comemorando as datas importantes em família. Marcelo, porém diz que a sua infância não foi muito boa porque ele sempre tinha problemas com os pais. Era um menino *travesso*, gostava de fazer *traquinagens* e de *arengar*. Era irrequieto, brigava com os irmãos, especialmente com o mais velho. Com ele pleiteava tudo, tinha uma *rixa* muito grande, concorriam no esporte e também disputavam à atenção e carinho dos pais. Quase sempre as disputas acabavam em pancadaria. Isso fazia com que os pais, por muitas vezes, ficassem furiosos e brigassem com Marcelo, mas, apesar desse problema, ele e o Sr. Nelson eram muito amigos.

Por ser muito impulsivo e curioso, quando entrou na adolescência, entre 13 e 14 anos de idade, sentiu necessidade de viver coisas novas. Não pensava duas vezes para conhecer algo novo e sempre achava que era certo o que fazia; para tudo tinha a curiosidade de saber se aquilo era bom ou ruim. E uma das suas curiosidades foi a de conhecer as drogas, como ele diz: *Quando você entra no mundo das drogas sempre se acha o esperto, porque assim como dizem, é o mundo da malandragem*. Ele conta que: *via sempre uma turminha de jovens na esquina de casa numa boa curtindo um fumo, e pensava que ali estava a felicidade! Via todo*

mundo andando bonito, todo mundo com dinheiro, sempre acompanhado de mulheres, os rapazes eram famosos, era como você ser um super herói, você ser capaz de fazer e de ganhar dinheiro da maneira mais fácil.

Começou, então, a sair de casa, a se envolver com más companhias, a usar álcool e a passar a noite na rua para usar drogas ilícitas. A primeira experiência foi com a maconha, depois passou a usar comprimido e pedra. Também fazia uso de duas drogas ao mesmo tempo como conta: ... *esfarela a pedra, esquentando na lata e mistura com a maconha, depois fuma.* Os pais o aconselhavam a não sair, a evitar certas companhias; passavam noites de vigília esperando que Marcelo voltasse das *farras*. Até que começaram a se conformar com a situação do filho, porque viam que ele queria essa vida. Não sabiam dos seus envolvimento ilícitos, não tinham idéia de que ele fazia assaltos e roubos para conseguir dinheiro e comprar droga, pois ele sempre os cometia bem distante de casa e tinha continuamente o cuidado de não usar droga na presença dos pais, como ele fala: *Eu sempre fui uma pessoa que virava a noite para usar droga, mas com meus pais eu não usava. Porque eu não queria estragar o pouco da boa imagem que eles ainda tinham de mim, eu não queria estragar isso totalmente. Então eu evitava, e se eu fosse fazer aquilo (assalto), fazia escondido, fazia distante de casa..*

Aos 15 anos, apresentava graves alterações de comportamento, passando a ter somente amizades, como diziam seus pais, *diferentes e negativas*. E assim afundava-se cada vez mais no mundo das drogas, no que ele mesmo denomina de *o mundo da malandragem*. Começou também a usar álcool constantemente, modificou o comportamento dentro de casa. O relacionamento familiar tornou-se conflituoso; passou a não falar mais com o pai e, quando ficava nervoso, quebrava as coisas dentro de casa. Em seguida saía para a rua, consumia drogas (*crack*, maconha, comprimido) e voltava mais calmo. Os pais desconfiavam do uso de droga, mas não tinham a certeza. Marcelo tentava esconder deles que já havia passado dos limites. Aos 16 anos foi encontrado portando uma arma de fogo; ficou detido na Delegacia da

Criança e do Adolescente, mas foi liberado, não tendo sido tomada nenhuma providência quanto a esse fato.

Em 2003, ainda com 16 anos, em um desses assaltos, aconteceu que a vítima reagiu. Marcelo estava drogado e puxou o gatilho, matando-a. O crime cometido é considerado por ele próprio como *bárbaro*, pois sabe que a dor pela perda de um ente querido é muito grande. Após a acusação, passou 45 dias no Centro Educacional Patativa do Assaré, aguardando a sentença, que foi a de internação no CECAL. O Sr. Nelson, quando fala do filho, mostra-se rígido no que se refere ao ato infracional. Dona Márcia, entretanto, põe dúvidas quanto à autoria do crime, mas não se recorda onde o filho estava na hora do fato. Marcelo arrepende-se muito do ato que cometeu e, diz que se pudesse voltar atrás mudaria o rumo que a sua vida tomou. Não culpa ninguém pelo fato de estar *aprisionado*; diz ser o único responsável pelas suas ações: *A culpa é das minhas ações, o tolo na estória, o errado fui eu, e você que se diz ser homem tem ser consciente daquilo que fez*. Sabe que os atos infracionais que cometeu trouxeram sofrimento tanto à sua família como a das vítimas, e que será inesquecível, em especial para a família da pessoa morta barbaramente durante o assalto por ele cometido.

Logo nos primeiros dias de internação, passou por um período de melancolia e tristeza por não se identificar com os outros adolescentes, e também por não ser aceito por eles. No CECAL, a família está sempre ao seu lado nas visitas semanais, dando-lhe coragem e uma força positiva para ir em frente, para que ele não desista de melhorar, e dizem que estarão sempre ao seu lado. Já fez a oficina de conserto de eletrodoméstico, o curso de Computação e atualmente faz a oficina de tecelagem. No setor pedagógico, faz o supletivo, é esforçado e um ótimo aluno. Usa o tempo passado dentro do CECAL para reflexão sobre as suas ações, e enfrenta a experiência da privação de liberdade como uma das mais difíceis de sua vida; diz ser uma pessoa determinada e que vai conseguir superar todos os problemas.

Lá também encontrou a palavra de Deus, através de um dos monitores, que muito o ajudou fazendo com ele o estudo da “*palavra sagrada*”, como ele conta: *O instrutor que me ajudou fazia oração com a gente, mostrava o caminho certo para a gente! Pedia para a gente ter fé e acreditar! E sempre ter aquela fé positiva, porque tudo ia dar certo se agente pensar positivo nas coisas! Então aquela motivação dele foi como se fosse um espelho para mim! E eu agarrei e até hoje eu não soltei, e eu acredito muito nisso.* Tem muitos planos para o futuro: trabalhar em uma fábrica, como o irmão mais velho, estudar concluindo o segundo grau e posteriormente fazendo a faculdade de Direito; quer, enfim, retomar a sua vida, dando, dessa vez, orgulho aos seus pais, como ele próprio diz: ... *sinceramente ter uma vida dessas não vale a pena não! Eu tiro pelo meu sofrimento, porque não só eu estou sofrendo, mas também a minha família. Para mim eu quero quando sair daqui ajeitar a minha vida! Eu não estou aqui cuspidando para cima não, mas eu digo se Deus quiser! E eu creio que Deus vai me ajudar!*

Marcelo foi liberado do CECAL por uma progressão de medida em maio de 2005. Encontra-se no Centro de Semiliberdade Mártir Francisca.

4.2.5 SONY, vinte anos de idade, moreno-claro, estatura mediana, cabelos castanho - escuros cortados bem curto. Seu rosto quadrado e olhos castanhos e amendoados demonstram determinação. A boca larga com os lábios finos dá-lhe uma expressão de seriedade, de gravidade. É calado, fala pouco de si, quase nunca faz comentários sobre a família que é numerosa: pai, mãe, 6 irmãos e 2 sobrinhos. A mãe, Dona Celi, já tinha um filho de um relacionamento anterior, quando casou com o Sr. Raimundo, que o registrou como sendo filho do casal. Juntos tiveram 4 filhos, sendo Sony o terceiro deles. Mesmo ainda casada, Dona Celi teve outro filho de um relacionamento extraconjugal.

Os pais sempre discutiram muito, fato que causava mal-estar aos filhos. O pai era alcoólatra. Quando bebia, quebrava as coisas dentro de casa, porém nunca bateu na mulher e nos filhos. Ele já havia tido outro casamento desfeito por causa da bebida; submetia-se às humilhações da esposa, chegando a dormir na varanda enquanto ela levava para dentro de casa, e na presença dos filhos, outro homem. Todos os filhos gostavam do pai e sentiam muita pena dele: Sony, em especial, era muito apegado a ele. Dona Celi era uma pessoa de convivência difícil, fazia uso indevido de álcool, não conversava com os filhos e tentava solucionar os problemas mediante agressões verbais e físicas.

Ela teve uma vida muita infeliz. Perdeu a genitora muito cedo e passou a conviver com o pai e suas companheiras, sendo criada como empregada de suas madrastas. Para fugir dessa situação, começou a trabalhar como empregada doméstica em casas de família, quando ainda era uma criança. Era uma mulher doente já há alguns anos; tinha graves problemas renais, estava impossibilitada de andar, necessitava de remédios caros e, por esse motivo, não os tomava regularmente. O irmão mais velho de Sony quer ter poder sobre os outros mais novos, talvez para substituir o pai, que em razão do abuso do álcool, não representou, como devia, o seu papel junto aos filhos. O outro irmão é usuário de drogas e não trabalha nem estuda; ele e o irmão mais novo já têm envolvimento com droga e atos infracionais. A irmã mais nova sofreu abuso sexual de um dos companheiros da mãe. Ela contou esse fato para a genitora que não lhe deu crédito. Depois disso, também passou a ser usuária de droga. Celina, a mais velha das irmãs, já teve dois relacionamentos que lhe deram dois filhos de pais distintos. Residem, todos eles, em casa própria com 3 cômodos, com instalação elétrica e hidráulica.

As condições financeiras da família são precárias, fator que muitas vezes impossibilita a satisfação de direitos básicos, como saúde, alimentação, transporte, vestuário, moradia digna. A família sobrevive com a pensão ganha pela mãe, do avô que era militar, no valor de

R\$115, 00, com o dinheiro recebido do programa Bolsa-Escola e do salário do irmão mais velho que trabalha como eletricista e pedreiro. Celina também já trabalhou fazendo arranjos florais, mas passa tempos sem trabalho em virtude dos cuidados com os filhos, a casa e a mãe. Apesar de todos esses transtornos familiares, Sony não critica os pais, não os culpa pela vida de *bandido* que leva; muito pelo contrário, ele os defende quando fala: *Eu não posso culpar os meus pais, porque fui eu mesmo que escolhi essa vida, eles sempre me deram apoio para mudar o meu caminho.*

Sony nunca gostou de ir à escola, não prestava atenção, não cumpria as tarefas, não chegou a ser alfabetizado e para ele o estudo não tem valor algum, como ele diz: *A minha irmã tem o segundo grau e está desempregada.* A infância do jovem foi muito infeliz, marcada pelo alcoolismo do pai, as brigas entre os pais, os desentendimentos com a mãe, motivos esses que o fizeram procurar o espaço da rua aos 10 anos de idade, quando iniciou o uso de drogas. Nessa idade, usava mais o solvente e a cola. A mãe e os irmãos o aconselhavam, mas ele não aceitava e ficava hostil, indo para a rua novamente. Saiu de casa também fascinado pela diversão, pelas brincadeiras que a rua lhe mostrava; dormia ao relento nos terminais. Aos 12 anos iniciaram os atos infracionais. Passava semanas, às vezes meses na rua sem dar notícias aos pais, roubava para se manter e principalmente para comprar drogas. Afirma que em todos os atos infracionais cometidos tinha utilizado droga, em especial, comprimidos, momentos esses nos quais fazia uso em grande quantidade, fazendo com que ele ficasse *lombado* durante todo o dia.

A sua primeira internação foi aos 12 anos de idade, quando foi pego com um parceiro assaltando em sinais de trânsito; tinham tentado assaltar uma promotora. Ficou 45 dias interno e foi liberado. Retornou para casa, mas não conseguiu ficar afastado das drogas. Começou a freqüentar a favela próxima de casa e a cada dia se envolvia mais com más companhias e com as drogas. Experimentou solvente, maconha, cocaína, *crack* e comprimidos. E assim

continuou a sua vida na rua, cometendo vários atos infracionais, entre eles: porte de arma, invasão de domicílio, roubo, furto e furto qualificado. Foi interno 6 vezes antes de ser sentenciado por latrocínio e homicídio. Nas primeiras internações, não demonstrava consciência crítica dos atos que cometia; valores como valentia e esperteza estavam presentes em sua fala sendo o ato infracional um motivo de orgulho para ele.

O pai veio faleceu de cirrose hepática, quando Sony tinha 16 anos. Durante o velório e no enterro, não demonstrou tristeza, não derramou uma lágrima sequer. Teve várias experiências laborativas nos intervalos entre as passagens pelos centros educacionais e os retornos a sua casa. Foi ajudante de mecânico, vendedor de lanche, servente de pedreiro. Foi sentenciado à 7ª internação, acusado de homicídio com 17 anos de idade. Diz ter matado um rapaz que morava no seu mesmo bairro, de vinte e poucos anos, pertencia a uma gangue e que já tinha tentado matá-lo por 3 vezes. Sony resolveu agir antes, foi atrás dele e o matou. Disse-nos também ter praticado um latrocínio, isto é, matou uma pessoa durante o cometimento de um assalto. Para este fato, faz o seguinte comentário: *Acabei matando a pessoa só mesmo por medo, eu estava drogado e para mim aparentou que ela reagiu, mas só que realmente isso não aconteceu... Eu me enganei e dei dois disparos e aí quando me dei por conta, tinha matado um policial da civil.* Está no CECAL há quase 2 anos e 6 meses e diz-se arrependido: *Agora me arrependo de tudo o que eu pratiquei, mas acho que é só pagar aqui o que eu fiz e tentar mudar de vida.* Quando perguntamos se ele acha que é pecado o que cometeu, responde: *É porque nenhum ser humano tem o direito de tirar a vida de outra pessoa.* Também pensa que todo crime tem perdão: *...basta você se arrepender de coração. Não importa o crime que você cometeu.* Dentro do bloco é um líder, impõe moral junto aos outros adolescentes, talvez por já ter tido muitas internações, já estar lá há mais tempo, ou mesmo por ter cometido muitos atos infracionais, o que lhe confere certa *vantagem* sobre os outros.

Durante o período de internação, recebeu única visita da irmã Celina, que é também a responsável pelas informações familiares. Ao ser interno e indagado pelos seus familiares respondeu: *Não carece do acompanhamento da família*. Quando a mãe estava doente, e já que ele não a via há muito tempo, foi cogitada a possibilidade de ele passar um final de semana em casa com a família, mas a própria irmã não foi favorável por ter medo que ele fugisse. Dona Celi faleceu em junho de 2005 sem que ele a visse novamente.

Já freqüentou as oficinas de vassouraria e tecelagem. Nessa última, é um aluno exemplar. Tem muita aptidão e boa vontade, almeja intensamente ser engajado em um curso profissionalizante de tecelagem e a obtenção de um tear, e para isso foi solicitado o seu engajamento no Projeto de Egressos Mãos Dadas, mantido pela Secretaria da Ação Social do Estado do Ceará. Durante essa última internação, apresentou considerável evolução tanto no que se refere à sua convivência e relacionamentos com os demais adolescentes, como também no que diz respeito à análise e reflexão acerca de todo o seu histórico familiar, social e, sobretudo, infracional.

A vida, porém, reservou-lhe uma surpresa. Quando e onde menos esperava, conheceu uma menina, Lia, interna no Centro Educacional Aldarci Barbosa, em uma visita ao CECAL. Elas sempre comparecem em festividades e comemorações. Lia ficou interna por um curto período. A avó, que é a sua tutora, foi quem deu a queixa da neta ao Juizado de menores, pois ela não a obedecia, vivia na rua e não aceitava regras. A avó quis, assim, corrigi-la. Conversaram por várias vezes e iniciaram um namoro... Lia foi liberada e continuaram as visitas. Hoje ela já é maior de idade, e ele recebe visitas, inclusive íntimas, da namorada, por quem demonstra sentir muito carinho e afeto. Sony faz planos. Ao falar da namorada, seu semblante sério muda, seus olhos brilham e o olhar parece que paira no ar envolvido pela paixão e pelo sonho de um futuro junto com aquela que já escolheu como a sua companheira. Sabe que correrá risco de vida ao sair e retornar ao seu bairro, pois já sofreu ameaças das

famílias das vítimas. Pretende mudar de vida, trabalhar com um irmão como servente de pedreiro, ou mesmo realizar seu sonho de receber um tear para que possa, com ele, fazer o que gosta e sabe; ganhar dinheiro honestamente e se *ajeitar* com a namorada.

4.2.6 TÉO, dezenove anos de idade, moreno claro, 1,65m de altura, corpo esbelto, sempre bem tratado. Traz um cavanhaque, que lhe dá um ar de mais velho. Os olhos pretos e pequeninos não param em um lugar fixo, dando a impressão de buscar o desconhecido. A personalidade de Téo parece ser assim impetuosa, atirada, que não mede as conseqüências dos seus atos. Tem um ar confiante, traz um discurso pronto, não se percebendo angústia ou arrependimento em sua voz ou em seus atos.

Mora em Itaitinga, município da Região Metropolitana de Fortaleza, que fica a uma distância de 26 km da Capital; possui cerca de 30.000 habitantes e sua população dedica-se em especial à extração de pedras e transformação em produtos utilizados na construção civil; a violência em Itaitinga é crescente e assusta a população que recentemente realizou uma manifestação pelas ruas da Cidade em nome da paz e dizendo um não à violência. Téo tem uma família agregada. Os pais vivem juntos há 30 anos e têm 5 filhos, sendo ele o 4º filho do casal. Residia com os pais, os irmãos e a companheira em uma casa própria de 5 cômodos. O sustento da casa é provido pela mãe, que trabalha como zeladora de um hospital, pelo pai, que é carpinteiro em uma construtora, e pelo filho mais velho do casal, empregado em uma fábrica.

A mãe, dona Rita, diz que o filho costumava obedecer aos pais, tendo no genitor a figura de autoridade. Ainda, segundo ela: *Téo é um bom filho*; dona Rita tem forte relação afetiva com ele e percebe-se a sua proteção demasiada em relação ao filho. Os pais se mostram abatidos com a internação de Téo, e mantêm um discurso protecionista no tocante aos atos infracionais praticados por ele, atribuindo as suas condutas inadequadas à influência

negativa de colegas; desconhecem se ele faz uso de drogas ilícitas, porém garantem que o filho costumava ingerir bebida alcoólica. Quando fala da infância, Téo relata que foi normal e feliz e que até a idade de 15 anos a sua vida era boa, tinha um bom relacionamento com os pais, estudava e era prestativo em casa. Com essa idade, começou a sair à noite para as festas e a beber, passando a ser, desde então, a grande preocupação dos pais, que o aconselhavam, dizendo: *Téo não bebe, Téo não saia para canto nenhum hoje, fica em casa!* Tentavam dessa forma controlá-lo, mas, em muitas das vezes, não conseguiam. Também começou a cair o seu rendimento escolar. Repetiu o ano, mas conseguiu terminar o 1º grau.

A rua era para ele irresistível, pois representava diversão, amigos, bebida e garotas. E foi em um desses *pagodes* que ele freqüentava que aconteceu o primeiro ato infracional: uma lesão corporal. Téo tinha, na época, 16 anos. Estava na companhia da namorada, envolveu-se em uma briga e alguém xingou a sua mãe. Téo não leva desaforos para casa e tampouco mede os seus atos; sentiu-se chamado a defender a honra da mãe e esfaqueou o jovem em questão. Por conta da lesão corporal cometida, ele foi sentenciado a uma internação no Centro Educacional Patativa do Assaré (CEPA) em Fortaleza, por 45 dias.

A briga no *pagode* deu início a uma série de acontecimentos violentos entre os grupos de Téo e seus amigos e o da vítima da festa e seus companheiros. Esses fatos culminariam meses depois em um homicídio. Ele conta tudo em detalhes; não há remorsos em sua fala: o grupo ao qual Téo pertencia preparou tudo em detalhes, calculando friamente durante uma semana como e onde enfrentariam a outra gangue, os pegariam de tocaia, estavam dispostos a matar ou morrer. O local escolhido para o *ataque* foi um casebre situado à beira do *açude do Raul*, onde as vítimas costumavam freqüentar para se drogar, portanto estariam descontraídas; seriam pegos de surpresa e não teriam chance de escapar, já que no casebre só havia uma saída.

Téo e mais dois amigos seguiram para a tocaia. Apenas um deles havia se drogado; Téo não fazia uso de droga nesse dia: eram 11 horas da manhã. Após os primeiros disparos, as vítimas, desnorreadas, saíram correndo de dentro da casa, sendo todas atingidas nas costas e pelas costas ... A frieza foi tamanha que os jovens chegaram a recarregar as armas de fogo para atingir com mais tiros os ditos “inimigos”. Um dos rapazes, chamado Chiquinho, foi morto e os outros dois ficaram feridos. Téo conta que: *Eu cantei a vítima do pagode, mas acabei matando outra pessoa. Dei um tiro que pegou no Chiquinho, atravessou o coração do Chiquinho.* Após esse fato ele se apresentou à Justiça colocando-se como o responsável pela morte de Chiquinho. A Justiça permitiu que ele aguardasse a sentença em liberdade, visto que demorou quase dois anos para ser proferida. Nesse período, ele ficou mais calmo, arranhou um emprego com a carteira assinada na mesma firma onde o pai trabalha, retomou os estudos, a namorada ficou grávida e deu-lhe um filho, hoje com quase 2 anos de idade. Levou a companheira para casa, tinha planos de casar, pois já havia dado a entrada dos papéis para o casamento no cartório.

O aviso da audiência de Téo chegou em um sábado à noite e ele resolveu sair para a rua mais uma vez; foi até a praça, parou em uma barraca, pediu ao vendedor ambulante um *capeta*. Esta é uma bebida feita com pó de guaraná, leite condensado, limão, gelo e uma ou duas doses generosas de cachaça ou outro tipo de bebida alcoólica. Caso queira colocar mais de um tipo de bebida é cobrada apenas uma taxa extra. Ela deixa quem a bebe muito “ligado” por vários horas em virtude da combinação do álcool com o pó de guaraná. Enquanto bebia, dois jovens aproximaram-se de Téo, pediram um gole de sua bebida, ele deu-lhes o copo... Conversa vai, conversa vem, foram puxando confusão; perguntaram: *estamos sabendo que você anda querendo mandar nas Malvinas? E quer mandar também aqui no Centro; aqui e lá quem manda somos nós!* Téo, mais uma vez, não engoliu; seus impulsos falaram mais alto. Pegou uma garrafa de cachaça pelo gargalo, quebrou-a e iniciou uma briga com um dos

rapazes. Brigaram até que escutaram um grito que dizia: *Lá vem a policia*; separaram-se, pois nenhum deles queria ser preso. O rapaz foi para o hospital para tratar dos ferimentos de garrafa desferidos por Téo, que por sua vez foi para casa. Quando lá chegou, estava ensangüentado e com a mão ferida. Os pais dele pediram que o irmão mais velho o acompanhasse ao hospital... Chegando lá, na rua estava a ambulância com a porta traseira aberta. Téo se aproximou para verificar quem estava lá dentro; era a sua vítima de há poucos instantes na praça. Ainda quis desferir-lhe mais golpes, porém foi contido pelo irmão mais velho.

Ele responde hoje pela lesão corporal, pelo homicídio e uma tentativa de homicídio. A sentença proferida pelo juiz foi a de internação no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), onde Téo se encontra desde janeiro de 2004. No CECAL, recebe a visita dos pais, dos irmãos, da companheira e do filho. Diz sentir muito perder o desenvolvimento deste. Fala também que: *aprendeu a sentir mais a falta da família, a enxergar mais o lado deles, porque lá fora eles falavam comigo e eu achava que era besteira! Que não ia acontecer nada comigo não! E aí acabou acontecendo! Bem dizer eu era a preocupação de todos eles, agora aqui eu aprendi a ter preocupação, aprendi a ter saudade, aprendi a gostar mais deles e ver que eles só estavam certos, era tudo para o meu bem, mas só que eu mesmo que estraguei.*

Ao ser questionado se sente arrependimento, fala somente da família de como eles sofrem com a sua conduta de transgressões. Na internação, é sempre prestativo e cortês, é elogiado pelos professores, pois demonstra vontade de aprender; possui boa capacidade de assimilação dos conteúdos de forma crítica, questionando e participando das salas de aula. É sempre criativo, inteligente, tem boa higiene consigo e com o ambiente estando sempre aberto para aprender novas técnicas. Faz o curso de Computação e já freqüentou as oficinas de rede e bijuteria. Tem como planos para o futuro casar, criar o filho, estudar, voltar a trabalhar na

fábrica com a carteira assinada e mudar para Fortaleza, pois recebe ameaças das famílias das vítimas. Em relação a sua personalidade, diz que quer mudar tudo, a mente e o coração, não quer mais ter pensamentos ruins, nem ter mais coragem de fazer nada ruim com ninguém e não pensar em fazer mais nada errado. Diz que quer ser perdoado primeiramente por Deus e depois pela família da vítima. Quando indagamos quem era ela, ele disse não a conhecer, não sabe se era casado ou se tinha filhos, simplesmente foi morto porque estava com os outros rapazes que eram os seus desafetos.

4.3 A PASSAGEM PELA CRIMINALIDADE

4.3.1 A Família: *Doce como Mel, Amarga como Fel.*

A família contemporânea apresenta diferenças peculiares se comparadas às de um passado não muito distante, quando os laços matrimoniais eram indissolúveis, o poder do pai era indiscutível e a mãe tinha como objetivo cuidar do lar e dos filhos. A Modernidade trouxe avanços tecnológicos que levam mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais ocorridas em todo o mundo, diariamente, para nossas casas.

Esses fatores da Modernidade que aumentam a cada dia a agressividade e a violência dos adolescentes passam também pelo declínio do poder do papel do pai e da mãe, substituídos por vários desses elementos. A dissolução das famílias, a liberdade incondicional exigida pelos jovens e a propaganda do prazer do consumo, convencem os jovens que em não se tendo, não se é feliz.

4.3.1.1 As Transformações Familiares

A partir dessas mudanças, os vínculos familiares enfraquecem, havendo uma reorganização de valores e costumes, através de mudanças de estruturas e de conceitos. A separação dos casais e as novas uniões dos pais é um fato comum, como podemos ver nos depoimentos de Carlinhos, Sony, Dado e Binho.

Carlinhos sentiu roubado o amor da mãe pelo irmão mais novo, fruto de um novo relacionamento da mãe, deixando-o ainda mais inseguro e instável em seus sentimentos e ações; Sony revoltou-se ao ver a mãe trair o pai, levando outro companheiro para dentro da própria casa, evento que pode tê-lo levado mais uma vez ao espaço da rua; Dado buscou no novo companheiro da mãe, o carinho não ofertado pelo genitor, atitude sentida quando ele fala: *Me trata como a um filho, gosto muito dele e Binho que não conseguiu manter-se junto à*

mãe, devido a discussões com o padrasto, preferindo ficar longe dela, como diz: *para evitar certas coisas*. Luiza, professora do CECAL nos fala:

Eles me fazem confidências, sempre falam do novo marido da mãe, que ele maltrata ela, que ele bate nela, aí o menino fica revoltado. A questão do padrasto é gritante. Pois, muitas vezes, a mãe é maltratada pelo novo companheiro, e isso provoca uma revolta no menino fazendo com que ele revide no companheiro da mãe ou levando o menino para a rua a fim de fugir dessa situação.

Alguns deles perguntam:

- Dona Luiza, a senhora não tem namorado?

Ao que eu respondo:

- Não tenho e nem quero ter. Vivo só para os meus filhos.

Então eles dizem:

- Eu queria que a minha mãe pensasse assim, mas ela vive namorando com um e com outro (Luiza).

Diante da separação, os filhos ficam com um dos cônjuges, mais habitualmente com a mãe. Ela, que por muitas vezes é a única responsável pelo sustento do lar, passa a dobrar a jornada de trabalho, deixando os filhos aos cuidados de terceiros ou mesmo sozinhos em casa. Para Ballone (2004), o distanciamento ou a exclusão de um dos pais na vida da criança pode representar, para ela, um expressivo vazio familiar, que pode acarretar sentimentos de insegurança, ansiedade, tristeza..., levando ao desenvolvimento de uma sintomatologia agressiva.

As mães, por estarem pouco tempo junto a seus filhos, tendem a ter atitudes superprotetoras, sendo, em muitos casos, a principal responsável pela falta de dever, responsabilidade e limites de seu filho. Em pesquisas realizadas, há uma grande quantidade de famílias mono parentais entre os adolescentes que cometeram crimes.

A mãe de Dado o criou juntamente com a avó materna; faziam-lhe os gostos e o mimavam muito. “Quando ele parou de estudar aos 14 anos, a mãe não tentou fazê-lo retornar

aos estudos; apenas quis “guardá-lo” em casa, dizendo: *Olha meu filho, se você não quer estudar tudo bem, mas fique aqui pertinho de mim para não fazer coisa errada.*

A mãe de Marcelo põe em dúvida a autoria do crime pelo filho: em seu discurso, para a dúvida; é como se não quisesse aceitar a culpa do filho. Entretanto, não lhe dá um alibi, pois diz não lembrar onde ele estava na hora do crime.

Téo tem na figura materna uma pessoa superprotetora, inconformada com a internação do filho e emocionalmente instável, dificultando muitas vezes as intervenções da equipe técnica do CECAL. Sobre o filho fala: *Téo era um bom filho, costumava obedecer aos pais, era prestativo em casa.*

A mãe de Carlinhos não apresenta criticidade quanto ao ato cometido pelo filho e justifica tal atitude, dizendo que a vítima o provocou. Do filho, diz que: *Ele é um adolescente tranqüilo, caseiro, organizado e trabalhador. Dos filhos sempre foi o que lhe demonstrou mais apego, preocupando-se com a sua saúde e bem-estar.*

Um dos fatos mais marcantes de mães que protegem seus filhos a qualquer custo e risco foi o ocorrido no CECAL, em 2004, quando uma das mães tentou em uma visita, repassar maconha no cós de um *short* levado para o filho. Diz ter sido a pedido dele, mas afinal o adolescente já tem comprometimento com atos infracionais e o caminho da reintegração, com certeza, passa pelo não-uso de droga. Ao ser descoberto o repasse da droga, a mãe foi levada à delegacia e autuada como traficante de droga.

Para que os adolescentes se tornem responsáveis por seus atos, tem que haver um desejo de mudar de posição, de ser independente e assumir a própria vida. Mães superprotetoras não conseguem libertar seus filhos do seu domínio, não deixam faltar nada a eles, que se acomodam, e não assumem as suas responsabilidades diante do ato infracional e diante da vida (SOARES, 2005).

A violência também pode ter suas origens na influência de parentes que tenham cometido atos infracionais. Dado teve o exemplo do padrasto, preso há vários anos por homicídio, por ter matado um adolescente durante um assalto e, do primo que também tinha envolvimento com a lei e que posteriormente foi coadjuvante no latrocínio; Sony tem dois irmãos que fazem uso de droga e têm envolvimento infracionais; esses fatos fazem os atos ilícitos serem vistos dentro da normalidade familiar.

A família representa um espaço fundamental na manutenção de costumes, tabus, na educação e na reprodução da violência social. Quando o jovem convive com a violência intra-familiar, esses sentimentos poderão conduzi-los para um modo de agir violento contra a sociedade e podem ser as raízes de comportamentos anti-sociais e violentos (ASSIS, 1998).

4.3.1.2 O Declínio da Lei do Pai

A ausência da figura paterna chega a 50% dos meninos. Segundo Assis (1999), o pai exerce um papel essencial e complementar na educação dos filhos, não só para o sustento destes, mas, principalmente, por transmitir à criança a idéia de segurança, proteção e um afeto diferente da mãe. Para Muza (1996), quando o pai não impõe limites e está ausente, não conduzindo o filho na afirmação da conduta moral, pode provocar os sentimentos de desamparo, rejeição e solidão. Esses sentimentos poderão conduzi-los para um modo de agir violento contra a sociedade e, podem ser as raízes de comportamentos anti-sociais e violentos.

No programa “Globo Repórter”, apresentado pela Rede Globo de televisão, no dia 07 de outubro de 2005, o ex-policial Victor Lomba fez declarações sobre a separação dele e da esposa e a influência que acha ter havido para que o filho, Pedro Dom, se tornasse o bandido mais procurado do Rio de Janeiro, assassinado em setembro de 2005, quando tentava fugir ao cerco da policia.

Acho sinceramente que se o meu casamento tivesse sido equilibrado, talvez isso não tivesse acontecido com meu filho. Não tive a capacidade de discernimento, de ir mais além ao meu esforço para tentar que ele crescesse mais perto da família. A separação criou um vácuo entre nós.

A ausência paterna é um fator marcante na vida de Dado, Binho e Carlinhos. Com o pai de Dado ocorreu o abandono, provocando nele um sentimento de rejeição, que faz com que ele transfira todo o seu amor para a mãe. Para Maldonado (1997), a dor da rejeição, do desamparo e do descuido, ocasiona frustrações, insatisfação crônica das necessidades básicas e baixa auto-estima. A falta de amor e de nutrição afetiva na infância cria condições favoráveis para o nascimento do ódio e da revolta, que acabam em condutas violentas e em delinqüência, mesmo que esses atos sejam cometidos para chamar a atenção.

O pai de Binho separou-se da mãe quando ela ainda estava grávida e foi assassinado quando ele tinha 3 meses. Os tios maternos tentaram substituir a função paterna, acolhendo-o em suas casas e “aplicando-lhe surras”, iniciando assim mais um ciclo de violência. A mãe de Carlinhos separou-se do pai quando ele ainda era criança; mais tarde, no início da adolescência, conviveu poucos meses com o pai. Assim sendo, esses adolescentes não tiveram a figura paterna como imagem no período da formação de sua personalidade.

De acordo com Ballone (2004), houve um enfraquecimento do poder do pai sobre o filho, mais notadamente no início do século XX, com as novas leis de mercado. Em nome do “interesse da criança”, instituições sociais passaram a substituir o pai. Cada vez mais, ele pode ter o seu poder familiar limitado ou anulado em nome do “bem-estar da criança”. Segundo Soares (2005), nas famílias mais antigas, o pai tinha um parecer muito mais valorizado do que hoje; como exemplo, cita que, na cultura católica, a função paterna era comparada à de Deus.

Junto ao declínio da paternidade, há a decadência dos ideais que não servem mais como ponto de referência para os adolescentes. Antigamente o filho conservava dentro de si o

ideal paterno, mas na atualidade, são muitas as autoridades na vida dos filhos, enfraquecendo esses ideais (SOARES, 2005).

O pai de Sony morreu quando ele tinha 16 anos de idade; os dois tinham um bom relacionamento, porém, o pai, que era alcoólatra, não exercia autoridade sobre os filhos, e neles provocava apenas um profundo sentimento de pena. O irmão mais velho tentou chamar para si a função paterna, mas não obteve sucesso.

Marcelo vive com ambos os pais em uma família que pode ser denominada equilibrada. Era bastante amigo do pai até os 13 anos, quando começou a sair de casa com amigos considerados desaconselháveis, a fazer uso de bebida alcoólica e a consumir drogas ilícitas. Após isso, iniciaram as brigas, até chegar ao ponto de não se falarem mais.

Quando perguntamos a Marcelo como seus pais se posicionaram diante da sua forma de viver aos 14 anos de idade, ele respondeu: *De uma forma curiosa, acho que eles já estavam mais conformados com a minha situação (...). Porque viam que eu queria aquilo.* Notamos na sua voz um toque de decepção, talvez ele quisesse mais cuidado, mais atenção, mais limites.

No Programa “Globo Repórter”, apresentado em 07 de outubro de 2005, a psiquiatra Maria Thereza de Aquino fala do sentimento de segurança e bem-estar que é repassado aos filhos, quando os pais impõem limites e regras, determinando o que eles podem ou não fazer. Ressalta ainda que: *se os pais não punem os filhos ou não estabelecem regras, vai ser a sociedade que irá puni-los, muitas vezes, com a prisão.*

Téo morava com os pais até a internação. O pai tem emprego fixo há mais de 20 anos e havia conseguido colocar o filho, um pouco antes da internação, também junto a ele na firma onde trabalha. Ele aconselhava Téo, porém, não conseguiu controlar os impulsos do filho aos convites feitos pelos amigos para ir às festas, beber, namorar.

Em uma pesquisa realizada pela FUNADESP/ Unicentro Newton Paiva, no período de junho/1999 a maio/2000 em Belo Horizonte, ficou estabelecida a associação do declínio da função paterna e o ato infracional. Além disso, se verificou que o maior problema não é só a ausência física do pai, mas também que as mães não incluem a valorização do pai em seu discurso, para que estes possam cumprir o seu papel mesmo simbolicamente, ao contrário, costumam denegrir sua imagem, desvalorizando-o de várias maneiras com palavras tais como: “O pai dele não vale nada” (SOARES, 2005).

4. 3.2 A Infância

Barreto (1995) diz que a família deve ser um espaço de prazer, onde a criança possa se desenvolver com segurança, tenha flexibilidade para ser livre e tenha uma relação com os outros membros da família que a façam sentir-se amada, e importante, podendo assim desenvolver suas aptidões, interagir e participar da criação do mundo.

Para Assis (1998), a violência psicológica no seio familiar é responsável por sérios danos no desenvolvimento da criança, tendo como carro-chefe a humilhação e rejeição, atributos que interferem diretamente na aquisição da identidade, da auto-estima e na posição do jovem na sociedade. Em 2003, Ballone diz que em Psiquiatria os dados referentes a lesões emocionais são muito mais graves, quando comparadas às lesões físicas decorrentes da violência, pois costumam evoluir mal.

A infância de Sony foi muito infeliz. Sua família vivia miseravelmente com as condições financeiras precárias, fator que muitas vezes o impossibilitava de satisfazer seus direitos básicos, como alimentação, transporte, vestuário, entre outros. Não teve também equilíbrio emocional, pois em casa, sofria agressões físicas e psicológicas da mãe que não mantinha diálogo, preferindo sempre o caminho da violência. Segundo Maldonado (1997) para se criar o circuito da violência doméstica, o caminho mais curto são as palmadas e os

gritos. Quando as ameaças se tornam pesadas, ao ponto de aterrorizar as crianças, ou acabam em críticas severas, condutas de rejeição, isolamento ou abandono, está formado o ciclo da violência psicológica.

O estudo não era incentivado nem valorizado, fato que o deixou analfabeto, não sabendo sequer assinar direito o nome. O alcoolismo do pai e a bigamia da mãe também o faziam sofrer. Todos esses motivos talvez o tenham feito uma pessoa aparentemente fria, que não demonstra emoções, e que quer se desligar da família, fato percebido durante o enterro do pai, no qual não derramou uma lágrima sequer e pela reação quando soube da morte da mãe através da psicóloga do CECAL: ela disse que *Parecia que eu estava falando com uma parede, ele nem piscou o olho, não houve nenhuma demonstração de emoção ou de dor.*

Binho não teve uma família agregada, pois não chegou a conhecer o pai. Também foi violentado emocionalmente pela mãe, quando esta o deixou ainda bebê com a avó; por esse motivo, ele não se sente amado por ela. Mais tarde, ela constituiu outro matrimônio, porém não teve outros filhos, portanto Binho não tem irmãos. Precisou trabalhar ainda criança, catando latas para ajudar nas despesas, porque a mãe não provia as suas necessidades básicas. Sente-se desde então rejeitado por esta. Morou com a avó até a idade de 12 anos, quando começou a não obedecer e a causar problemas. A avó cobrava-lhe responsabilidades e, como não conseguiu este intento, resolveu não dar-lhe mais teto. Tentou morar com a mãe e o padrasto, e também não foi acolhido. Na escola fez até a 6ª série do Ensino Fundamental, deixou de estudar por desinteresse e por ameaças que sofria das gangues que freqüentavam a escola.

Para Carlinhos, a infância foi um tempo muito bom, como ele comenta: *... se pudesse eu voltava o tempo até quando eu fosse criança de novo (...). Porque teve um lance pra mim, quando eu era criança, que eu gostei muito e eu fui muito feliz, mesmo naquela vidinha de*

pobre ali, mas eu fui feliz. Era um cara alegre, um cara brincalhão, fazendo brincadeira todo o tempo ali (...). Eu voltava ao tempo de criança (...).

Ele morava com a mãe e os irmãos em uma cidade do interior a aproximadamente 100 km de Fortaleza. A mãe cuidava de um sítio; no terreno, construíram uma casinha, criavam galinhas e faziam pequenas plantações para sobreviver. Carlinhos não se interessava muito pelos estudos e a escola era distante do sítio, o que o deixava ainda mais desmotivado para ir às aulas. Quando tinha por volta de 10 anos, foi morar por algum tempo na cidade, com o pai e a madrasta. Lá ficaria mais próximo da escola, porém ele não tinha nenhum interesse e acabou retornando para o sítio junto à mãe. Tem dificuldades na leitura e sabe escrever muito pouco.

Dado viveu a infância em um bairro na periferia de Fortaleza, onde o índice de violência é baixo. Lá moravam vários membros da família em casas bem próximas. Certo dia, um de seus primos foi atropelado, a família ficou muito contristada e resolveram mudar para outro bairro do outro lado da Cidade, onde era bem diferente, pois usar droga era comum e a violência era muito grande. Foi nesse contexto que Dado entrou na adolescência e começaram os problemas. Na escola foi um bom aluno até o início da adolescência, quando parou de estudar por desinteresse e por ter inimizades na escola; cursou até a 6ª série do ensino fundamental.

Marcelo foi um menino “traquino”, “arengueiro” como ele mesmo se determina: *Eu era um menino traquino e por tudo eu gostava de arengar. Não podia ver ninguém que era arengando, foi dessa forma a minha infância.* Por este motivo, ele considera que a sua infância não foi muito boa; sente-se culpado por ter dado preocupação e “dor de cabeça” aos pais, que às vezes se irritavam com as brigas entre os irmãos provocadas por Marcelo, como fala:

Brigava mais com o meu irmão mais velho, porque eu tinha uma rixa muito grande com ele, e logo a gente gostava muito de esporte, e nunca um queria perder para o outro e acabava sempre em pancadaria. (Marcelo).

Para Ballone (2004), outro aspecto pouco pesquisado dentro da violência intra-familiar é o conflito entre irmãos no aumento de problemas de conduta, sendo considerado um fator agravante no desenvolvimento de condutas agressivas, sempre e quando se dá conjuntamente com negligência por parte dos pais.

Marcelo sempre foi um menino com grande facilidade para a aprendizagem, com muita curiosidade e cursou até o 2º ano do segundo grau. Os pais trabalhavam fora para dar uma vida melhor aos filhos, mas nos finais de semana sempre programavam passeios juntos.

Os pais de Téo já vivem juntos há mais de 30 anos e formam um casal equilibrado. Dos 5 filhos, o único “trabalhoso” é Téo. Seu relacionamento com os pais sempre foi bom. Quando criança, era um menino obediente, gostava de ajudar em casa e também era um bom aluno. Sempre foi elogiado pelos professores por ser ordeiro, respeitador e prestativo. Cursou até a 8ª série do Ensino Fundamental, e sempre demonstrou vontade de aprender. Desde criança teve “pavio curto”, tinha um gênio explosivo e não foi orientado a controlá-lo. Esse gênio muito forte, mais tarde, seria o estopim para levá-lo aos atos infracionais.

4.3.3 “O Mundo da Malandragem”: *a Sedução de Novas Sensações*

Para Ballone (2004), a adolescência é marcada por uma série de acréscimos no rendimento psíquico. Ocorrem a partir daí maior eficácia, rapidez e elaborações mais complexas do intelecto; aumentam a capacidade de concentração e a seleção de informações; a memória torna-se mais eficaz e a linguagem fica mais completa e complexa.

Com essas mudanças, podemos dizer que ocorre uma “inflação do ego”, pois o adolescente passa a achar que “pode tudo” e que “sabe tudo”, passando a confrontar suas idéias com forças contrárias, travando uma disputa para ver quem pode mais. As figuras de autoridade serão os alvos preferidos da contestação. O adolescente não aceita imposições e não se submete a autoridade imposta através de pressões; estas dependerão da maneira como se fazem sentir e compreender.

É uma fase repleta de curiosidade, quando não se tem medo de nada e se quer viver a vida intensa e impulsivamente. A facilidade de dinheiro, a diversão e a fama diante do sexo oposto, e em especial o fascínio pelo risco, chamam a atenção do adolescente, como bem fala

Marcelo:

“A minha adolescência foi muito curiosa. Eu via aquele pessoal, sempre ali na esquina, numa boa, ali relaxando e sorrindo. Você pensa que lá está a felicidade! Você pensa que a felicidade está ali! Vê todo mundo andando bonito, todo mundo com dinheiro. E geralmente, você pode observar que todo bandido tem muita mulher. Hoje, não são todas, mas eu acho que a mulher, principalmente adolescente, gosta de bandido. Gosta da forma dele ser. E eu acho que foi essa e outras coisas mais, pela fama, isto é, pela má fama que antigamente eu pensava que era uma boa fama, era como você ser um super herói, você ser capaz de fazer e de ganhar dinheiro da maneira mais fácil.” (Marcelo).

Sony foi para o espaço da rua com apenas 10 anos de idade, pois tinha curiosidade de ver como era. Sentia-se atraído pela diversão e pelas brincadeiras que, pensava, encontraria na rua. Passava meses sem dar notícias aos pais, dormia nos terminais, cheirava cola para se sentir mais seguro e passar a fome. Ao ser questionado sobre o que foi a coisa mais forte dentro dele que o levou para as ruas todos esses anos, não permitindo que ficasse com a família por muito tempo nem mesmo nos intervalos de suas internações, responde: *A coisa mais forte dentro de mim que me levava para a rua era a vontade mesmo de usar droga e de ter as coisas fáceis mesmo. (...).*

As crianças e adolescentes encontram-se na atualidade cada vez mais sozinhas e a mercê de seus pares de rua, da escola e do apelo cultural para que se tornem adultos esbeltos, famosos, ricos e sexualizados; são estimulados, então, a consumir de forma desenfreada e passam a encarar a vida como uma competição em que se busca a vitória a qualquer preço. Enquanto tudo isso ocorre, seus pais se ocupam com suas próprias vidas, em ganhar dinheiro, em sobreviver e em não perder tempo (BALLONE, 2004).

Em declarações feitas ao programa “Globo Repórter”, o psicanalista Contardo Calligaris afirmou que os adolescentes, antes de tudo, precisam encontrar o reconhecimento de seus pares, daqueles que julgam ser parecidos ou iguais como sendo estes muito mais importantes na determinação de seu comportamento do que a família. E é durante essa fase da vida que a pessoa se deixa influenciar pelo ambiente, pelos grupos de amigos podendo então, encontrar quem a encaminhe para a rua, o álcool e as drogas ilícitas, como fala Téo:

O que mais me atraía para a rua era a diversão, os amigos falavam, vamos Téo pra festa! Aí eu ia com eles, arranjei uma namorada e fui para um pagode... Daí começou as desavenças. (Téo).

Dado também mudou os hábitos quando começou a voltar da escola com amigos que vinham fumando maconha pelo caminho, ele diz: *Um dia eu pedi a eles para que me deixassem experimentar, eu estava curioso para saber como era, daí para frente tudo mudou.*

Mesmo tendo a família agregada, pai, mãe e irmãos, ambos os pais têm que trabalhar fora do domicílio para sustentar a casa, diminuindo o convívio com os filhos e reduzindo as referências de comportamento aprendido especialmente no contato familiar.

Temos, como exemplo, Téo e Marcelo, cujos pais trabalham fora de casa, não foram observados e aconselhados devidamente, no momento que decidiram procurar seus pares de rua e experimentar coisas novas que mudariam para sempre o rumo das suas vidas. Como eles mesmos declaram:

Com 15 anos eu comecei a ficar danado, a ir para as festas, a beber, essas coisas assim. Até essa idade a minha vida era boa, eu ia para a aula e era prestativo em casa. (Téo).

... Eu acho que o começo de tudo foi com 13,14 anos de idade, porque eu era muito curioso e não pensava duas vezes. Você sempre pensa que aquilo que você vai fazer é certo e para tudo eu tinha curiosidade queria ver se era bom ou ruim. E eu acho que esse foi um passo fundamental para você adolescente, cair na esparrela e errar. (Marcelo).

A entrada na adolescência é marcada pelas mudanças que ocorrem tanto no plano intelectual como no contexto físico, fazendo com que normalmente nessa fase eles se tornem rebeldes e não acatem conselhos dos mais velhos. A mãe de Carlinhos pedia que ele ficasse em casa, não saindo para beber. Ele não acatava os pedidos e assim Carlinhos encontrou nos bares e botequins o gosto pelo álcool, a paquera com mulheres mais velhas e as brigas de bar. Não se controlava, bebia em demasia e após isso não refreava seus impulsos. Colheu muitos inimigos e acabou vítima deles.

As figuras de autoridade dos pais também foram contestadas por Téo:

... às vezes eu não seguia o que os meus pais diziam, entendeu? Eles sempre me davam bastantes conselhos, diziam, Téo não bebe Téo não vai para canto nenhum, fica em casa hoje! E foi numa dessas que eu saí que aconteceu essa coisa errada (...). (Téo)

O local de residência apresenta-se como um dos fatores mais fortes para a violência. Binho relata que onde morava as pessoas andam armadas, atiram para cima e não respeitam a polícia. Também fala: *É difícil deixar de se envolver vivendo em um lugar assim, porque quando a gente é menor de 17 anos para baixo, ninguém pensa em nada não, vê a malandragem ali e a gente só quer conviver com eles. (...).*

4.3.4 A drogadição num mundo cão

É indiscutível que as drogas fazem parte do mundo de adolescentes em conflito com a lei, pois estão ligadas a agressividade e violência, tanto no seio familiar como fora dele. Como a mãe de Marcelo declara: *Aos 14 anos, ele começou a apresentar alterações de comportamento e a ter amizades negativas. Depois disso, o nosso relacionamento familiar passou a ser conflituoso, ele não falava mais com o pai. Em casa ficava nervoso, às vezes quebrava as coisas, depois saía de casa e retornava mais calmo.* Ela sabia que o filho usava bebida alcoólica, mas não tinha certeza se ele também fazia uso de drogas ilícitas.

O relatório anual da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE) das Nações Unidas (ONU), através de um levantamento realizado em 2003, que tinha por objetivo analisar os reflexos das drogas na criminalidade e na violência vivida pelas comunidades apontou que grande parte dos homicídios ocorridos, anualmente, no Brasil estão relacionados ao tráfico e ao consumo de drogas (AGÊNCIA JB, 2005).

4.3.4.1 A Porta de Entrada

Na adolescência a vontade de transgredir é uma questão de ordem. O uso de droga pode ser uma forma de transgressão para contestar o mundo dos adultos, indo de encontro às normas e valores destes.

Dentre os seis meninos pesquisados todos faziam uso de um ou mais tipo de droga, seja ela lícita ou ilícita. A primeira droga ilícita utilizada por Marcelo, Binho, Dado e Carlinhos foi a maconha, como Marcelo relata:

Eu comecei a usar droga com 13, 14 anos. Bom primeiramente eu usei maconha, mas antes disso eu já usava bebida alcoólica; mas a primeira droga assim foi a maconha (...). (Marcelo).

Dado menciona o começo do uso da maconha, como o fator desencadeante para o ato infracional que cometeu. Ele diz que *O começo disso tudo foi só por curiosidade mesmo (...). Entrei na maconha que só trouxe coisa ruim pra mim.*

A maconha (*Cannabis sativa*) é considerada a droga ilícita mais usada no mundo inteiro. É discretamente alucinógena, provocando uma euforia inicial seguida de relaxamento. Seus efeitos principais são a perda de funções cognitivas, alteração da percepção de tempo e espaço, sintomas de paranóia, podendo gerar em algumas pessoas sentimentos de tristeza e choro (BERNICK, 1999). De acordo com O CEBRID (Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas), uns indivíduos podem desenvolver dependência e outros não. Isso vai depender da pessoa e seus problemas, do tempo e quantidade de uso. Infelizmente, não podemos saber quais são as mais propensas, pois a dependência está ligada a uma série de fatores que variam muito de pessoa para pessoa (CEBRID, 2005).

O médico neozelandês David Fergusson realizou, entre 1991 e 2002, o maior estudo já realizado no mundo sobre a relação de adolescentes e jovens com a maconha. Concluiu que indivíduos com problemas de conduta, que gostam de se arriscar, são mais propensos a serem seduzidos para o uso de drogas (VEJA, 2005).

Ainda com relação à maconha, nos chamou a atenção a facilidade com que ela é comprada. Marcelo nos diz que *Eu posso dizer a senhora que comprar maconha é mais fácil do que comprar pão na padaria. Eu sei de pais de família que sustentam a casa desse jeito, vendendo. E a maconha está onde menos se espera. Nas favelas então, é certo ter ponto de venda. Só que você não precisa ir até lá, porque eles têm os aviões.*

Sony é um menino de família pobre, que usou como primeira droga a cola aos 10 anos de idade, por ser um inalante de baixo custo. Ele a usava nos terminais, como diz: *Quando eu era mais novo eu usava cola nos terminais. Na rua eu ficava farreando, usando droga e me arranjando.*

De acordo com o CEBRID, os solventes são substâncias voláteis que podem ser inaladas por de aspiração pelo nariz ou pela boca. É muito utilizada por meninos de rua, adolescentes mais jovens e pobres. Podem ser conseguidos através de inúmeros produtos comerciais fabricados como: esmaltes, cola de sapateiro, éter, acetona, benzina, lança-perfume, loló, entre outros. Podem provocar alucinações auditivas e visuais e o seu uso crônico pode causar dependência (CEBRID, 2005). Os meninos mais pobres começam a usá-los, depois experimentam álcool, e cocaína, e finalmente chegam, movidos pela facilidade e pelo preço relativamente baixo, ao *crack* e até ao moderno *ecstasy*.

4.3.4.2 O uso cruzado de drogas

Segundo Bernick (1999), deve-se levar em conta o fato de que nenhum paciente é adito apenas a uma só droga. Assim, na falta de uma, ele usa outra e, na falta de tóxicos em geral, a saída é abusar intempestivamente do álcool, fazendo o que é denominado de “uso cruzado”, isto é, o emprego de substâncias diversas causadoras de hábitos alternados ou concomitantemente, colocando assim o usuário dependente mais perto do risco da morte.

De nossos pesquisados somente Téo diz fazer uso exclusivamente de álcool. Os outros entretanto, relatam o uso de duas ou mais drogas ao mesmo tempo como é o caso de Sony, que já fez uso de cola, solvente, comprimido, maconha, cocaína e *crack*, também denominado de pedra; de Marcelo que fez uso de bebida alcoólica, maconha, comprimido e *crack* e Dado, que usou álcool, maconha e comprimido. Carlinhos e Binho dizem ter usado maconha e bebida alcoólica.

Primeiro usei maconha e o álcool, depois experimentei comprimido rivotrio. (Dado).

Por intermédio de Marcelo, ficamos sabendo que a maconha pode ser misturada a drogas mais fortes, como é o caso do *crack*. A mistura provoca duas diferenças fundamentais no usuário: ele fica “ligado” por mais tempo e a dependência é logo sentida no início do uso,

pois o *crack* provoca em quem a usa uma necessidade periódica ou contínua da droga.

Marcelo nos conta como faz o uso conjunto das duas substâncias:

Esfarela a pedra na mão e depois esquenta na lata, aí você mistura com a maconha e usa as duas ao mesmo tempo. (Marcelo).

O “crack” ou “pedra” é uma preparação impura obtida a partir da pasta da cocaína, geralmente chamada “fundo de raspa de tacho”. É acrescida de outros produtos químicos e costuma ser fumada em cachimbos metálicos especiais, podendo custar muito menos do que a cocaína (BERNICK, 1999).

Algumas drogas para ter um maior efeito são usadas em grande quantidades, como é o caso de Sony que tomava 5 comprimidos de Royphinol ao mesmo tempo, para ter um efeito mais forte e prolongado, ficando intoxicado ou como ele mesmo disse “lombrado”. Como nos conta:

A droga que eu tinha mais vontade de usar era royphnol, eu tomava 5 comprimidos de uma só vez, e aí eu passava o dia todinho lombrado. (Sony).

Marcelo virava a noite fora de casa para usar droga. Quando questionado sobre o dinheiro usado para a compra da droga, fala que: *eu sempre tive dinheiro, dos roubos e dos assaltos...* Com a maior parte do roubo, comprava drogas e também algumas roupas de marca.

Na entrevista, Binho relata que já fez uso de maconha e ingeriu bebida alcoólica. Notei que ele quis mostrar que não havia feito uso dessas drogas por muito tempo antes da internação. Ao ser questionado sobre o fato de já haver sido usuário, respondeu:

Não vou mentir para a senhora não. Eu já usei maconha e bebi, mas não quero mais isso pra mim não. Eu não usei nem por muito tempo, só 1 ano e 8 meses por aí assim, porque eu vi que não me dava com ela. Cachaça eu não bebia não, quando eu tinha um dinheiro sobrando, eu bebia uma ou duas cervejas mas eu não era viciado. (Binho).

Em contrapartida às revelações de Binho, estão as declarações de sua mãe: *Binho já se droga há 2 ou 3 anos, e nos últimos tempos passou a traficar para manter o vício*. Nesse caso ele trafica em seu benefício; para que a sua droga saia de graça.

Binho também nos falou com ênfase que se deve saber curtir droga direito sem mexer com ninguém, indo novamente de encontro das suas declarações anteriores: *É assim curtir uma droga direito, por exemplo, se eu uso uma droga, aí eu vou curtir ela sem mexer com ninguém, só eu e ela mesmo, sem ficar alterado*. (Binho).

Dentre as dependências químicas, o alcoolismo com certeza é um grave problema médico, social e econômico em todo o mundo. Em razão de sua relevância, dedicamos uma parte especial a este tema.

4.3.4.3. A Cultura do Alcool

Segundo Bernick (1999), entre todas as substâncias de uso e abuso, o álcool é a mais disseminada e, portanto, a mais potencialmente perigosa. Concordando, Santos e Mendoza (2005) assinalam, com base em estatísticas, que o álcool é a mais perigosa das drogas e a que mais vicia no mundo, causando dependência física.

No Brasil, Adolescentes começam a beber cada vez mais cedo, seja com amigos em bares próximos à escola, em *shows* ou mais comumente dentro do próprio lar, sob o olhar e convivência dos pais, que não têm a conscientização de que o álcool já é avaliado como a real porta de entrada para o mundo das drogas (BERNICK, 1999).

Téo iniciou o uso de bebida alcoólica com aproximadamente 15 anos de idade. Até então, era calmo e não saía com amigos. Seus pais o alertaram quanto ao abuso do álcool, mas não o proibiram ou o avisaram dos danos físicos e psíquicos que poderia causar.

A bebida alcoólica provoca sensação de prazer e, é usada indiscriminadamente em comemorações, onde se festejam novos sucessos, mas também é empregada por muitos como

um alento para as horas de fracasso. A mídia faz propaganda incentivando o seu uso. Junto com um copo de bebida, surge sempre uma bela mulher, um jovem bonito e charmoso, uma roda de amigos alegres e sorridentes. É tão forte a cultura do álcool que a propaganda advertindo os acidentes de trânsito provocados por pessoas alcoolizadas, colocadas na televisão e em outros meios de comunicação diz: *Se for dirigir não beba*, entendendo-se que a pessoa pode beber, contanto que não dirija. Para Ballone e Ortoloni (2002), não há campanhas que mostrem a dependência e os danos que podem ser causados pela ingestão de álcool.

Carlinhos e Dado abusaram do álcool, apesar da pouca idade. Frequentavam bares, onde lhes era servida a bebida, apesar da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que proíbe a venda e o consumo do álcool para menores de 18 anos de idade (Lei nº.9.294, 2005). Bebiam até perder totalmente o controle de suas ações e tornarem-se pessoas violentas capazes de cometer crimes hediondos.

Existe uma associação forte entre a violência e o uso abusivo de álcool. No início, provoca uma fase de euforia e de excitação da psimotricidade, de abertura social e desinibição, podendo chegar a um comportamento bizarro e muitas vezes agressivo (BERNICK, 1999).

Como poderemos ver nos relatos dos atos infracionais cometidos pelos meninos, o álcool é um dos fatores mais fortes para o cometimento de atos violentos.

4.3.5 O Ato Infracional: “Caindo na Esparrela”

Um crime habitualmente envolve uma série de questionamentos e reflexões, que resvalam na Ética, na Moral, na Psicologia e na Psiquiatria, simultaneamente. Sempre há alguém atrelando ao infrator traços e características psicopatológicas e sociológicas: por que

fulano fez isso? Estaria perturbado psiquicamente? Seria para ele a única solução? (BALLONE, 2003).

Para Ballone e Ortoloni (2002), guardando inúmeras exceções, a tendência à agressão e à violência poderá ser concebida como traços de personalidade, como respostas aprendidas no ambiente, ou como reflexos estereotipados de determinados tipos de pessoas, ou, até, como manifestações psicopatológicas.

4.3.5.1 *Gente de Pavio Curto*

Carlinhos, apesar de naquela época ter somente 15 anos de idade, já havia se envolvido em brigas de bar por mais de uma vez. Tendo sido levado à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), mas, por ser menor de idade, logo foi liberado. Nessas ocasiões, tinha sempre ingerido grandes quantidades de álcool, fato este que, quando adicionado as suas mudanças constantes de humor, o faziam um jovem de “pavio curto” e extremamente agressivo. Como relata com suas palavras: *Quando eu bebia, sempre sentia uma vontade forte de querer matar alguém, ou seja, matar qualquer pessoa.*

Para Maldonado (1997), o alcoolismo, sobretudo quando associado à dificuldade do controle da raiva, aumenta dramaticamente o índice de homicídios e outras mortes violentas. Carlinhos e a vítima, uma jovem mais velha, por quem nutria uma atração forte, já haviam bebido bastante no dia do homicídio. A jovem em questão o irritou quando não permitiu que ele colocasse a mão sobre o seu ombro; ele sentiu-se humilhado, ficando enfurecido. Este fato, associado à ingestão do álcool, expôs a sua “vontade de matar alguém”. Ele andava sempre armado de uma faca, pois sofria ameaças das pessoas envolvidas em suas brigas de bar. Nesse dia, não controlou os seus impulsos: pegou a faca e matou a jovem com 40 facadas. Isto prova o completo descontrole emocional em que se encontrava no momento do crime. Carlinhos tentou fugir, mas não obteve apoio dos amigos. Refugiou-se então na casa da mãe, onde foi apreendido no dia seguinte, e levado ao Centro Educacional Patativa do Assaré.

Lá aguardou que a sentença fosse proferida. O crime foi considerado hediondo e de alta brutalidade, tendo sido alvo de notícia nos jornais e na televisão.

Era um dia de domingo, quando Dado e o primo saíram de casa, por volta do meio-dia, para procurar um pouco de diversão. Foram a um bar no mesmo bairro em que residiam. No Brasil, a aceitação da bebida alcoólica e a venda desta para menores de 18 anos, é praticamente livre; apesar da Lei de proibição existente já citada anteriormente. A juventude bebe por prazer, não havendo nenhum tipo de repressão. No bar, os dois ficaram horas bebendo e conversando, até Dado perder completamente o controle sobre suas ações.

Foi quando dois colegas maiores de idade, os “convidaram” para assaltar. Dado nunca havia se envolvido em atos infracionais, mas aceitou o convite por curiosidade, e também para mostrar-se “corajoso” diante dos colegas. Escolheram o local do assalto e aguardaram a vítima. Seria qualquer transeunte. Nada havia sido planejado com antecedência. Dado armou-se de um punhal e, quando a vítima reagiu ao assalto, os colegas a espancaram, mas Dado, movido pelo álcool, desferiu-lhe sete facadas, levando-a a óbito. Como ele mesmo diz: *Na hora desse crime, eu não sei o que aconteceu comigo. Eu fiquei doido. Fiz uma loucura. É como se eu fosse outra pessoa.* Após o crime, voltou para casa e, no dia seguinte, foi à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), onde assumiu a autoria do latrocínio. Na época, ele tinha 15 anos.

Marcelo, desde criança, apresentava problemas de desvio de conduta. Era irrequieto e provocava brigas, com os irmãos e com os pais, o tempo todo. Para Fonagy apud Maldonado (1997), em estudos realizados sobre delinquência, foi possível prognosticar distúrbios de conduta na infância, e, ainda nessa mesma fase da vida, intervir apropriadamente, evitando assim problemas futuros.

Aos 13 anos, já usava drogas. Também praticava assaltos com a finalidade de conseguir dinheiro para comprar droga e roupa de marca. Diz que já fazia uso de bebida

alcoólica antes dessa idade. Para praticar os assaltos, escolhia sempre bairros afastados da sua residência, na intenção de esconder dos pais seus atos ilícitos. Como vemos na sua fala:

Eu sempre fui uma pessoa que virava a noite para usar droga. Mas com meus pais eu não usava. Se eu fosse fazer aquilo (assaltos), fazia escondido. Fazia distante de casa, já para não sujar o pouco da boa imagem que meus pais tinham de mim. Até o dinheiro dos roubos, eu escondia deles, e era muito comedido ao gastar. (Marcelo).

Aos 15 anos foi levado para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) por portar uma arma. O episódio de o filho andar armado parece não ter sido o suficiente para chamar a atenção dos pais sobre a necessidade de tomar medidas urgentes a respeito da sua conduta. Esse tipo de episódio, na maioria dos casos, precisa de ajuda de especialistas, como psicólogos e psiquiatras, já que na época os pais sabiam que ele fazia uso do álcool, apesar da pouca idade.

Para Barreto (2004), quando os pais deixam o adolescente à sua própria sorte, é uma forma de abandono e irresponsabilidade. O excesso de liberdade, nesses casos, se confunde com a falta de cuidado e de amor. Marcelo passava noites na rua com amigos que os pais não conheciam, ou que eram qualificados por eles como “más companhias”; com eles, praticava assaltos e foi em um desses atos que a vítima reagiu e ele a matou. Marcelo tinha 16 anos quando foi acusado do latrocínio. Passou 45 dias no Centro Educacional Patativa do Assaré, onde aguardou a sentença, que foi logo proferida. Foi direto para o CECAL onde esteve interno até abril de 2005.

Binho já respondia processo por um roubo qualificado, porém, durante a nossa entrevista, negou qualquer tipo de envolvimento anterior com a Justiça. Os fatos relatados a seguir foram em grande parte obtidos do prontuário, das entrevistas com a mãe de Binho, realizadas pela equipe técnica do CECAL, e do relatório feito pelo promotor de justiça sobre o crime.

Ele praticava roubos e assaltos desde os 13 anos de idade. Andava armado e já havia se envolvido em vários conflitos com armas de fogo, já tendo sido baleado no abdômen e na região glútea, anteriormente. Estava prestes a completar 16 anos, quando cometeu o homicídio. Foi cobrar uma arma que havia emprestado ao colega, e este disse que não a devolveria. Binho, então, voltou em casa, armou-se e retornou à casa do colega. Ao cobrar novamente a arma, foi atingido por dois tiros, revidou com três disparos, levando o colega a óbito. Um dos tiros o atingiu na cabeça, onde a bala ainda se encontra alojada.

Diz ter cometido o homicídio sozinho, e que o parceiro apenas lhe emprestou a arma sem saber para que fim; mas as testemunhas do crime afirmam que o companheiro estava com ele no local do crime. Binho depõe dizendo que *Ele só me emprestou a arma e pronto! Ele não sabia nem para o que era. Eu disse a ele que ia meter um assalto, ele não sabia que era para matar! E ele tá preso até hoje de inocente.*

Perguntei se ele havia usado álcool ou qualquer outro tipo de droga antes do ato infracional. Ele respondeu: *Tinha não senhora. Eu tava consciente de mim mesmo.* Binho foi apreendido e levado ao Centro Educacional Patativa do Assaré, onde permaneceu por 45 dias aguardando a sentença judicial. Como esta não foi proferida durante esse período, ele foi liberado. Durante esse período, foi morar no interior com os avós, onde fala ter tido um ótimo comportamento. Após dois anos de espera, ele foi sentenciado à internação no CECAL.

Téo é aquele tipo de pessoa que, podemos dizer, não leva desaforo para casa. Por tudo, fica com raiva e, a partir daí, não mede as consequências dos seus atos. Para Maldonado (1997), a raiva é uma emoção humana básica necessária à sobrevivência. Dá ao ser humano condições de lutar por objetivos e de defender-se quando atacado. Se, porém, esta reação agressiva fica fora de controle, a raiva dá origem ao ódio e tende a expressar-se por intermédio de condutas violentas.

Téo gostava de festas, de garotas e de beber descomedidamente. Já havia cometido uma lesão corporal aos 15 anos, ocasião em que se envolveu em um bate-boca entre gangues rivais, e esfaqueou o “inimigo”. Por esse motivo cumpriu a primeira internação de 45 dias no Centro Educacional Patativa do Assaré. Relata o incidente da seguinte forma:

Os amigos falaram: vamos Téo para a festa! Aí, eu fui com eles. Arranjei uma namorada e fui para um pagode com eles. Nesse pagode, começou as desavenças. Aí, foi quando um cara lá, xingou a minha mãe e então, eu perfurei ele de faca. E dessa coisa, que foi em 2002, é que surgiu o homicídio. (Téo).

Após essa internação, continuou levando a mesma vida de sempre: saía, bebia, se exaltava. A internação parece não ter-lhe feito nenhum benefício. Por outro lado, os amigos da vítima prometeram vingança. Então, começaram uma série de agressões, entre os amigos de Téo e os amigos da vítima. Dois de seus colegas já haviam sido esfaqueados pelos adversários. Para se vingar, resolveram planejar uma agressão conjunta que atacasse a todos de uma só vez. Observaram o grupo rival por algum tempo: o que faziam, onde e quando iam. Armaram uma tocaia. Seria em um casebre na beira de um rio, onde o grupo sempre se reunia para fazer uso de droga. Lá havia somente uma saída; era, pois, o local ideal. A ordem era “matar ou morrer”. Como Téo nos conta:

Eles estavam lá curtindo e a gente ia buscar eles (...) E quando chegasse lá, ia ser quem tivesse. Queríamos vingar os companheiros. Não era para sobrar vítima, e para não sobrar testemunhas, ia ser os outros também. (Téo).

A frieza do grupo de Téo foi marcante. Atiraram nas costas e pelas costas dos adversários. Dois deles ficaram feridos e um deles recebeu um tiro fatal. Téo assumiu a autoria do disparo que matou o outro jovem. Ele conta tudo com frieza. Calcula os detalhes; diz que todos atiraram juntos. Então perguntamos se ele tinha a certeza de que a bala que matou o outro jovem havia realmente saído do seu revólver. Ele respondeu ter certeza da ocorrência. Apesar disso, diz não se sentir ameaçado pelos familiares da vítima porque a

comunidade, inclusive a família da vítima, acredita que ele não é o autor do crime, mas sim os companheiros mais velhos e já na vida de crime há mais tempo.

Téo aguardou por quase dois anos a sentença de internação. Durante esse período, levou a namorada para morar com ele na sua casa; teve um filho com outra jovem com a qual mantinha encontros esporádicos e arranjou um emprego, com a carteira assinada, no mesmo local em que o pai trabalha.

Sony responde a vários processos, entre eles: roubo (02), furto qualificado, invasão de domicílio, furto, porte ilegal de armas, homicídio e latrocínio. Iniciou a sua vida infracional com apenas 12 anos, quando foi cometer um assalto com um colega em um sinal de trânsito. Desde então, passava períodos curtos em casa, voltava para a rua e cometia novos atos infracionais. Daí tornava a ser interno e assim sucessivamente.

Sony contou que, no latrocínio, ocasião em que matou um policial, estava drogado, fato que não lhe permitiu fazer uma análise correta da situação, como conta:

(...) acabei ferindo a pessoa só mesmo por medo, eu tava drogado. Pra mim aparentava que a pessoa estava reagindo. Aí eu atirei, dei dois disparos e foi quando eu me dei conta, que tinha matado um policial da civil. (Sony).

Quanto ao homicídio, disse que estava sendo ameaçado de morte pela vítima e resolveu agir primeiro, como diz: *O homicídio foi lá mesmo no meu bairro (...). O rapaz chegou lá para me matar três vezes, não conseguiu, e aí, eu fui lá atrás dele e o matei.*

Ressaltamos que, mesmo estando respondendo pela primeira vez a um ato infracional, esse fato não implica que os adolescentes não tenham cometido outros atos ilícitos anteriormente. Esse é o caso de Binho, que responde por homicídio, mas cometia furtos e roubos anteriores à internação; Marcelo também fez relatos de outros assaltos feitos antes de ser interno; Sony tem uma vasta vida infracional, porém, a sentença proferida pelo juiz corresponde a apenas um ato infracional.

4.3.5.2 A Banalização da Vida: “matar ou morrer”

Para Ballone e Ortoloni (2002), é impossível considerar a agressão no ser humano como um evento isolado das circunstâncias e contingências que o precederam. Primeiramente, deve-se considerar a agressão a partir do agente agressor, considerando nele a intenção dolosa do ato. Depois, a partir do agredido, levando em consideração o seu sentimento de estar sendo vitimado ou prejudicado e, finalmente, através do observador, considerando o sentimento crítico do ato no que concerne a nocividade e intencionalidade em promover a agressão.

Nosso informante, Sr. Carlos Henrique, relata quem são na maioria das vezes as vítimas de homicídio cometido pelos meninos internos e como eles arriscam tudo ao cometer um roubo:

Geralmente os homicídios são por causa da rivalidade entre eles mesmos nas áreas onde moram, e também porque estão drogados. Com a bebida, ficam doidos mesmo! E acabam matando uns aos outros. Sobre o latrocínio a gente sempre fala: em um roubo é melhor você não reagir, pois os adolescentes saem com o instinto de fazer, pode matar ou pode morrer. Então você não deve reagir independente de qualquer coisa que ele faça. O cara tá fazendo aquilo ali já sabendo! Se der certo deu, se não der, vai preso ou morre. E se você reagir, eles te matam mesmo.(Carlos Henrique, monitor).

Ficou marcante a banalização da vida humana. Os homicídios foram relatados por Sony, Binho e Téo de uma forma fria, sem emoção, como se fosse lógico e comum, um fato do cotidiano, matar uma pessoa. Vejamos que eles mataram outros jovens, que possivelmente estavam envolvidos com atos ilícitos, já que também tinham o hábito de andar armado e de fazer ameaças. Ao sair para cometer o crime, eles arriscaram também suas próprias vidas, mostrando que a violência entre esses jovens é estarrecedora.

O homicídio é a morte de um homem causada por outro. É previsto no art. 121 da Parte Especial do Código Penal Brasileiro. Trata-se de crime contra a vida humana, sendo este o bem tutelado nesse dolo. Nos relatos sobre os crimes cometidos pelos seis jovens,

podem ser qualificados como homicídios os atos infracionais cometidos por Carlinhos, Binho, Sony e Téo.

Carlinhos não premeditou o seu crime. Não planejou a morte da jovem, estava embriaga. Porém, gado e descontrolado emocionalmente no momento em que cometeu o ato infracional. Sony, porém, diz ter sido ameaçado anteriormente pela vítima, e, ao sair ao seu encontro, tinha em mente matá-la. Ao ser questionado por qual motivo o rapaz desejava a sua morte, respondeu que não sabia a razão. Binho também cita ter sido ameaçado anteriormente, inclusive, na presença de outras pessoas, como fala:

Quando eu tava na calçada conversando com as meninas e ele tinha usado droga, ele chegava, puxava a arma e ficava apontando pra mim. (Binho).

Também enfatiza que sofreu ameaças no dia do crime e que não ia ficar sem tomar uma providência, como diz com suas palavras *não ia ficar de braços cruzados*:

No dia que eu o assassinei ele disse que ia matar eu e meu parceiro. Então, eu pedi o revólver emprestado, e atirei nele, porque eu sabia que ele fazia mesmo. E eu não ia perder a minha vida, não ia deixar ele me matar e ficar de braços cruzados. (Binho).

Téo planejou a morte de seus “inimigos” semanas antes com detalhes. Seu crime é considerado homicídio qualificado, como é citado no Parágrafo 2º do Artigo 121 inciso IV do Código Penal: *Homicídio cometido à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido.*

Marcelo, Dado e Sony se enquadram no art. 157, § 3º do Código Penal, que cuida do roubo seguido de morte. Dado e Sony afirmaram estar drogado durante o cometimento do ato infracional. Já Marcelo, disse haver feito uso de droga antes do ato infracional, mas não quis detalhar pormenores do ato em questão. O latrocínio, perante a lei, é um delito complexo em sentido estrito, quer dizer, é um crime que contém na sua definição dois delitos reunidos numa só descrição típica. Viola dois bens jurídicos, pois, ao tempo em que atinge o bem jurídico

vida, lesa também o patrimônio. O latrocínio tem uma pesada carga de reprovação social, e seus autores são punidos com maior rigor perante a Lei. Para o crime de latrocínio, a pena pode ser de 15 a 30 anos de reclusão (Código Penal Brasileiro, 1940).

Aos seis meninos entrevistados coube a sentença de internação que, de acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Artigo 122, deve ser aplicada quando se tratar de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa. A internação será o assunto que discutiremos no próximo item.

4.3.6 A Internação: “*um tempo perdido na minha vida*”

O Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL) enquadra-se no conceito de “instituição total” definido por Goffman (1974), como sendo um local onde um grande número de indivíduos em situação semelhante estão separados da sociedade por um determinado período de tempo, levando uma vida fechada e formalmente administrada. Segundo Assis (1999), as instituições totais despersonalizam os adolescentes, reforçando a delinquência.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), em seu Art.123, expressa que:

A internação deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração.

A internação é um momento decisivo na vida desses meninos. Mostraremos neste capítulo as condições existentes dentro do Centro Educacional pesquisado, como os adolescentes são acolhidos e o que o Estado, responsável pela tarefa de cuidar desses jovens e ressocializá-los, está colocando em prática de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

4.3.6.1 “A Universidade do Presídio”

Alguns dos meninos já estiveram internos em outros centros educacionais, seja respondendo ao mesmo processo, como é o caso de Carlinhos, ou respondendo por outros atos infracionais, conforme sucede com Sony.

Carlinhos foi interno inicialmente no Centro Educacional São Francisco, que acolhe normalmente meninos com pouca idade. Em seguida, foi transferido para o Centro Educacional São Miguel e, por fim, para o Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL), onde permaneceu 1 ano e 8 meses até a sua liberação. Essas mudanças de local podem decorrer da não-adaptação do adolescente, desentendimento deste com outros internos ou em razão de um acordo entre as casas de internação.

Para Carlinhos, a internação é um grande sofrimento. Sente muito a ausência da mãe, mas aceita a internação como um castigo pelo crime que cometeu, como fala:

Eu não gosto muito de pensar em estar aqui dentro, porque faz dois anos e dois meses que estou aqui e para mim é um tempo bastante perdido da minha vida. Eu preferia nunca ter conhecido o CECAL, nem ter ouvido falar (...). Más é isso, eu matei uma pessoa e estou pagando.

Para Oliveira (2001), em seu livro “Sobrevivendo no Inferno”, a expressão usada por Carlinhos *tempo perdido em minha vida* não decorre apenas da falta de oportunidades de aprender um ofício, mas também porque se perde tempo por um período de exílio da vida, em que o jovem se vê distanciado de contatos com o mundo exterior.

Binho vê a internação como um período para reflexão. Diz que *aqui dentro dá para pensar um pouquinho*. Quando se refere à razão da sua internação, fala que entende o seu erro e que está pagando por ele, como vemos com suas palavras:

A pessoa passa o tempo aqui dentro do CECAL é para pensar mesmo. Lá fora, na liberdade, não dá para pensar, mas aqui dentro dá para pensar um pouquinho. Eu não tava rezando na igreja para estar aqui dentro. Entendo o meu erro (...). Eu to aqui dentro porque estou pagando uma coisa que eu fiz! (Binho).

Segundo Foucault (1993; 213), “o detento sozinho em sua cela está entregue a si mesmo, ele desce à sua consciência, interroga-a e sente despertar em si o sentimento moral que nunca perece inteiramente no coração do homem”. Não é, portanto, um respeito exterior pela lei ou apenas o receio da punição que vai agir sobre o detento, mas o próprio trabalho de sua consciência.

Marcelo, ao chegar no CECAL, teve dificuldades de adaptação à internação. Logo nos primeiros dias, apresentou um quadro de melancolia por não se identificar com os outros adolescentes. Em uma de nossas conversas, nos falou que *os outros meninos eram desorganizados e não tinham higiene consigo nem com o ambiente, e isso o fazia sofrer muito.*

Marcelo fala sobre as múltiplas perdas que sofreu em virtude à internação, incluindo a perda da namorada e até a própria liberdade. Ele caracteriza o CECAL como uma “universidade do presídio”, um campo de treinamento para uma vida criminal muito mais pesada no futuro. Tem consciência de que crimes cometidos por maiores de 18 anos têm sentenças longas de 20 a 30 anos, então, o CECAL para ele, representa o momento de decisão sobre o caminho a seguir agora em sua vida. Como vemos em sua fala:

Está sendo uma das experiências mais difíceis da minha vida porque se você pensar bem, você é privado da sua liberdade e perde muitas coisas, perde namorada, perde tudo. Tudo que você pensa que adquiriu naquele momento, você perdeu (...). Mas sei que aqui não é aquela duração de tempo de você pegar uma pena de 30 anos, 14 anos de reclusão e puxar aquilo tudo (...). Aqui você sabe que a sentença é só de seis meses a três anos e você tem tempo para pensar e ver que aqui se chama a “universidade do presídio”. E eu acho que se você parar bem para raciocinar, vê que aqui e acolá ainda passa um veneno, passa por um clima de tensão, imagine lá dentro do presídio? Como será que deve ser? Sinceramente ter uma vida dessas não vale a pena não! Eu tiro pelo sofrimento meu e da minha família! (Marcelo).

Na sociedade, a liberdade é um bem que pertence a todos da mesma maneira e a sua perda tem, portanto, o mesmo preço para todos os indivíduos. Segundo Foucault (1993), a

falta de liberdade é a detestável solução, da qual não podemos abrir mão por ser ela o castigo “igualitário”.

4.3.6.2 O Dia-a-Dia na Instituição

Normalmente os dias dentro do CECAL transcorrem sem novidades, pois existem horários para as refeições, para o banho, porém nem todos os adolescentes seguem as normas da Casa. Alguns deles não levantam pela manhã no horário estipulado e querem dormir até tarde, dificultando assim o bom andamento da casa.

Um dos monitores nos disse que o grande problema do CECAL é a falta da disciplina e da hierarquia, pois não há uma autoridade outorgada aos monitores que pudesse melhor regularizar o andamento do local. Quando os adolescentes chegam para a internação, não se fala nada sobre a quem eles devem respeitar e a hierarquia da Casa, ninguém diz a eles: *os monitores mandam nos blocos, portanto os respeite e sem isso os meninos acabam mandando dentro dos blocos*. Os adolescentes também comparecem aos atendimentos realizados pelo Serviço Social, psicólogas, enfermarias e odontológicos. Carlinhos conta como é o seu dia-a-dia:

Meu dia-a-dia é o seguinte: acorda às 6 da manhã, toma banho, e às 7 horas abrem os portões dos quartos, aí merenda e fica trocando idéias com os meninos lá dentro. O horário de almoço é às 11 horas, às vezes um pouco mais tarde às 11h30min e, aí vai recolhido novamente até as 14h00minh. Depois a gente sai e fica conversando com o pessoal lá dentro (...). Ou vai para algum atendimento da assistente social ou da psicóloga. (Carlinhos).

O CECAL oferece também aos meninos as oficinas, cursos e aulas no setor pedagógico. Binho também fez o seu relato de como é a semana dentro do CECAL. Para ele, as atividades são poucas. Ele se queixa de que fica trancado dentro do bloco quase a semana inteira. Ele diz:

Na semana toda só saí do bloco duas vezes, uma para a oficina e outra para a sala de aula. O resto dos dias fica preso dentro do bloco. Assim, se você tem a oficina em um

dia da semana de tarde, os outros dias a tarde fica dentro do bloco, porque é a vez dos outros blocos, então nós passamos o dia trancado. (Binho)

Como ficou bem evidenciado na declaração dos adolescentes, a ociosidade é marcante dentro do CECAL, fazendo com todos os dias pareçam iguais e sem graça

Para os informante-chave, a Instituição, tanto na sua estrutura física como no tratamento aos adolescentes, é bastante aceitável. Carlos Henrique e César, nossos informantes, dizem que os meninos não podem se queixar, pois têm comida, esportes e até equipamento eletrônico como som em cada bloco, TV e videocassete para ajudar a distrair o jovem com filmes alugados nos finais de semana e música que eles podem escutar em determinados horários. É como podemos ver nos relatos:

A estrutura da casa é boa, os adolescentes têm 5 refeições diárias, tv, geláguia em cada bloco e um som microsystem no bloco para eles ouvirem à vontade até a hora estipulada pela casa. Tudo aqui tem o seu horário e tudo transcorre normalmente. (Carlos Henrique, monitor).

Aqui não tem o que se queixar, até esporte é oferecido a eles temos futebol, vôlei, no final de semana tem os vídeos que vêem dentro dos blocos. (César, coordenador de disciplina).

A alimentação nos parece ser muito razoável, o que é notado pelo aspecto físico diferente que os meninos adquirem poucos meses após a internação. O cardápio compõem-se de 3 alimentações à base de leite (café-com-leite, bananada, mingaus...) pela manhã ao acordar, no lanche da tarde e na hora da ceia às 21 horas. No almoço e no jantar, o cardápio é bastante variado, constando de carne, frango, peixe, feijoada, ovos. A única refeição servida no refeitório é o almoço. O monitor serve a comida no prato de cada um e não pode repetir. A explicação para essa norma é o grande desperdício de comida que havia anteriormente quando os adolescentes se serviam à vontade.

Alguns monitores, nos finais de semana, levam o aparelho de DVD com alguns filmes para serem assistidos pelos jovens. Tanto os canais de televisão como os filmes alugados são especialmente escolhidos, pois não devem conter cenas ou notícias de violência.

4.3.6.3 A Violência dentro do CECAL

No CECAL, a violência é mais marcante entre os próprios adolescentes. Um dos grandes problemas enfrentados pela Direção da Casa é a grande quantidade de objetos que podem ser usados como arma para ferir uns aos outros, encontrados de posse de muitos dos internos. Eles fabricam armas de qualquer coisa que esteja à mão: talheres, galhos de plantas, grades... Estas armas fabricadas artesanalmente são denominadas de “cossoco” ou simplesmente “ferro”, são guardadas escondidas em qualquer local, até dentro do próprio corpo, como recentemente, durante uma revista feita pelos monitores, foi encontrado um cossoco no ânus de um dos meninos.

Nas palavras de um menino informante, podemos ver que muitos adolescentes possuem armas para usar contra os outros e em alguns casos para defesa própria:

Os maiores problemas é as confusão que tem e as brigas quando pega o “ferro” dentro dos blocos, e tem uns que pensam logo em fazer maldade com os outros, em brigar, tentar furar, fazer confusão... (menino informante, 18 anos).

Em muitas ocasiões, dois adolescentes do mesmo bloco se desentendem e um vai tentar expulsar o outro do bloco. Nesse caso, ele organiza um “motim” contra o outro, como conta nosso menino informante:

Quando uma pessoa tem raiva da outra vai tentar fazer a “caveira dela”, é o que se chama “cruzeta”. Vai falando mal do outro, aí vai fazendo motim, motim... ali já faz um grupo e esse grupo tira a pessoa do bloco. (menino informante, 17 anos).

Nas entrevistas com os coordenadores de disciplina, habituados a conviver diária e diretamente com os internos, sentimos o quanto a violência é vivida dentro da Instituição. A primeira dificuldade parece ser a de alojar o recém-chegado em um dos blocos, pois, a rivalidade entre eles parece ter início na rua ou mesmo em outras interações, como vemos a seguir:

Muitas vezes não podemos alojar os meninos como deveria ser, porque um tem uma inimizade com outro, eles já vem das ruas com essa rivalidade assim tem que ficar em blocos separados. (Carlos Henrique, monitor).

Até mesmo atividades do dia-a-dia, como o almoço no refeitório, as oficinas, as aulas, o jogo na quadra de esportes, têm que ser separadas por blocos, sob pena de acontecer brigas com o uso dos “cossocos” e lesões físicas nos adolescentes envolvidos. Recentemente um socioeducando levou 20 pontos nas costas em razão de uma briga na qual o seu oponente quebrou uma lâmpada e cortou-lhe as costas. César nos fala: *Já aconteceu várias vezes de um menino ser furado, às vezes um segura e o outro fura. (César, coordenador de disciplina).*

Os novatos são alvos de meninos já internos há muito tempo ou, daqueles que se dizem líderes do bloco, no caso, eles podem ser violentados física ou psicologicamente, quando obrigados a agir com violência contra os outros internos ou até mesmo contra monitores. Como nos fala César:

Existe a liderança dentro do bloco da seguinte forma, o que está comando no bloco só faz mandar, ele manda e fica só olhando por fora, quer dizer manda os outros fazer coisas como furar alguém, ou brigar com alguém, e ele fica só dizendo: vá lá! Faça isso, isso (...) (César, coordenador de disciplina).

Os adolescentes que fazem o que o líder do bloco obriga são denominados de “laranjas”, situação definida por um dos meninos como: *ser laranja é ser comandado, guiado pelo chefe do bloco, que determina “ordens” para serem cumpridas como: bata no fulano, fure o cicrano, se você não cumprir a ordem é revertida para você.*

Para Assis (1999), o “estigma de *bad boy*”, isto é, de ser transgressor, de contestar as normas da casa e de já ter cometido vários atos infracionais anteriores, faz com que o interno adquira uma moral elevada, ostentando um papel de virilidade e liderança perante os outros adolescentes. De acordo com o Sr. César, nosso informante, o líder do bloco também se impõe pela postura, pelo jeito de falar e porque está há mais tempo no bloco. Quando ocorrem problemas, ele vai sendo chefe, como um advogado tentando resolver os problemas.

Em agosto de 2005, três adolescentes que dividiam o mesmo dormitório se desentenderam e um deles ateou fogo nos colchões. O saldo foi dois adolescentes internos no Instituto Dr. José Frota, o maior hospital para queimados do Estado do Ceará, e um deles com queimaduras em 18% do corpo. O jovem que foi apontado como o “cabeça” da situação foi recolhido na “tranca”, local isolado que serve de castigo, como nos fala nosso informante:

A tranca é isolada para tudo e fica sem comunicação. Quem está lá não sai para o almoço, nem para o pátio e nem para as oficinas. Vai para a tranca aqueles que estão mandando e a gente sabe que só fica olhando. (Sr. César, coordenador de disciplina).

A “tranca”, também chamada de “contenção” pela Direção da Casa, é o bloco mais isolado, ele fica no final de um longo corredor onde se tem o acesso para os outros blocos. Possui várias celas individuais e a função de abrigar por um determinado tempo os adolescentes que se desentendem com os outros, infringem as normas da Casa e desrespeitam ou agredem funcionários. As condições do bloco, de higiene e salubridade são péssimas. Ao adentrar o bloco, sentimos uma mistura de sentimentos: angústia, depressão, desespero. Os 10 adolescentes que lá estavam, ao perceber pelo barulho que o monitor que nos acompanhava havia entrado no corredor gritavam e faziam vários pedidos: *Hei! Silva eu quero ir para a enfermaria! Quero ir para o dentista! Quero dar um telefonema!* Ele anotou todos os pedidos em uma caderneta e os repassou ao retornamos.

As celas na tranca não têm comunicação com o corredor, portanto, o adolescente não vê quem chega. As pessoas somente são vistas quando se passa em frente a cada uma delas. Dentro há uma cama de alvenaria sem colchão e um aparelho sanitário daqueles que é colocado dentro do piso, no caso a pessoa ao usá-lo deverá ficar de cócoras. Também não é permitido o uso de lençol e toalha; os jovens estavam vestidos de *short* e camisa. O local é frio e desumano. Perguntamos se havia ratos, ele respondeu que a quantidade de ratos é grande. Um dos internos havia dito que à noite eles adentram as celas pequeninas e na

escuridão fazem uma festa “mordendo” os pés e as mãos dos meninos, conforme ele conta em dos nossos atendimentos:

Na tranca a gente não pode usar camisa tem que ficar só de short, e a noite faz muito frio. Não tem colchão nem lençol e a quantidade de rato é muito grande, de noite eles roem os pés e as mãos da gente. (menino informante, 17 anos).

A ordem de não haver colchão, lençóis, toalhas ou qualquer outro tipo de vestimenta que não seja o *short* e camisa foi determinada para que o local não oferecesse nenhum conforto ao adolescente e que realmente tivesse a função para a qual foi construída: o castigo.

A educação, tanto a formal como qualquer ação educativa que possam proporcionar mudanças de hábito e de valores é a pedra fundamental para se conseguir a transformação do ser humano. Para Oliveira (2001), o processo educativo é muito mais do que recompensa e castigo, e cita como exemplo uma advertência informal, um aviso, um encorajamento amigável ou uma expressão adequada de desagrado. Para ela, os meios mais contundentes, como a tranca, deveriam ser usadas somente quando estes falham.

O ECA, no seu Art. 125, diz que *É dever do Estado zelar pela integridade física e mental dos internos, cabendo-lhe adotar as medidas adequadas de contenção e de segurança*, o que nos faz ver a “tranca” como uma medida de segurança citada anteriormente. O mesmo ECA, porém, no Art.124 parágrafo X, diz que *É direito do adolescente privado de liberdade habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade*, fato que não se enquadra nos atuais moldes da “tranca” no CECAL.

Quando ocorre briga dentro de um bloco ou são encontrados cossocos em seu interior, todos os meninos desse bloco ficam na contenção, trancados dentro dos dormitórios do próprio bloco: não freqüentam as oficinas e sala de aula, não saem para o pátio, não recebem visitas, não vão para o atendimento com a equipe técnica. Se a briga é no pátio ou nas quadras somente os que participaram da briga vão para o bloco 7, a chamada “tranca”. Muitas vezes

ouvimos queixas de meninos que estavam na contenção do bloco e diziam não ter participado da confusão, e se achavam, assim, injustiçados. Para Foucault (1993) o sentimento de injustiça experienciado por alguém privado de liberdade é uma das causas que mais podem tornar indomável seu caráter. No caso dos adolescentes esse fato os torna especialmente vulneráveis ao cometimento de atos de violência dentro da Instituição.

4.3.6.4 “É melhor a gente ficar ligado em Deus direto”

A assistência religiosa consta como um dos direitos do socioeducando no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Art.124) e a valorização da oração e da leitura da Bíblia Sagrada são sentidos na fala de Carlinhos, como vemos:

Quando é a noite pra recolher tem o plantão dos irmãos , quando ele é religioso faz uma oração com a gente, ele ora e prega a palavra. A gente escuta e tenta entender o que ele falou e é assim por diante (...) (Carlinhos).

Apesar disso no CECAL, este direito não está sendo transmitido aos jovens de forma organizada pela Instituição. Não existe uma intervenção religiosa voltada para a vivência de sentimentos e perspectivas, fortalecendo a fé, seja qual for o credo que o adolescente professe, e que atue auxiliando no processo de mudança e crescimento do menino. Não existem visitas religiosas regulares e não são realizadas cerimônias e rituais, apesar de haver o espaço físico para esses eventos, pois, no projeto do CECAL e já construído, está o templo ecumênico local amplo, bonito e específico para acolher os adolescentes e seus familiares em cerimônias e rituais religiosos.

Marcelo diz que um instrutor foi a pessoa que lhe levou a fé e a esperança com a leitura da Bíblia e de orações feitas dentro dos blocos; que ele lhe mostrou o caminho certo e seguiu o seu conselho. Como fala a seguir:

O instrutor que me ajudou sempre fazia oração com a gente, nos mostrava o caminho certo! Pedia para a gente ter fé, acreditar! E sempre ter aquela fé positiva, porque tudo ia dar certo se a gente pensar positivo nas coisas! Então aquela motivação dele, foi como se fosse um espelho para mim! E eu agarrei! E até hoje eu não soltei! E eu

acredito que se hoje existir uma pessoa que não tenha fé em Deus, já tem a sua sentença perante Deus! E para tudo hoje em dia se precisa de Deus, para tomar um café, para se sair na chuva, pra tudo... Porque hoje em dia tem gente que morre de uma topada né? Então o melhor é a gente ficar ligado em Deus direto (...). (Marcelo).

Essa é uma atitude particular de cada instrutor, não estando incluída em suas atividades normais dentro da Instituição, mas que, com certeza, muito contribuí para a construção nos internos de uma personalidade com valores éticos voltados para atitudes humanizadas. Carlinhos fala da riqueza interior e do seu encontro com a palavra de Deus levada pelos monitores. Empolga-se ao dizer que já possui a sua Bíblia e que quer mudar a sua forma de viver:

O que eu penso mesmo que traz a felicidade para a vida de um homem não é o dinheiro, não é a riqueza, mas sim a riqueza de Deus. Essa daí é a única riqueza que podemos receber e buscar, é a única riqueza que eu acho que tem valor e é para sempre a riqueza de Deus. E digo sempre, no CECAL o que aprendi muito com os irmãos foi a compreender a palavra. Eu agora já tenho a minha bíblia, e leio e tento entender, por esta razão agora sou um pouco mais apegado com Deus e com a religião com Deus. A minha vida não será mais aquela não, vou viver para o meu estudo, meu trabalho, minha família e só isso. (Carlinhos).

A professora Luiza também me confessou que às vezes, em vez de dar aulas, conversa com os meninos. Fala a respeito da palavra de Deus e do olhar dEle sobre os meninos que estão fazendo coisas erradas e mantendo ódio no coração. Ela nos mostra mais uma vez o seu carinho pelos adolescentes:

(...) Deus está colocando o seu olhar sobre vocês e vendo o que estão fazendo de errado! Ele não vai lhe abençoar se você matar ou roubar, Ele vai é fazer você sentir o que fez! (...) Não se deve ter ódio no coração e nem desejar mal a ninguém, porque Jesus Cristo veio ao mundo para nos ensinar, sofreu muito e não teve ódio de ninguém! E é para a gente ser igual a ele! (Luiza, professora).

4.3.6.5 A Visita da Família: “uma força positiva”

No CECAL, as visitas são cadastradas. Podem visitá-los os pais, os avós, os irmãos e a namorada ou companheira. Os pais e avós têm o direito de visita duas vezes na semana, uma

entre segunda e sexta-feira e a outra no final de semana. Ressaltamos que todos devem vir juntos para a visita, não podendo o pai vir em um dia e a mãe no outro, portanto, o adolescente só terá direito a duas visitas semanais, independentemente do número de pessoas que venham visitá-lo. Os irmãos, a namorada ou a companheira devem vir de segunda a sexta-feira juntamente com o restante da família. Caso seja comprovado, mediante a apresentação de uma declaração do emprego, eles poderão transferir a visita para o final de semana.

Se o adolescente for do interior, um tio ou outro parente pode visitá-lo no lugar dos pais. A visita íntima é a cada 15 dias. Para ter esse privilégio, deve ser comprovado o relacionamento entre o casal e, caso a namorada ou companheira seja menor de idade, a autorização por escrito dos pais ou responsável é necessária. Para que os adolescentes recebam a companheira, o CECAL conta com duas suítes denominadas de “venustérios”. Lá encontramos uma cama de casal, um balcão, onde podemos ver uma camisinha de Vênus e folhetos explicativos de como e para que se deva fazer o uso da camisinha. O quarto e o banheiro são limpos e arrumados. Apenas estão mal localizados, pois ficam no corredor, juntamente com as salas da equipe técnica, a saber: psicóloga, assistente social, professora, odontóloga e enfermagem. Isso pode trazer constrangimento, principalmente à companheira do adolescente, pois é normal haver um trânsito intenso de monitores e adolescentes que vão para o atendimento com os técnicos durante o dia.

Os familiares também são acompanhados pelo Serviço Social e pelo setor de Psicologia que, através de conversas, conseguem penetrar mais profundamente o mundo dos meninos e, em muitos casos, orientam e encaminham as famílias a bens e serviços que viabilizam melhor qualidade de vida. O acompanhamento familiar também tem a intenção de sensibilizá-las para a sua condição de co-responsáveis pelo acompanhamento dos adolescentes (PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARÁ, 2002).

Semanalmente, todo adolescente tem direito a uma ligação telefônica, que pode ser para o interior do Estado. A ligação deverá ter a duração máxima de 15 minutos e o próprio adolescente determina com quem prefere conversar: pai, mãe, avó, companheira.

Para muitos internos em centros educacionais, a internação representa um distanciamento da família, pois os familiares residem no interior do Estado e os meninos têm que cumprir a sentença de internação na cidade de Fortaleza, por ser esta a única cidade no Ceará a possuir centros educacionais capacitados para acolher adolescentes em regime de internação.

Carlinhos sente essa dificuldade, a mãe mora no interior a aproximadamente 150 km de Fortaleza. As passagens de ônibus do interior até Fortaleza são caras e por esse motivo, ela vem poucas vezes visitar o filho. O contato com ela é mais pelo telefone feito quinzenalmente. Ele nos fala:

Minha visita vem do interior e custa muito a vir, sempre ela passa um mês, dois meses sem vir. Fica difícil porque a passagem é cara e, também com as chuvas as estradas ficam muito ruins. (Carlinhos).

Sony, apesar de ter toda a família residindo em Fortaleza, parece ter sido esquecido por ela. Durante todo o período de quase três anos que está no CECAL, foi visitado somente uma vez pela irmã mais velha e, mais recentemente, pela namorada. Parece que já está acostumado com essa situação, no primeiro encontro com a equipe técnica do CECAL ao ser questionado sobre a família, não teceu comentários a respeito dos problemas enfrentados, como o alcoolismo do pai e a violência da mãe, porém respondeu: *não carece do acompanhamento da família.*

A partir de nossos relatos, podemos verificar que a família tem importante papel, principalmente durante o período de internação quando pode levar ao menino palavras e atos de carinho e confiança na recuperação do adolescente, elevando a sua auto-estima e fazendo-o

acreditar que pode conseguir realmente seguir um novo caminho. A mãe de Dado, sempre que o visita, fala do ato infracional cometido pelo filho, como Dado nos conta: *a minha mãe sempre que vem me visitar fala da família dessa pessoa que eu matei, que tem pena e, sempre diz que o que eu fiz foi errado e pergunta se eu estou arrependido.*

Marcelo recebe visitas dos pais em todas as vezes que é permitido pelo CECAL. Para ele os pais trazem uma “força positiva” que ajuda na sua recuperação. Por isso notamos que ele se sente amado, querido e apoiado. Quando fala da família, diz que *Eu considero a minha família, uma família maravilhosa! No momento que eu estou aqui foram as únicas pessoas que me deram apoio, que me ajudaram, aliás, que ainda estão me ajudando. Eles têm me dado uma força muito positiva, não me enchendo de esperança, mas sempre falando: que está tudo bem, que você vai melhorar, que nós estamos aqui com você para lhe ajudar e que Deus está com a gente e, é dessa forma aí que vêm trazendo essa força positiva!*

Para Téó, a família passou a ter uma representação maior em sua vida após a internação; passou a valorizá-los mais e a entender as suas preocupações, como diz:

Aqui na internação aprendi a sentir mais a falta da família e a enxergar mais o lado deles, porque lá fora eles falavam comigo e eu dizia: “ah! Isso é besteira! Não vai acontecer nada comigo não! “E acabou acontecendo”. Bem dizer, eu era a preocupação de todos eles, agora aqui eu que aprendi a ter preocupação, aprendi a ter saudade, aprendi a gostar mais deles e ver que eles só estavam certos, era tudo para o meu bem, mas só que eu mesmo que estraguei.. (Téó)

4.3.6.6 As Oficinas

As oficinas no CECAL são ofertadas por blocos, isto é, o adolescente não faz opção pela qual quer fazer e terá que cursar o que está na programação do seu bloco. Frequentemente o menino cursa oficinas que para ele são desinteressantes ou nas quais não possui a habilidade necessária muitas vezes exigida. Constatamos a baixa motivação dos internos para freqüentá-las, alguns por achá-las desinteressantes, sem futuro e outros por

perceberem que não conseguirão aprender em razão do pouco tempo determinado para cada uma delas. A maioria dos adolescentes só participa das oficinas porque é obrigado, para ser mais bem avaliado pela equipe e pelo juiz nos relatórios semestrais.

Carlinhos diz que já fez algumas oficinas, mas não se interessou por nenhuma delas, como conta: ... *E eu nesse tempo todinho fiz arte e bijuteria, só que eu não gostei, não aprendi nada de arte, só bijuteria que eu aprendi um pouco.* Binho também relata que não fez o curso pelo qual tinha interesse: *Eu já fiz rede, eletrônica, bijuteria e tem a de tapete, mas eu queria mesmo era o curso de computação.*

A maioria das oficinas ofertadas atualmente pelo CECAL tem uma conotação feminina, isto é, seriam aceitas com maior facilidade por mulheres, como é o caso da oficina de bijuteria, onde se trabalha com as contas e pedras coloridas, para o que se deve ter delicadeza e sensibilidade. Na oficina de arte, os adolescentes estão pintando “panos de prato”, sendo normal que se pintem frutas e flores. Mais uma vez é um trabalho manual mais específico para mulheres.

Binho nos explicou como é a rotina das oficinas; queixou-se de que o tempo dedicado ao aprendizado é muito pouco, em geral, apenas uma manhã ou tarde por semana, como diz: *Aqui dentro não dá para aprender nada não. É assim, por exemplo, você sai para a atividade de eletrodoméstico, essas coisas assim, dia de 2ª feira de 8 às 11 horas e só... Não dá para aprender nada.* (Binho).

Dado confirma as palavras de Binho, mostrando que o tempo é curto para o aprendizado e que em algumas oficinas é necessária habilidade manual suficiente:

Eu não vou aproveitar nada das oficinas daqui. Eu já fiz a oficina de conserto de eletrodoméstico, andei mexendo em um ferro, mas foi muito pouco tempo e não consegui aprender muito, porque o tempo foi curto. Agora estou no curso de arte, com aquele professor grandão, ele quer ensinar a gente a fazer arte de canudinho de papel que eu também não sei o nome direito... Mas até agora só consegui aprender a fazer

os rolinhos de papel e não consigo de jeito nenhum fazer as casinhas que são bem bonitinhas! (Dado).

Quando perguntamos a Sony se o que ele aprendeu nas oficinas dentro dos centros educacionais poderia garantir-lhe um emprego quando fosse liberado, ele disse que não, porque não tem campo de trabalho lá fora para as oficinas ofertadas: *Não, o que a gente aprende aqui dentro não pode praticar lá fora, porque aqui não tem nada necessário, aqui não dá para abrir assim os olhos do adolescente com uma garantia de emprego. Eu já fiz oficina de tecelagem, vassouraria e marciliante (fazer sabão e desinfetante), mas nada disso posso usar lá fora porque não tem campo profissional.*

As oficinas têm pouca carga horária e, conseqüentemente, insuficiente treinamento prático. Não emitem certificados e os adolescentes não são trabalhados de acordo com suas habilidades, com o desejo da profissão que quer em ter e com a necessidade do mercado de trabalho. Na maioria dos casos servem apenas para ocupar um pouco o tempo dos meninos e mostrar que a profissionalização está sendo praticada.

De acordo com a Proposta de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei no Ceará (2002), as oficinas de arte, incluindo aí as de artesanato, desenvolvem o pensamento artístico, a percepção estética, a sensibilidade e a imaginação. A arte dentro dos centros educacionais teria o sentido de fazer Arte-Educação, ou seja, fazer da arte, do produzir arte, do fruir arte, um grande instrumento do fazer educativo.

Atualmente o CECAL conta com a oficina de música, tendo um professor que ensina três instrumentos: violão, teclado e cavaquinho. No início, foi realizada uma pesquisa junto aos adolescentes para verificar o interesse de cada um pela música e quem se interessava a aprender a tocar. Foi feita uma relação e as aulas eram com poucos alunos, separados por instrumentos musicais. A direção da Casa, porém, mudou as regras, e agora todos devem

freqüentar as aulas. Assim o número de meninos aumentou muito, dificultando a quem tinha realmente o interesse pela música.

A idéia das oficinas de arte é ótima, mas não podemos confundir a expressão artística com a profissionalização. A arte busca a sensibilidade, o sentimento, a beleza e a emoção. A profissionalização deve levar o adolescente ao mundo do trabalho, da responsabilidade, do enfrentar a realidade com atitudes adultas. São duas etapas diferentes que devem ser enfrentadas seriamente dentro dos centros educacionais.

Nas entrevistas, foram sugeridas oficinas que poderiam interessar mais aos meninos internos e, de acordo com Carlinhos, *levar o cara pra frente*:

O que seria mais interessante talvez fosse uma oficina de mecânica de carro, de moto essas coisas assim, eu acho que isso aí leva o cara um pouco pra frente... (Carlinhos).

Dado compartilha da opinião de Carlinhos e diz: *Eu gostaria de fazer uma oficina de mecânica de carro e moto, eu sempre tive vontade desde pequeno, é um sonho meu, mas vou tentar esses cursos lá fora.*

A oficina de mecânica também é citada por Téo, juntamente com a de pintura de quadros e de camisetas e a de bombeiro hidráulico. Ele dá aqui uma ótima sugestão para a oficina de arte: pintar camisetas (serigrafia). Em vez dos panos de prato, eles poderiam escolher motivos que os interessassem como surfistas, a face de Jesus Cristo, entre outras, que muitas vezes são pintadas em seu próprio corpo como tatuagens.

Para Carlos Henrique (monitor), as oficinas idéias são a de eletricidade, bombeiro hidráulico, mecânica, conserto de eletrodoméstico. Ele diz: *essas são boas porque estando lá fora podem fazer bicos, e ganhar algum dinheiro.* Para Luiza (professora), a oficina de rede é boa por possibilitar ao jovem conseguir um emprego em uma fábrica ao sair da internação, e a

de tecelagem, porque eles podem trabalhar como autônomos e vender a sua produção. Para este caso a dificuldade é o tear e os fios.

César, coordenador de disciplina, tem a opinião de que deveria haver mais oficinas que os meninos gostem de praticar, como a de ferragens para fazer portões, a de eletrônica, a oficina de motores de carros: essas sim, interessariam.

4..3.6.7 As Salas de Aula

As salas de aula também são oferecidas uma vez na semana. Parece não haver muito interesse em aprender, pois além do tempo não ser o suficiente em sala para um bom aprendizado também não é permitido que se levem tarefas escolares para dentro dos dormitórios, pois se entende que canetas, lápis, apontadores e cadernos podem se transformar em armas para uso uns contra os outros.

Em um atendimento, vimos que um dos braços do adolescente que eu atendia estava ferido. Era como se ele tivesse tentado fazer um desenho. Perguntamos o que havia acontecido e ele respondeu: *tentei fazer uma tatuagem, usei a tinta da caneta e o arame do caderno para isso*. Essa também deve ser uma das razões pela qual não é permitido o uso de material escolar dentro dos blocos.

Apesar de haver monitoramento dentro das salas, parece haver certa desordem; conversas e brincadeiras são comuns, o que prejudica a quem quer aprender, como conta Binho:

Eu quero aprender, mas tem uns que ta dentro da sala de aula e não deixa a gente aprender, porque fica fazendo aquele barulho todo ali, jogando papel na gente... E aí eu queria que a casa visse era isso daí pela câmara e desse um jeito... Eu quero aprender, mas tem outros que não querem... Aí vai e tira a memória da gente. (Binho).

Dado mostrou-se confuso. Tinha cursado antes da internação até a 6ª série do primeiro grau e diz estar fazendo o supletivo no CECAL. Questionou-nos sobre o que deveria ser feito

após a internação: *Estou fazendo o supletivo, mas eu não sei direito se ele vale até a 8ª série. Estou confuso com isso. Mas estou me esforçando. A senhora acha que eu devo fazer a 6ª série novamente quando sair daqui?* Pedimos que a professora lhe desse as devidas explicações, já que Dado deverá ser liberado muito em breve.

Alguns dos meninos chegam à internação sem saber ler nem escrever. Esse era o caso de Sony, que aprendeu a ler e escrever dentro do CECAL. Quando solicitamos que ele assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar da pesquisa, ele o fez orgulhosamente e bem feito!

Todo interno, ao ser liberado, recebe uma declaração do nível que estava cursando e o número da matrícula do Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA) do Conjunto José Valter onde estão matriculados. Ao sair, devem procurar o CEJA mais próximo de sua residência e continuar o que foi iniciado no CECAL.

Os alunos são divididos em níveis, de acordo com o seu grau de instrução, a saber: EJA que corresponde a alfabetização; o Nivelamento, que equivale da 1ª a 4ª série do ensino fundamental; e o Supletivo, correspondente da 5ª a 8ª série. O ensino médio também está presente, e um adolescente já o concluiu durante a internação, tendo sido liberado com o certificado de 2º grau completo em suas mãos.

4.3.7 O Mundo Moral dos Meninos

Nessa parte, tentaremos levar ao conhecimento de todos os sentimentos dos meninos entrevistados, o que pensam sobre o ato infracional que cometeram, o arrependimento, por quem gostariam de ser perdoados, o código de ética dentro da Instituição, feito por eles próprios, enfim, mostrar a verdade na intimidade do menino que já matou, suas emoções e

paixões. Tentamos fazer um perfil, mostrando o outro lado da moeda, tão enfatizado pela mídia: *menores capazes de tudo, de todo ato de maldade.*

4.3.7.1 Assumir a Culpa: “*ser homem de verdade*”

A faculdade moral e a consciência são dois princípios básicos da mente humana. A faculdade moral é a propriedade da mente humana capaz de distinguir e selecionar entre o bem e o mal e leva o indivíduo a agir de acordo com a lei escrita em seu coração, tendo sua consciência e sua razão como testemunhas, julgando cada ato cometido. A consciência é a testemunha que nos acusa ou deixa de fazê-lo de uma infração da lei escrita em nossos corações. De um modo geral, a faculdade moral realiza a função de legislador elaborando as leis, enquanto que a consciência atua de juiz, julgando o ato (BALLONE e ORTOLONI, 2002).

Quase todos os meninos assumiram a idéia de haverem errado ao tirar a vida de outro ser humano; podemos dizer que eles se conscientizaram de seus erros. Marcelo fez declarações fortes a respeito desse fato. Dado deixou os sentimentos aflorarem. Quando tocou no assunto, vimos que a emoção fez parte da sua afirmação.

Marcelo assume os envolvimento e não culpa ninguém pelos seus erros, como diz: *A culpa é das minhas ações, o tolo na estória, o errado fui eu, e quem se diz homem tem que ser consciente daquilo que fez. De que você está pagando por um erro que cometeu.*

Quando perguntamos a Binho se ele havia sido influenciado pelas companhias com as quais andava na época do homicídio, responde: *Acho que não posso botar a culpa em ninguém, o erro foi meu.* Já Téó, ao ser questionado sobre a influência das amigas com as quais andava, respondeu que elas influenciaram coisas ruins em sua vida e lamenta não ter seguido os conselhos dos pais, como diz:

As amigas influenciaram só coisa ruim, não serviram de nada. Talvez se eu tivesse seguido mais os conselhos da minha família eu não estivesse aqui. (Téó).

Nos relatórios referentes às internações anteriores, consta que Sony não demonstrava consciência crítica pelos atos cometidos. Valores como “esperteza” e “valentia” faziam parte de seu cotidiano. Estando no CECAL há aproximadamente três anos, percebe-se uma mudança no que diz respeito à análise do seu histórico familiar e, sobretudo, infracional.

Iniciou a nossa conversa falando dos pais, eximindo-os de qualquer culpa no que diz respeito a seus atos infracionais. Lembramo-nos de que Sony vem de uma família desestruturada, cujo pai era alcoólatra, a mãe o agredia, tem dois irmãos se drogam e já se envolveram em atos infracionais. Sobre os pais, fala: *Bem, o resultado de estar aqui não envolve muito meus pais, porque fui eu mesmo que escolhi essa vida. Eu não posso culpar os meus pais porque eles sempre me apoiaram como filho, mas nunca apoiaram a sem-vergonhice que eu fazia no meio da rua.*

4.3.7.2 O Arrependimento

Para Foucault (1993), o detento sozinho em sua cela está entregue a si mesmo e, no silêncio de suas paixões e do mundo que agora o cerca, ele encontra a sua consciência despertando em si um sentimento moral, uma mudança de moralidade que nunca abandona o coração do homem.

O arrependimento pelo ato de tirar a vida de uma pessoa foi falado por quase todos. Tentaremos sentir a essência da fala de cada um, pelo tom de voz, as palavras e o olhar. Notamos que os meninos envolvidos também em roubos e assaltos não tocaram no fato de arreponderem-se por esses crimes.

Marcelo fala do arrependimento pela dor que levou a família do rapaz que assassinou. Sabe que a perda de uma pessoa querida é inesquecível, e diz:

Eu me arrependo de ter trazido essa dor para essa família, que vai passar um bom tempo para esquecer, porque sempre ficará essa mácula principalmente sendo uma pessoa muito querida morta barbaramente. (Marcelo).

Carlinhos diz estar arrependido e lamenta pelo fato de permanecer na internação sem liberdade e longe da mãe, como fala: *com certeza eu me arrependi muito do crime que cometi, eu sofri muito, e continuo sofrendo porque estou aqui no CECAL, estou sem a minha família e fora da minha liberdade.*

Sony cometeu vários atos infracionais mas refere-se somente ao homicídio e ao latrocínio, quando diz que agora se arrepende de tudo o que fez e vai tentar mudar de vida. Para ele, *nenhum ser humano tem o direito de tirar a vida de outra pessoa.*

Binho fala que se arrepende do crime e que quer mudar de vida, como diz: *não quero mais esses negócios para mim não. Porque eu to arrependido do que eu fiz, de ter tirado a vida desse rapaz, porque ninguém é pra tirar a vida de ninguém. Se eu pudesse voltar atrás eu voltava.*

Na visão do nosso informante, Sr. Carlos Henrique, o arrependimento dos adolescentes depende do crime, ou melhor, de quem foi a vítima. Por exemplo: se o crime tiver sido um latrocínio, isto é, um roubo seguido de morte, e a vítima for um pai de família ou uma pessoa correta e íntegra, o envolvido não comenta o assunto nem se orgulha do seu ato, como podemos ver nos casos de Dado e Marcelo, que se dizem arrependidos; por outro lado, quando cometem um homicídio em brigas de gangue ou mesmo premeditam como matar o “inimigo”, eles comentam e falam a respeito. Para esses casos, falam na linguagem deles, ter matado um “vagabundo” ou “pilantra”, o arrependimento é dificilmente encontrado e, como eles dizem, *matou um e foi embora porque ele não prestava.* Muitas vezes o ato de matar é tido como de bravura, contando pontos a favor do autor do crime na visão dos outros meninos.

Durante toda a vida, as pessoas interiorizam noções de bem e mal, certo e errado, justiça, obrigações, direitos e deveres, aperfeiçoando a capacidade de fazer julgamentos morais a respeito dos próprios atos e dos atos dos demais. Durante o processo de desenvolvimento moral, entretanto, é normal que ocorram confusões, como no exemplo de há pouco, matar um pai de família é condenável, todavia, matar um “inimigo”, “um jovem de uma gangue rival”, não tem a mesma conotação de errado para a turma de colegas. Portanto, os padrões morais aceitos pela sociedade passam a ser questionados na adolescência, especialmente quando se chocam com os padrões da “turma” que, por sua vez, passa a ter grande importância na vida do adolescente.

4.3.7.3 “O Perdão está Dentro do Coração”

“Por quem você gostaria de ser perdoado?” Foi uma pergunta feita a quase todos os meninos.

Para Sony, o perdão é o que você sente e para ser perdoado basta se arrepender de coração. Dado nos deu a mesma resposta ao ser questionado se todo crime tem perdão. Eis a sua resposta: *Eu acho que não depende do crime, mas do arrependimento de cada um. O perdão tá dentro do coração da gente, se você se arrepender de coração, tá perdoado.*

Marcelo pediria perdão primeiramente a Deus, em seguida também lembrou das vítimas e de suas famílias. Acha um pedido de desculpas muito pouco para o sofrimento que causou, mas é só o que tem a dar, como fala: *Só o que eu tenho a dar é esse pedido de desculpas, apesar de ser muito grande a dor de perder alguém da sua família.*

Binho diz que quer ser perdoado por Deus, pois a justiça aqui da terra, no caso representada pelo juiz da Vara da Infância e da Adolescência, não acreditará nas suas palavras, como diz: *Eu quero ser perdoado por Deus porque a justiça daqui debaixo não*

acredita no que a gente fala, o juiz daqui não acredita em ninguém. Agora, Deus olha e sabe tudo de dentro da gente, e ele sabe se a gente tá dizendo a verdade ou não.

– “O que se deve fazer para conseguir ser perdoado por Deus?”– foi outra questão lançada aos meninos.

Marcelo sabe que a decisão de mudar a sua vida depende dele e diz: *Acho que ninguém vai chegar e colocar uma corda e me puxar para o caminho certo. Eu que tenho que guiar os meus passos para o caminho correto.*

Para Binho, a igreja representa Deus. Ir visitá-la seria como um encontro com Deus. Como ele disse: *Para ser perdoado acho que tenho que ir visitar as igrejas, porque é dessa forma que Deus poderia me perdoar.*

Téo diz que pretende mudar tudo, mudar o coração e a mente. Ele define com suas palavras as mudanças que quer fazer na mente e no coração:

Mudar a mente é tirar os pensamentos ruins! E mudar o coração é modificar o pensamento, é não ter mais coragem de fazer nada com ninguém, é praticar o bem e não pensar em fazer mais nada errado. (Téo).

4.3.7.4 “Tudo que Você planta, Você colhe”

Como os meninos consideram a internação, se acham justo estar no CECAL privados de liberdade e se na opinião deles todos os meninos deveriam estar internos ou se existem casos de injustiça, por exemplo, quando o adolescente está cumprindo pena no lugar de outra pessoa, foram questionamentos feitos aos pesquisados.

Para Sony, cada um é o dono do seu destino e tem o poder de escolher o certo e o errado, como ele diz: *O que a gente faz aqui na terra, aqui mesmo a gente paga para todo mundo ver. É o termo da coisa. Na vida da pessoa só existe dois caminhos: o começo e o fim. O resto quem faz somos nós, o certo e o errado.*

Binho não se considera injustiçado, pois o fato de tirar a vida de um ser humano, em sua opinião, tem que ser punido, como diz: *Eu acho que é justo estar aqui interno, porque eu fiz foi tirar a vida de um rapaz, de um ser humano e não de um cachorro.* Com relação aos outros jovens, acha que todos são culpados e que nenhum deles está interno por acaso; dessa forma, devem cumprir a internação.

Pelas declarações de Marcelo sobre a culpa dos meninos que estão cumprindo a sentença de internação, entendemos que pode haver erros no julgamento e que lá existem pessoas inocentes que foram nomeadas “culpadas” pela polícia, pois, nas palavras de Marcelo, ela, a polícia, trabalha em busca de qualquer culpado. Transcreveremos o texto na íntegra por achar fortes as suas palavras:

Eu já vi casos de pessoas presas erroneamente, da pessoa estar aqui no lugar do outro. Porque é o seguinte, a polícia trabalha de um jeito errado, trabalha procurando um culpado e ela não quer nem saber se você é culpado ou inocente, você sendo pobre então pronto! É você! Ela diz: Isso aqui foi você que fez e não quer nem saber! Ela trabalha para a família da vítima ganhando um dinheiro por fora para achar o culpado! Ela só diz isso aqui: “Oh! Você tem que negar é para o juiz não é para mim não! Eu estou apenas fazendo o meu trabalho”. Te algema e você vai (...). E para provar a sua inocência só se tiver provas concretas! Porque se “não tiver você acaba uma boa parte da sua vida trancado. (Marcelo).

De acordo com Assis (1999), a polícia quer mostrar o infrator à sociedade como um “troféu” e, quando são apreendidas pessoas pobres, o sentimento de humilhação e de falta de proteção dessas pessoas é relevante.

Ainda comentando sobre o desempenho da polícia em relação aos meninos em conflito com a lei, ficou claro como o profissionalismo fica encoberto pela violência, mesmo sendo ela moral, como o fato acontecido em meados de junho e que descreverei a seguir: um adolescente do CECAL, jogando futebol em uma quadra molhada, levou uma queda, ocasionando traumatismo sério em dois dentes anteriores. No mesmo dia, foi levado à emergência onde foram executados os primeiros cuidados de urgência. Salientamos que todo

adolescente que sai para consultas ou qualquer outro motivo, é acompanhado pelo monitor e por uma escolta policial composta de um ou dois policiais armados e o menino em questão vai algemado, sendo atendido pelo médico ou dentista ainda algemado, a não ser que o profissional peça que lhe tirem as algemas.

Ao regressar ao posto de saúde 15 dias após, o acidente para uma revisão, foi atendido por uma colega. Logo após o atendimento, fomos até o consultório para saber do estado do garoto, e ela disse: *O policial falou aqui para todo mundo ouvir que esse menino não presta, já matou várias pessoas... Matar para ele não é nada.* O fato em si é revoltante e o pior é que os policiais não têm acesso aos prontuários, logo não sabem o ato infracional cometido pelo garoto, no caso, esse adolescente estava interno por regressão de medida por uma tentativa de assalto: era o seu primeiro ato infracional.

Para a professora Luiza, nossa informante-chave, alguns dos meninos estão no CECAL *assim por acaso*, levados por más companhias e pela bebida alcoólica. Luiza também comenta que, quando o adolescente se envolve com seus problemas, é difícil sair depois; parece haver entre eles um código de ética que não permite que se afastem uns dos outros, é como um grupo que deve sempre estar junto para o que der e vier. Ela fala:

Tem uns meninos que estão aqui “tipo um acidente”. Às vezes foi influenciado por amigos que os convidaram para uma festinha, lá eles bebem aí de repente o menino se envolve em confusão... E quando ele se envolve, para sair depois é muito difícil, mesmo que ele queira sair não pode. Parece que eles têm um segredo entre eles que não pode revelar... (Luiza).

4.3.7.5 Culpando a Vitima

Luiza, professora, tem um relacionamento carinhoso e descontraído com os adolescentes em razão do seu tipo de trabalho e de sua maneira de ser. Sempre com paciência e com palavras reconfortantes, desempenha um papel um pouco de mãe dos meninos;

aconselha-os e procura ver as dificuldades pelas quais passaram até chegar à internação, conforme ela conta:

Acho-me um pouco mãe desses meninos. Quando vou começar a minha aula eles se colocam ao meu redor e ficam bem pertinho de mim. Eles gostam de escutar as minhas histórias e os meus conselhos. Sinto que para muitos deles falta à atenção e o carinho. Alguns foram rejeitados antes mesmo de nascer, as mães tentaram fazer aborto e dizem isso a eles! Converso também em particular, eles muitas vezes se lamentam da vida que levam, encostam a cabeça no meu ombro e eu permito, pois acho que assim estou ajudando a eles. (Luiza).

Também fala da miséria na qual muitos vivem, dizendo que alguns dos meninos contam que em casa não têm o que comer. Os pais, quase sempre, estão desempregados e eles saem para roubar, com a intenção de comprar comida. Eles dizem: *quando eu chegar em casa a minha mãe e o meu pai estão desempregados, e eu não vou ter nem o que comer...Aí é claro que eu vou roubar...Não vou ficar sem comer!*

Segundo a Neurofisiologia, a conduta humana civilizada se estrutura numa hierarquia de prioridades, começando pelas mais básicas, como o comer, por exemplo, até as mais sublimes, como a moral. Esse comportamento humano se adapta diante das circunstâncias apresentadas pela vida, e se, para se manter adaptado, tiver de abrir mão da moral, isso será feito muito antes de abrir mão do comer. Enfim, acontece mais ou menos conforme o ditado; *quando a miséria entra pela porta da frente a virtude sai pela janela.* (BALLONE e ORTOLONI, 2002).

Ela, a professora Luiza, conta que muitos adolescentes praticam furtos só para ter dinheiro e comprar roupa e sapatos de marca. Eles querem ser notados, querem ser percebidos como pessoa; a roupa é apenas um chamativo para si, como ela explica muito bem:

Eu acho que a roupa de marca que eles gostam é porque eles querem ser vistos. Eles acham assim: “eu vestindo uma roupa de marca pelo menos alguém vai me avistar,

vai me ver, vai ver que eu tô legal”! Como que seja assim: eles estão escondidos e ninguém os está vendo e quando eles vestirem roupa de marca todo mundo os fica vendo, todos vão percebê-los como pessoa. Eles querem ser notados. (Luiza, professora).

Oliveira (2001) diz que, no mundo atual, a adolescência é o modelo de consumo da Modernidade, sendo o consumidor preferencial e o garoto-propaganda de estilos para muitos adultos e crianças que na atualidade se fantasiam de adolescentes. Como eles são numerosos e dispõem de cada vez mais dinheiro, o *marketing* globalizado investe cada vez mais nesse grupo, mostrando-os como unidos, bonitos e felizes. E assim as etiquetas dos produtos constituem um modo de existir e de ser notado. O consumo, em especial das roupas de marca, passa a ser um símbolo de inclusão social, um atributo de cidadania. No Brasil, a grande maioria dos jovens brasileiros não tem muita chance de se reconhecer nesses padrões, sentindo-se desvalorizados na cotação desse mercado cultural. Daí muitos jovens, por quererem pertencer a essa tribo, se envolvem em roubos e assaltos para compra, entre outras coisas, de roupas de marca.

Trouxemos o pensamento de Luiza para demonstrar que muitos dos meninos tiveram uma vida sem amor, sem carinho e, em sua maioria, de pobreza. A ida para a rua em busca de aconchego é uma consequência quase que natural. No caso deles, a vida plantou a violência moral de não ver válidos os seus direitos de cidadão, e a eles coube, apenas, a tarefa de colher os maus frutos da miséria e do desamor ao qual foram expostos durante toda a sua vida.

4.3.7.6 O Código de Ética

Dentro do Centro Educacional, existem as normas internas feitas pela própria Instituição e as regras ditadas pelos meninos. Eles possuem um verdadeiro “código de ética” com princípios que são transmitidos de um para o outro e perduram já há vários anos. Esse código é válido somente entre os próprios internos, e deve ser respeitado sob pena de ser castigado aquele que não venha a cumprir as regras.

Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir*, diz que: *A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para as cumplicidades futuras.* (FOUCAULT, 1993; 235). Sony fala que a regra mais forte é a união dentro do bloco. Lá não deve haver brigas e o respeito a cada um deve estar presente para se ter uma boa convivência. Carlinhos também fala da união dentro do bloco, como diz: *O relacionamento da gente é tudo bem, é ótimo, tudo é amizade. No nosso bloco a união está junto com a gente dia-a-dia quando a gente acorda ta todo mundo unido.*

Apesar disso, há muitas brigas entre os meninos e é comum um adolescente ser expulso de seu bloco. Nessas ocasiões, há pancadaria, quebram algumas coisas, por vezes tocam fogo em colchões e o adolescente em questão “passa mal” e acaba sendo transferido de bloco ou até mesmo de centro educacional. Por causa desse tipo de briga, as vezes, todo o bloco fica recolhido e não participa das atividades normais da casa.

Quando conversamos com o Sr. César, ele nos disse que os adolescentes devem ser alojados separados de acordo com o bairro onde residem e levam também em consideração rivalidades que eles já trazem de outros centros educacionais, se forem reincidentes. No caso de “rivais” que se reencontram, eles podem querer “cobrar o furo”, isto é, cobrar alguma coisa que o outro fez anteriormente. Nessas ocasiões, correm o risco de briga e até do uso de armas brancas, como César fala:

Eles cobram o furo por alguma coisa que o outro fez, pode ser o roubo de um cordão, de uma camisa, a isso eles chamam de furo. Nesse caso um segura e o outro fura. (César, coordenador de disciplina).

Também são cobrados “pedágios” isto é, o líder do bloco determina algum bem material ou uma atitude a ser tomada por um dos meninos para que ele possa continuar no bloco, como explica César:

Pedágio é o seguinte: ele diz o que você tem que fazer para poder ficar no bloco. Eles cobram pedágio de roupa, sandália... Então eles mandam a visita trazer, vamos dizer,

uma sandália Kenner como se fosse para ele, mas na verdade é para o mandante.
(César, coordenador de disciplina).

Em junho de 2005, o CECAL passou por um dos problemas mais sérios já ocorridos desde a sua inauguração: um dos adolescentes cometeu suicídio. O menino era dependente químico e estava interno há quatro meses. Alguns dizem que, nas visitas anteriores, ele teria ameaçado de praticar suicídio, caso a mãe não trouxesse droga para o seu consumo; Luiza nos disse que a “conversa lá dentro é outra” e fala que os outros rapazes do bloco o pressionavam para que ele arranjasse droga, senão ia “fazer maldade com ele”, no caso, eles estariam cobrando “pedágio” de droga em troca de o deixarem em paz.

O fato é que, no domingo, a mãe veio visitá-lo e tentou repassar para o filho pedras de *crack* e pacotinhos de maconha. Foi pega em flagrante e os dois, mãe e filho, foram levados à delegacia, onde a mãe foi autuada como traficante e o menino, após o depoimento, voltou ao CECAL, ocasião em que foi direto para a “tranca” onde, como já comentamos, os adolescentes não têm contato uns com os outros. Na segunda-feira pela manhã ele solicitou atendimento com a Direção da Casa, mas o seu desespero foi maior, amarrou um lençol nas grades do quarto e se suicidou. Nessa época ainda havia lençóis na tranca.

A verdade sobre o porquê do suicídio não sabemos, apenas vimos o desequilíbrio emocional causado pela dependência química e o desespero da mãe que, para proteger o filho, arriscou a própria liberdade! A mãe compareceu ao velório e ao enterro do filho, em seguida foi escoltada pela polícia para o presídio feminino, onde responderá a um processo como traficante de droga.

Alguns crimes não são aceitos pelos meninos e todos os que praticaram esses crimes são perseguidos durante a internação. São eles, o estupro e o assassinato de uma mulher, crime denominado por eles de “mata bela”, no caso, a idade da vítima não conta; ela pode ser uma criança ou uma mulher idosa. A justificativa de não aceitar esses crimes é que durante a

internação eles passam por um período de abstinência sexual e não concebem que alguém, gozando de liberdade, mate uma mulher.

Carlos Henrique, monitor, nos conta que, quando recebem um adolescente que cometeu um desses atos infracionais, antes dele ser alojado, é alertado pela Direção da Casa para mudar o artigo a que se refere o ato infracional em questão, lhe destinando outro crime, isto é, lhe dizem outro artigo do Código Penal. Isso é feito para a proteção do adolescente. Lá dentro, para os outros meninos e para os monitores, ele terá cometido outro crime e assim é protegida a sua integridade física. Como ele diz:

Quando chega um novato todos querem saber o que ele fez e, dependendo do ato infracional que ele cometeu, eu até invento um artigo para ele dizer lá dentro, pois se souberem a verdade ele não vai poder viver lá dentro, ele vai passar mal. (Carlos Henrique, monitor).

Se o menino cometeu estupro e é descoberto pelos outros, eles vão usá-lo sexualmente da mesma forma que ele fez com a mulher. Em março de 2005, atendemos um adolescente de apenas 14 anos que havia sido condenado por estupro. Ele era magrinho, desengonçado e não tinha sequer a voz grossa. Era bastante agitado. Pensamos que estava acima dos limites da normalidade, e não entendia o que lhe era falado. Comentou o seu crime lá dentro, apanhou e ficou machucado, entre outras coisas. Foi transferido para outro centro educacional

Outras regras morais devem ser seguidas por todos; quem não as obedece é advertido. Eis algumas delas: não pode andar sem camisa na frente de uma visita; para eles, isso é uma questão de consideração e de respeito; tem que respeitar pai e mãe; expressões comuns como “filho disso e filho daquilo”, que traduzem um xingamento aos pais, é terminantemente proibida.

Um fato ocorrido na festa do Dia das Mães nos chamou a atenção, por ter sido um ato muito nobre. Vamos relatá-lo a seguir: na festa em homenagem às mães, foi realizado um

bingo. As cartelas, no lugar de números, tinham palavras como amor, respeito, carinho, perdão, entre outras. Cada menino ficava com um cartão para marcar as suas palavras; o prêmio era uma cesta básica que a mãe levaria para casa.

Dois dos meninos levantaram a mão e bateram juntos. A Direção da Casa resolveu, então, sortear a cesta, mas não houve a necessidade de fazê-lo, pois um dos ganhadores levantou-se e disse: *não precisa sortear, eu dou a cesta para a mãe do meu colega*. Achamos o seu gesto muito bonito! Quantos seriam capazes de ter essa atitude? No mundo de hoje as pessoas vivem para “ter” e, quanto mais se tem, mais se quer ter!

Consideramos o ato do menino por sua grandeza moral, já que, para ele, seria valioso dar um presente material à mãe e também pelo valor aquisitivo da cesta básica em questão, pois a grande maioria dos adolescentes internos é muito pobre.

Tudo o que foi relatado na internação nos deixa a dúvida: será possível a recuperação desses meninos dentro do atual sistema? Esta será a nossa próxima discussão.

4.3.8 A Duvidosa Recuperação: “o menino já nasce bandido”

Para os nossos informantes, autoridades no CECAL, o coordenador de disciplina César e o monitor Carlos Henrique, quase todos os adolescentes, quando estão na internação, dizem querer se recuperar e ter uma vida normal. Todos eles falam: *quando eu sair daqui eu não vou roubar e não vou matar*. Para nossos informantes, entretanto, a realidade é que os meninos apresentam um discurso feito sobre o assunto para não dificultar a sua liberação.

Para o coordenador César, apenas um pequeno percentual dos meninos internos quer realmente se recuperar. Ele também revelou que os líderes dos blocos, muitas vezes, trabalham contra a recuperação desses meninos, e, freqüentemente, os obrigam a agir contra a vontade, praticando atos de violência contra os outros adolescentes ou contra os monitores.

Enfim, conviver diária e diretamente com outros adolescentes que não possuem o mesmo desejo de recuperação pode ser difícil e, com certeza, muitos desistem desse intento no meio do caminho.

O monitor Carlos Henrique mostra-se um pouco mais otimista em relação ao futuro dos internos. Para ele, estar recuperado significa somente ter um bom comportamento durante o período de internação, e diz: *muitos deles, pela conversa e experiência que eu tenho, tem muito futuro pela frente, aprenderam muita coisa porque tiveram interesse, nunca foram recolhidos e nunca se chamou a atenção deles para nada.*

Uma autoridade informante é pessimista quanto à recuperação de alguns meninos, pois, para estes, matar ou roubar não significa algo errado; sendo que o informante acredita que, desde a sua gestação, a característica “de ser marginal” já estava determinada, pois o “bandido”, como disse, já estava roubando a comida da mãe dentro da barriga dela. Como vemos em sua fala, *existem alguns meninos que eu não acredito em nenhuma recuperação, são grosseiros e me dizem que quando saírem daqui, vai continuar fazendo tudo de errado: matando, roubando (...). Para estes matar alguém não é nada, é um fato comum. A autoridade informante nos falou recentemente que parece que tem menino que já nasce bandido, como disse: “tem menino aqui no CECAL que eu acho que já era bandido dentro da barriga da mãe! Acho até que eles comiam toda a comida e deixavam-na sem nada, já roubavam a comida da mãe dentro da barriga dela! Porque para esses não tem jeito não!*

Quando questionada sobre a verdadeira história de cada um dos meninos, a professora Luiza nos fala que, ao comparecem ao atendimento com a assistente social e a psicóloga, eles não falam o que realmente sentem e o que pensam. Ela diz: *quando o menino vem para a sala da psicóloga e da assistente social, ele já vem trabalhado sabendo o que vai falar, pois sabe que tudo será colocado no relatório que vai para o juiz (...). Mas lá dentro comigo não, lá ele fala a verdade o que pensa e o que sente.*

Apesar de as autoridades do CECAL nem sempre acreditarem na recuperação dos meninos, a maioria deles tem planos e sonhos, acreditando na esperança de um futuro melhor.

4.3.9 A Esperança no que Virá

Ter sonhos e planos para um futuro melhor, com uma convivência mais saudável, está na mira de todos os seis meninos entrevistados. Esse plano, para a grande maioria desses meninos, é junto à família, ter casa própria, sustentar a família, e fazer cursos profissionalizantes. Está incluída aí a vontade de trabalhar, estudar e ter uma família, como o sonho retratado por Carlinhos: *eu tenho um sonho e vou realizar este sonho porque é só eu querer. Quero refazer a minha vida, ter a minha mãe perto de mim, a minha mulher e meus filhos. Ter meu estudo, a minha casa própria e trabalhar para sustentar a minha família.*

Dado, além de continuar os estudos e trabalhar para ajudar nas despesas da casa, espera fazer um curso de mecânica de carro e moto. Como ele diz: *eu gostaria de fazer uma oficina de mecânica de moto e de carro. Eu sempre tive vontade desde pequeno. É um sonho meu. Eu vou tentar esses cursos lá fora.*

Téo quer casar logo ao sair da internação. Espera ainda poder voltar ao emprego de carteira assinada que tinha quando foi sentenciado. Sonha em cuidar do filho e ficar quieto, como fala: *quando eu sair daqui, se Deus quiser, vou tirar os pensamentos ruins da cabeça, vou casar ter a minha casa, estudar e cuidar do meu filho. Espero também que o meu emprego esteja me esperando.*

Nos planos de Binho estão o reencontro com a mãe e uma nova tentativa de viver junto a ela e o padrasto. Quer também ter uma vida honesta e fazer um curso, como comenta:

Quando eu sair daqui eu queria que alguma assistente social me desse uma força, me encaminhando para algum curso ou algum serviço; porque eu não quero mais essa

vida para mim não! Eu quero dar orgulho a minha família, para eles verem que eu saí foi de cabeça erguida daqui de dentro. (Binho).

Marcelo tem aspirações que vão até o sonho de ser advogado. Tem o olhar positivo em relação ao seu futuro, confiança nas suas ações e a certeza de poder realizá-las. Ele fala:

Eu quero ajeitar a minha vida. Para mim de agora em diante quero uma coisa estruturada com o que eu tenho capacidade de fazer. Um dia, quero cursar a faculdade de direito e vou me preparar para isso. (Marcelo).

Pela primeira vez em sua vida, Sony faz planos que envolvem outra pessoa: a namorada que encontrou nas festas do CECAL. Até conhecer e se apaixonar por Lia, não tinha sonhos nem expectativas. Hoje ele diz: *eu tenho um bocado de plano com a minha namorada. Quero me ajeitar com ela e força de vontade, para isso, é o que não falta.*

Como se vê, todos os meninos têm expectativas para um futuro melhor, mais ajustado e sem violência. Nenhum deles buscou a culpa para as suas atitudes ilícitas no passado, nos familiares ou em fatos ocorridos dentro do seio familiar. Todos eles, porém, querem no futuro estar próximo da família e dar orgulho a ela.

A seguir, serão comentadas algumas barreiras encontradas pelos meninos fora do CECA; soluções idealizadas pelos informantes e pelos adolescentes e o que a Secretaria da Ação Social faz atualmente para ajudá-los na reintegração na sociedade.

4.3.10 Volta à Vida: Dificuldades Encontradas no Mundo lá Fora

Quando os jovens são liberados, a grande barreira encontrada é a falta de emprego apoiada pelo despreparo profissional. Vejamos, por exemplo, que um adolescente acusado de homicídio aos 17 anos ficará possivelmente interno até 20 anos. Se ele não se profissionalizou dentro do centro educacional, já terá a desvantagem na concorrência normalmente desleal por um emprego, além da grande discriminação e estigma social como um homicida, que lhe é

imposta pela sociedade. O Coordenador de disciplina, César, explica que, após a liberação, para a grande maioria dos meninos, não existe nenhum tipo de acompanhamento, como bem vemos em sua fala:

A grande dificuldade, quando eles saem, é um emprego, infelizmente o Estado não vê essa falha. O menino sai daqui e ali acaba a responsabilidade da Secretaria. Ninguém o procura. Ninguém vai atrás. Ninguém lhe aconselha ou lhe dá a mão. Se um interno, passa aqui 2 ou 3 anos, deveria fazer um curso profissionalizante, seja lá do que for, durante esse período. Contanto, que fosse aproveitado pelo próprio Estado quando saísse daqui. Se houvesse emprego, com certeza, diminuiria a reincidência de crimes. (César, coordenador de disciplina).

O interno Sony compartilha a idéia do coordenador César. E acha que o Estado deveria ter uma sociedade com o adolescente, como ele fala: *aqui poderia ter tipo uma parceria do adolescente com o Estado. Para que quando ele saísse daqui, já tivesse um emprego. Só assim seria mais difícil dele voltar para o crime.* Téó complementa a opinião de Sony, quando lança a idéia de uma cooperativa, como explica: *uma cooperativa montada pelo Estado para que nós pudéssemos aplicar o que aprendemos nas oficinas e partilhar dos lucros, seria uma ótima idéia.*

A equipe técnica do CECAL havia falado do Projeto Mãos Dadas; que todos os adolescentes que são liberados levam consigo um encaminhamento para esse Projeto. Para me inteirar melhor sobre essa questão, visitamos seus coordenadores na Secretaria da Ação Social, onde colhemos dados relevantes sobre o seu funcionamento.

O Projeto foi criado no ano 2000, por meio de ações conjuntas da Secretaria da Ação Social (Governo do Estado do Ceará) e do Programa de Apoio às Reformas Sociais para o Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes (PROARES), com o objetivo de inserir no mercado de trabalho jovens entre 16 a 21 anos, egressos de medidas socioeducativas, por meio de propostas que integram políticas de capacitação e ações comunitários, de forma a tentar reduzir a reincidência e aumentar as oportunidades no mercado formal e informal de

trabalho (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2005). Vários cursos profissionalizantes já foram promovidos nas mais variadas áreas, tais como: Agente Operacional de Atendimento, Animador Social, Atendimento em Lanchonete, Áudio e Vídeo, Auxiliar de Almoxarife, Auxiliar de Cozinha, Bombeiro Hidráulico, Doces e Salgados, Eletricista Residencial, Garçom, Informática, Mecânica de Motos, Office Boy, Pedreiro, Pintura e Textura em paredes, Produção de Sorvetes e Picolés, Serigrafia, Serviços Gerais, Técnica de Vendas, turismo e Hotelaria, dentre outros. Salientamos que todos esses cursos não são oferecidos ao mesmo tempo e continuamente, podendo em um determinado período estar serem ofertado apenas 3 ou 4 desses cursos.

Ao ser liberado, o jovem deve comparecer ao Projeto Mãos Dadas munido do encaminhamento que lhe foi entregue ao sair do centro educacional. Lá são pré-inscritos por meio de uma ficha informatizada e o jovem é atendido por um técnico (psicóloga ou assistente social), ocasião em que, além da palestra inicial, lhe será aplicado um teste de aptidão profissional. Pela área de aproximação dos resultados, o menino será inscrito em até três cursos. Após isso, ele ficará aguardando a seleção, uma vez que a demanda de adolescentes é superior ao número de vagas. O tempo de espera é indeterminado. E, dependendo das ofertas e das vagas dos cursos pleiteados, ele poderá ou não conseguir a vaga no curso pretendido. O número de vagas ofertadas em cada curso é dividido meio a meio com adolescentes da comunidade, isto é, somente 50% das vagas ficam com meninos egressos de todas as medidas socioeducativas. Se for engajado em um dos cursos, ele passa a receber os vales-transporte e uma bolsa de meio salário mínimo.

A direção do Projeto diz que os centros educacionais não fazem a divulgação junto aos adolescentes liberados, motivo esse, segundo eles, fazem com que muitos jovens não procurem o local para a pré-inscrição. O rigor e a disciplina fazem parte do programa, pois muitos meninos já foram desligados dos cursos, mesmo antes de concluí-los. As causas foram

indisciplina, abandono, roubo e problemas com a comunidade. Em alguns cursos, são distribuídos *kits* de instrumental de trabalho (carrinhos de lanche, tear e linhas para tecelagem etc.); o ganho do *kit* vai depender da habilidade e do interesse demonstrado nos cursos, além da capacidade de empreendedorismo demonstrado pelo jovem.

A professora Luiza lembra que, antigamente, meninos que saíam do CECAL recebiam *Kits* para trabalhar. O material recebido dependia da oficina que cursavam e da sua habilidade. Por exemplo, sabemos que Sony é habilidoso com o tear, então, a ele, seria entregue no desligamento um tear e um *kit* de fios para tecelagem. Também poderia continuar a aprendizagem em cursos custeados pelo próprio Estado. Ela fala que conhece rapazes que sobrevivem até hoje à custa do *Kit* recebido, como diz:

Antigamente era assim: quando o menino era desligado recebia um tear com as linhas, ou um kit para conserto de eletrodoméstico, até mesmo um carrinho de lanche quando faziam o curso de salgados, doces ou sanduíches. Uma vez, eu estava fazendo um curso de tecelagem e encontrei dois garotos que já haviam sido internos no CECAL. Eles tinham até vale transporte e eram muito bem tratados. Que eu saiba até hoje eles sobrevivem disso. (Luiza, professora do CECAL com 10 anos de experiência no trabalho com adolescentes em conflito com a lei).

Ela diz não saber ao certo o que aconteceu, mas nos fala alguns fatos ocorridos: *não sei se é porque a secretaria não tem mais dinheiro ou, se é porque alguns dos meninos não souberam aproveitar a oportunidade. Sei do caso de um adolescente que saiu do CECAL e recebeu um kit para conserto de eletrodoméstico. No mesmo dia, trocou tudo por droga, a usou toda de uma vez e morreu de overdose.*

Esse mesmo problema citado pela professora Luiza foi relatado pela Coordenação como sendo a causa de uma menor entrega de *kits*. O Projeto atualmente faz um acompanhamento de 6 meses a um ano dos jovens que receberam o *kit*, são as chamadas visitas de gerenciamento realizadas nos locais de trabalho e ao domicílio do jovem.

A conclusão a que chegamos é da falta um maior “feed-back” entre o CECAL e a Coordenação do Projeto Mãos Dadas. Faltam a divulgação e o incentivo para que os jovens desligados procurem o Projeto, o que só poderá se realizar, quando todos, equipe técnica do Centro Educacional e Coordenação do Projeto, unirem-se em prol da reintegração dos adolescentes egressos de centros educacionais.

Nem todos os adolescentes falaram do problema de emprego ao sair da internação. O interno Marcelo, ao ser questionado sobre o que poderíamos mudar ou acrescentar ao CECAL para que os meninos egressos tivessem uma reintegração mais saudável, deu como resposta um toque especial de sensibilidade, amor e carinho. O que é bem visível, quando ele diz só se pode “vencer fogo com água”, ou seja, recuperar a agressividade e atos violentos com carinho e amor. Como explica em sua fala:

Uma visita, na sua casa, para saber como você está, isso é mostrar que se interessa pelo seu paciente! Tratar o adolescente com amor e carinho, pois hoje em dia, você só consegue “vencer o fogo com água”, deixando o astral da pessoa para cima, dando uma palavra amiga, sendo uma pessoa carinhosa. Também promover cursos e programar passatempos integrados e eficientes que preencham o presente e sirvam para o futuro, para ajudá-lo a ser alguma coisa na vida. (Marcelo).

4.3.11 A Liberdade e as Juras de Morte

A liberdade nem sempre é bem-vinda para os meninos, pois a sentença de morte, para alguns deles, já foi proferida por seus inimigos ou pelos familiares das vítimas. Elas aguardam na espreita que o menino seja liberado, e assim vingar a morte do amigo ou do parente morto pelo adolescente.

A privação de liberdade deverá ser o último recurso a ser lançado mão pela Justiça (ECA, 1990). Quando a sentença de internação é proferida, não há tempo determinado, podendo ser de seis meses a três anos. O comportamento do adolescente dentro do centro educacional, a sua participação nas oficinas e nas salas de aula e se ele não se envolve em

brigas, é o que determinará o seu período de internação. Suas atitudes e atividades serão acompanhadas pelo Serviço Social, psicólogas, pedagoga e pelos instrutores. Semestralmente são feitos relatórios com toda a equipe técnica e enviados ao juiz com o parecer da equipe.

Assim, como fala nosso informante:

O adolescente é acompanhado pelos coordenadores de disciplina e pelos instrutores que estão diariamente e a toda hora com eles. Para cada interno, é feito um relatório semestral, onde são repassadas informações: se ele está cumprindo as normas da casa, seus deveres e seus direitos. Para isso, ele é acompanhado sistematicamente pelo serviço social e pela psicóloga, tendo entrevistas periódicas com as mesmas. É isso que o juiz quer saber: da participação dele na sala de aula, nas oficinas, e se ele não tem atrito com os outros interno;, se convive bem com os instrutores e se segue às normas da casa. Ele pode ser um santo ou um inferno lá fora na sociedade, mas se aqui dentro, ele fez isso aí, é o que o juiz quer saber, é o mais importante. (Monitor, Carlos Henrique, 5 anos de experiência em centros educacionais).

A liberação do CECAL não é vista por todos os adolescentes da mesma forma. Alguns sonham com o desligamento, enquanto outros, não querem ser desligados para voltar para casa. Em maio de 2004, um dos adolescentes passou o dia inteiro chorando porque não queria ser desligado. Sua família estava sendo ameaçada pela “gangue”, com a qual ele havia tido envolvimento, que o levaram à internação. O menino também já estava “jurado de morte”. Ele tentou desesperadamente falar com o juiz da Vara da Infância e da Adolescência para solicitar a sua permanência na Casa por mais seis meses, pois tinha medo de morrer. O fato é que ele foi liberado e infelizmente não conseguimos informações sobre o seu destino hoje, ou mesmo se ele conseguiu sobreviver às ameaças.

Alguns dos meninos retornam ao CECAL, na procura de uma ajuda na forma de um abrigo, comida, trabalho e tentam ser reinternados, mesmo não tendo cometido qualquer crime. Como diz o coordenador César, *já houve vários meninos que estiveram aqui porque não tem onde morar e nem o que comer. Quer ficar na casa mesmo sem ter feito nada. Já apareceram uns 20 ou 30 deles.*

O monitor Carlos Henrique diz que são freqüentes os adolescentes desligados voltarem até a unidade atrás de uma ajuda. Cita também, no entanto, que muitos deles estão presos ou já morreram. E, em sua opinião, esses meninos são aqueles que foram problemas desde pequeninos, como podemos ver em sua fala:

Temos muitos meninos que voltam à unidade atrás de uma ajuda financeira, atrás de uma oficina para trabalhar lá fora, ou mesmo fazer um curso lá fora. Temos muitos que saíram e estão empregados, assim como temos muitos que já estão presos nos presídios grandes e outros tantos morto. Mas, esses são aqueles que desde a infância e a adolescência, não quiseram nada com a vida. (Carlos Henrique, monitor).

Como não existe na Secretaria da Ação Social um programa integral de acompanhamento de ex-internos, a grande maioria dos meninos liberados é acompanhada apenas por intermédio de notícias não oficiais – telefonemas, visitas pessoais ao CECAL, jornal e televisão. Eles estão sempre sintonizados em programas policiais no televisor localizado na área externa aos adolescentes. César diz que muitos deles, quando são liberados, em uma semana já estão presos novamente:

Muitos deles na semana seguinte a que saem daqui já está na “Rota 22” ou na “Barra Pesada”, com a notícia de que já assaltou, já matou ou cometeu algum roubo. (César, coordenador de disciplina).

Outro grande problema enfrentado com o desligamento do centro educacional é a pobreza em que vivem os familiares de muitos adolescentes. Um de nossos informantes, em uma conversa nos disse que, quando levava os adolescentes desligados para casa, muitas vezes, os deixava em casebres, sem comida, “sem um sofá para sentar”. Por causa disso, muitos voltam quase que imediatamente a roubar, inicialmente, para se alimentar.

O local, onde o adolescente residia antes do ato infracional, é muitas vezes violento, sendo palco de crimes, do uso de drogas e de armas que já fazem parte do cotidiano. As companhias, com as quais se envolvia, estão à sua espera. Caso não sejam tomadas

providências pela família, é muito possível que o jovem se envolva novamente em atos infracionais, como a professora Luiza, nossa informante, fala:

Muitas vezes os meninos não mudam porque voltam para o mesmo local onde moravam. Mas, já houve casos, da família mudar para outro bairro e salvar o menino! Mas, se voltar para o mesmo lugar, como é que tem condições? No mesmo lugar de droga, de assalto, de crime, até as mesmas pessoas ele encontra lá.

Assis (1999), colaborando com nossa interpretação, também analisa a volta ao mesmo contexto comunitário cultural e de amigos após a internação como perigosa, já que o jovem terá que provar a sua determinação e força de vontade, diante do mesmo ambiente que favoreceu a sua entrada no mundo infracional. Também fala da situação de angústia pela qual passam os familiares do adolescente, tendo que mudar de bairro e deixar para trás toda uma história de vida na pretensão de afastar o menino desse meio.

O triste final de vida de adolescentes, que estão quites diante da lei, mas são mortos por vingança pelos amigos ou parentes de suas vítimas quando saem da internação, é o que comentaremos no próximo capítulo.

4.3.12 No Final: “*marcado para morrer*”

Muitos fatos nos sensibilizaram, entre os quais, a trajetória de vida do interno Sony, um dos meninos de quem fizemos o relato de vida. Do seu passado, já falamos agora o que nos preocupa é o seu futuro. O centro educacional conseguiu alfabetizá-lo; mostrar-lhe a sua sensibilidade artística, elevando-lhe a auto-estima; mudar-lhe o pensamento, no que se refere a sua criticidade sobre os atos infracionais cometidos por ele desde os 12 anos. Ele hoje diz querer mudar de vida, mas, perguntamos: ele conseguirá viver o suficiente para ter essa chance?

Sony está a cada dia mais feliz. Os olhos brilham e o sorriso sempre lhe aparece. Até a sua timidez, que o acompanhou em todos esses anos de internação, parece ter sido vencida por uma delicadeza ímpar no falar e no olhar. Já está há quase três anos no CECAL, e o ECA diz, em seu Art. 121 parágrafo 3º, que em nenhuma hipótese o período máximo de internação excederá a três anos (ECA, 1990). O seu último relatório está sendo concluído e o juiz deverá liberá-lo definitivamente em poucos dias.

Conversando, porém, com a equipe técnica do CECAL, perdemos quase toda a esperança de que ele encontre um pouco de felicidade, de paz e que seja reintegrado saudavelmente na sociedade. O comentário da equipe é: *Ah! Ele já está condenado à morte ao sair daqui! Ele matou muitas pessoas, inclusive um policial, e é claro, que estão esperando por ele lá fora!* Então questionamos, se durante o período de três anos passados nessa internação, o caso não teria sido esquecido, já que perante a Lei ele estará “quite”. A resposta foi imediata: *não, não é esquecido. Eles vão matá-lo.*

Também relatamos um depoimento que nos foi feito por um familiar de uma vítima de latrocínio, crime este ocorrido já há quase quatro anos na cidade de Fortaleza. O jovem em questão diz que o pai foi ferido durante um assalto, morrendo das conseqüências do ferimento. Ele era motorista, e estava trabalhando, quando foi abordado por dois assaltantes, sendo um deles um adolescente de 16 anos e a outra uma grávida de aproximadamente 19 anos. O motorista tentou reagir, e foram-lhe desferidos três golpes de faca pelas costas. A autoria do crime foi assumida pela jovem que até hoje está presa.

A vítima foi levada para o hospital, onde se submeteu a uma cirurgia exploratória para averiguar se algum órgão vital havia sido atingido pelos golpes. Era diabético, não estava com a taxa de glicose controlada e acabou falecendo 15 dias após o ocorrido. A causa da morte foi uma infecção generalizada iniciada pela dificuldade de cicatrização após o ato cirúrgico.

O adolescente foi sentenciado à internação, mas, por ser apenas coadjuvante no crime, foi liberado em aproximadamente 12 meses. Logo após a liberação, conta nosso informante, filho da vítima, que o menino foi apreendido em outro assalto e levado para a Delegacia da Infância e da Adolescência (DCA). De lá, havia sido interno novamente e morto dentro do centro educacional. Nesse ponto, revidamos com veemência: *nenhum adolescente morreu assim dessa forma dentro do Centro Educacional, senão com certeza saberíamos do fato!*. Nosso informante, então, resolveu dar a versão verdadeira, contando que tem um parente policial e, quando o adolescente foi pego assaltando novamente, ele ligou e perguntou: *o que faremos com ele? O que vocês querem que a gente faça com ele?* Diz ter ficado sem saber o que dizer. Seu irmão, porém, decidiu, junto com o policial: o menino foi assassinado. Na realidade ele não chegou a ser preso novamente, porque morreu antes (...).

O incrível nessa história é a normalidade de como o fato é encarado por esse rapaz! Afinal ele é um dos mandantes de um assassinato! E absolutamente não teve nenhum pudor em nos contar a sua história, a nós e a outra colega que estava na sala. Iguais a essa deve ser a história de muitos meninos. Talvez a realidade seja ainda mais cruel. Questionamos: *estaria o adolescente em questão fazendo realmente um assalto? Ou ele, estava marcado para morrer?*

Evocamos o fato de que, em 2003, fizemos um tratamento odontológico bastante prolongado em um adolescente. Ele era moreno-claro, tinha o cabelo crespo e era aquele tipo “teimoso”. Se fosse analisá-lo pelas suas atitudes durante o tratamento, diria que era do tipo que nunca aprende uma lição de vida. Fiz nele várias exodontias e restaurações. Ele, naquela época, já usava uma prótese removível para substituir os dentes anteriores superiores. Após muitas tentativas, um dia, conseguimos fazer com que ele retirasse a prótese, que ele insistia em não remover. Na região bucal correspondente haviam raízes residuais; convencemos a removê-las, e fizemos uma nova peça removível, garantindo-lhe assim um sorriso mais saudável.

Logo após o tratamento, ele foi liberado e, em menos de uma semana, perdeu a vida. Disseram que ele estava fazendo um assalto e durante a fuga foi morto. Para ele, a internação não trouxe nada de bom, já que se envolveu em poucos dias em outro ato infracional.

A notícia mais triste que recebemos, contudo foi a da morte de Carlinhos, um dos adolescentes de quem relatamos a vida. Ele foi nosso primeiro entrevistado. É o autor de um crime hediondo, pela violência com a qual foi cometido, como já relatamos. Carlinhos havia feito um tratamento odontológico conosco há pouco tempo; não conversamos durante o tratamento, pois ele era muito tímido e não gostava de falar. Apesar disso, porém, aceitou o convite para participar do nosso trabalho.

Quando sentamos para a nossa conversa, tivemos uma empatia mútua. Sentimos que ele abriu seu coração durante a entrevista. Seu tipo físico alto, forte, não combinava com o seu modo de ser, delicado e sensível, pois, por várias vezes, encheu os olhos, fazendo com que desviássemos um pouco de nossos propósitos e o acarinhássemos com palavras, que o fizessem sentir que o futuro o esperava e, que ele poderia ser feliz. Na entrevista, disse que não poderia voltar à sua cidade, pois estava ameaçado de morte pela família da vítima. Tinha planos de ir para casa do irmão em um interior próximo, enquanto a mãe preparava tudo para mudar de Estado com ele e o irmão mais novo. Foi liberado do CECAL cheio de planos, passou no consultório sorridente para se despedir; mas não pôde realizar o sonho de ter uma família, pois morreu assassinado menos de 60 dias após a sua liberação.

Infelizmente, parece que essa cruel realidade não se limita ao Estado do Ceará, uma vez que Assis (1999), em sua pesquisa realizada no Recife e no Rio de Janeiro, também comenta sobre a ausência do papel da Justiça, que não tem conseguido dar continuidade aos procedimentos de proteção contidos no ECA, e ainda diz que, para ser realmente conseguida a ressocialização de jovens em conflito com a lei, esse vazio tem que ser preenchido.

Dimenstein (2002) alude que uma pesquisa realizada no Brasil em 1989 revelou que a cada dois dias uma criança era assassinada por policiais ou por grupos de extermínio formados por seguranças particulares contratados por empresários. As vítimas foram apontadas como meninos de rua, acusados de marginais e sumariamente executados. Um levantamento realizado pela Universidade de São Paulo (USP) sobre o perfil da vítima mostra que a maioria trabalhava e, não tinha envolvimento com drogas. Estes fatos demonstram que eles foram mortos só porque alguém achou que estavam fazendo algo errado.

Então, ficamos pensando: se é assim, se já está condenado antes de sair da internação para que serve o período de três anos? Para que servem as tentativas de fazer com que veja seus erros e olhe a vida de forma diferente? De dar-lhe a esperança de que, se ele mudar, a vida lhe sorrirá? O trabalho desenvolvido dentro do centro educacional é o de reintegrar o adolescente à sociedade. Então, vamos devolvê-lo ao mundo lá fora com melhores chances de ter uma vida íntegra, de mais educação, com um certificado de profissionalização, com um tratamento para dependência química quando necessário, mas, especialmente vamos fazer tudo para mantê-lo vivo, incentivando os familiares a mudar de residência ou levando os meninos para lugares que os afastem da “premeditada” morte!

4.4 reintegração social saudável: é possível?

A invisibilidade social com que são tratados milhões de crianças e adolescentes brasileiros, que vivem na linha de frente da violência familiar e social, é um fato que “dói no coração” de quem conhece um pouco dessa realidade perversa. A sociedade atual se preocupa em se defender dos temidos “menores infratores”, anda a pé, de automóvel, de transporte coletivo, ou mesmo dentro de casa com medo de se deparar a qualquer momento com um adolescente empunhando uma arma e apontando para a sua cabeça. O medo é tão grande que sobrepuja a realidade de que essa mesma sociedade necessita cuidar desses meninos, para que eles possam ocupar o seu lugar dentro do contexto social de adolescentes, com a personalidade em formação e direitos legais à vida, à saúde, à educação, à alimentação, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, direitos esses garantidos no Art. 227 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Para que os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas retornem à sociedade saudavelmente, são necessárias mudanças na forma como eles são tratados e na estrutura institucional, evitando a superlotação. É primordial que sejam desenvolvidos dentro dos centros educacionais tratamentos para dependência química; a religiosidade deve ser cultivada, para aqueles que querem conhecer a Palavra de Deus; as oficinas oferecidas têm que ser reestruturadas, para que consigam profissionalizar esses jovens; e finalmente, trabalhar junto à família do adolescente, tentando, juntamente com ela, meios para manter vivos esses meninos egressos dos centros educacionais.

A reeducação é uma questão complexa e difícil. São muitas as dificuldades inerentes à possibilidade de se concretizar o ideal de reintegrar na sociedade os adolescentes internos em centros educacionais. Para podermos oferecer algum tipo de contribuição, primeiro temos que nos aproximar de sua realidade; precisamos ter sensibilidade, espírito solidário, amor ao

próximo, desprendimento e muito trabalho; e, a partir daí, envolver e sensibilizar os que trabalham com adolescentes em conflito com a lei, desde os que lidam diretamente com o menino, até aqueles que desempenham papéis administrativos dentro da Secretaria da Ação Social. As chances de recuperação desses meninos diminuem à medida que nós, trabalhando junto a eles, não acreditamos no seu futuro. Quando funcionários dizem: *lá, nos centros educacionais, eles estão presos. Não tem tratamento para dependência química; depois, quando ele sair, ele que faça*, muitos adolescentes perdem a oportunidade da segunda chance na vida, juntamente com essas palavras. Tem-se que levantar a bandeira da esperança, trabalhar para que o Estatuto da Criança e do Adolescente funcione, tirando as “nossas” crianças da rua, evitando assim que um dia elas cheguem à internação.

É preciso formar, juntamente com as famílias dos adolescentes, redes de apoio, para que ao serem liberados da internação, possam contar com a família como o principal pilar de um ambiente conducente ao desenvolvimento de aptidões que levem a uma reintegração saudável; por outro lado, quando o grupo família tiver um ou mais de seus membros com problemas como alcoolismo, dependência química ou a prática de atos violentos, podem não servir de apoio, de ajuda, de proteção para os seus membros; nesses casos, tornam-se de grande valia estudos voltados para conhecer e intervir, quando necessários; nessas redes familiares sem equilíbrio (LIRA, NATIONS e CATRIB, 2003).

Outra grande dificuldade atualmente vivenciada por todos os centros educacionais na cidade de Fortaleza é a superlotação. Um centro educacional como o CECAL, construído para alojar 60 adolescentes, hoje acomoda uma média de 160 jovens. Quase a metade deles é do interior do Estado. O primeiro passo a ser dado para solucionar esse problema é a construção de centros educacionais de internação, em mais pelo menos duas cidades estratégicas no Estado. Assim, se resolveria em parte o problema da superlotação e os adolescentes poderiam cumprir a sentença de internação, mais próximos de seus familiares.

Para que pudesse ser conseguida a reintegração saudável dos adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida de internação, são imperativas, também, mudanças que abram caminhos de vida aos olhos dos meninos, a começar pelo momento de acolhimento na Instituição; na forma de trabalho atual, quando o menino chega ao centro educacional é acomodado em um bloco de alojamento, onde possa ter menos inimigos. No CECAL, os meninos estão separados por bairros, isto é, cada um dos blocos acomoda jovens de um mesmo bairro da Cidade, pois, fora do CECAL, ou melhor, na liberdade, os adolescentes de cada bairro são inimigos uns dos outros. Sendo assim, quando adentram a Instituição, passam a possuir inimigos de outros bairros, mesmo que não os conhecessem anteriormente à internação. Dessa forma, ele sai da violência das ruas para ser violentado dentro do centro educacional.

Em uma visita ao interior do CECAL, vimos que um dos garotos do bloco estava dentro do dormitório com a grade fechada, enquanto os outros estavam no pequeno pátio que cada bloco possui. Ao questionarmos o porquê dele estar isolado, a resposta foi que ele era recém-chegado e estava com medo de apanhar ou, na sua linguagem, “passar mal”. Por esta razão, pediu que o monitor o deixasse trancado.

No momento que os adolescentes fossem institucionalizados, deveriam passar por uma triagem, na qual fossem feitas entrevistas com o Serviço Social, com a Psicologia e o Setor Pedagógico. Essa triagem incluiria teste de aptidão, para que o adolescente fosse enquadrado na oficina para a qual tivesse mais habilidade e interesse. O exame médico, realizado por um clínico geral, e tendo como respaldo o acompanhamento psiquiátrico, quando houvesse necessidade, principalmente no caso de drogadictos, é de máxima importância. O tratamento odontológico também é importante, já que em muitos casos eleva a auto-estima do adolescente, em especial quando restabelece o sorriso por meio de

restaurações estéticas e próteses. Essas são sugestões que melhorariam a qualidade de vida do adolescente dentro do centro educacional e desviariam seus pensamentos da violência.

Todos os adolescentes internos em centros educacionais devem ter a oportunidade de recuperação, mas o tipo de tratamento, a maneira de apresentar-lhes uma nova vida pode ser diferente para determinados grupos.

O coordenador de disciplina, Sr. César, acredita que aqueles meninos que realmente querem se recuperar deveriam ser trabalhados separadamente. E diz: *Acho que devia ser feito um trabalho separado com aqueles que a gente sente que quer se recuperar. Colocá-los em um só bloco, profissionalizá-los e ajudá-los ao sair.*

Observa-se na fala do Coordenador que ele se preocupa não somente em ajudar o adolescente enquanto for interno, mas ao sair do centro educacional a fim de continuar o trabalho realizado, evitando, assim, a retomada de atitudes erradas.

O monitor, Carlos Henrique, entende que necessita haver unidades para adolescentes que fossem infratores primários, pois, na condição atual, têm-se meninos que cometeram pequenos furtos juntos com outros que, segundo ele, podem ser chamados de “*Ph.D.s do crime*”. Para exemplificar, cita o caso de dois adolescentes que estiveram internos, um dos quais havia cometido nove homicídios e o outro sete. Podemos sentir o problema citado por nosso informante, nas palavras de Foucault (1993), quando diz que a educação do jovem infrator que está na sua primeira internação é feita pelos outros internos e o primeiro desejo que nele nascerá será o de aprender com os colegas mais experientes como fugir aos rigores da lei.

O número de meninos envolvidos com drogas, de acordo com a pesquisa, representa quase a totalidade deles. Em razão da alta incidência de dependência química, faz-se necessária uma intervenção educativa dirigida e continuada durante a internação dos

adolescentes, para reduzir os danos causados pelo consumo de álcool e drogas ilícitas. Carlos Henrique, monitor, sugere que deveriam separar aqueles que fossem dependentes químicos em casas de tratamento específico, onde teriam mais oportunidade de realizar acompanhamento com uma equipe preparada para esses casos.

Reatar convênios extintos há pouco tempo, entre o Governo do Estado do Ceará e clínicas de recuperação para drogadictos na cidade de Fortaleza, esse é o começo. Na atualidade a dependência química não é tratada e não é realizado nenhum acompanhamento; somente algumas palestras isoladas com os adolescentes, feitas por grupos pertencentes a ONGs, que falam sobre os males causados pelas drogas. O pior é que não consta nos planos da Secretaria um novo convênio ou uma forma mais eficiente de tratamento para drogadictos.

Na observação participante, conversamos em diversas ocasiões com um adolescente que usa droga desde os oito anos, idade com a qual experimentou cocaína pela primeira vez. Ele nos falou que passou muito mal, logo no início da internação, em virtude da crise de abstinência provocada pela falta de drogas. Em sua opinião o CECAL, deveria ter grupos de ajuda para drogadictos que advertissem contra as drogas e falassem do mal e da dependência que provocam.

A pesquisa também apontou que o álcool, por deixar o usuário muitas vezes descontrolado, foi a droga mais utilizada antes do cometimento de homicídios, como nos casos de Carlinhos e Dado. Para eles e outros meninos com problemas com o álcool, reuniões específicas com grupos dos Alcoólicos Anônimos (Alcoólicos Anônimos, 2004), irmandade mundial de homens e mulheres que se ajudam a manter a sobriedade e, que se oferecem para ajudar seus irmãos na recuperação do alcoolismo, seriam de muita valia. A irmandade funciona através dos Doze Passos, que consiste em um conjunto de princípios espirituais que devem ser praticados como um modo de vida, podendo acabar com a obsessão pela bebida.

Narcóticos Anônimos (Narcóticos Anônimos, 2003) é uma irmandade composta de adictos em recuperação que atuam mundialmente, sem fins lucrativos. Reúnem-se regularmente, tendo como uma de suas principais finalidades levar a mensagem ao adicto que ainda sofre por meio das suas Doze Tradições. Eles poderiam levar suas reuniões a grupos pequenos de jovens dentro dos centros educacionais que se interessassem realmente em deixar as drogas. Seriam necessárias consultas com psiquiatras para os adolescentes que usam drogas ilícitas e abusam do álcool.

A religiosidade não pode ser esquecida dentro dos programas de reeducação. Ela é também importante ferramenta para o tratamento da dependência química, sendo a crença no Poder Superior uma das ferramentas utilizadas pela irmandade dos Alcoólicos Anônimos. A religião revela-se como uma das formas de se viabilizar a ressocialização. A esperança, principal marca da religião, pode ser capaz de transformar a vida do adolescente interno, apontando-lhe outras opções de vida. A aceitação da Palavra Sagrada pode ser um dos caminhos para mudanças interiores, pois, por meio deles, as pessoas voltarão a si mesmas, aceitando-se e reconciliando-se com seus impulsos.

Segundo Tomás (2005), a experiência religiosa devolve o sentido da existência, conforma nas perdas, ensina a importância de se amar o próximo, de ser solidário, enfim, é capaz de reaver nossos sonhos e valores humanitários. O sentimento religioso dá a sensação de reconciliação com o universo, de comunhão com algo que nos transcende. Esses sentimentos altruístas podem apontar uma nova maneira de ver o mundo, mostrando uma nova forma de conduta e de valores, novos hábitos e novas maneiras de superar as dores, as perdas os vícios e as revoltas.

Uma intervenção educativa por intermédio de oficinas alternativas que despertem a capacidade e o interesse dos adolescentes, e que sejam construídas reconhecendo a realidade do mercado de trabalho, é um importante passo a ser dado para a recuperação dos meninos.

4.5. DICAS PARA PROMOVER A REINTEGRAÇÃO SOCIAL SAUDÁVEL:

intervenção educativa

No caminho da nossa pesquisa, muito aprendemos sobre os meninos e com os meninos. Gostaríamos de contribuir com soluções práticas e viáveis, que os ajudassem a conquistar um lugar de cidadão e a encontrar o seu espaço na sociedade. Sabemos que as dificuldades existem, mas, de acordo com palavras de Morin (2000), o inesperado torna-se possível e se realiza mais do que o provável; sendo assim, saibamos trabalhar pelo improvável. A seguir relataremos muitas idéias ditas por nossos informantes, autoridades do CECAL e pelos adolescentes e outras idéias que compõem nossa proposta para a Promoção de Saúde dos adolescentes do CECAL, com a finalidade de uma reintegração social saudável.

Elevar a auto-estima dos meninos, trabalhando as potencialidades de cada um, seria um projeto denominado “Monitores Meninos”; por exemplo: Marcelo, que é ótimo aluno e já cursa o segundo grau, poderia auxiliar a professora em sala de aula; Sony, que é excelente na oficina de tecelagem, poderia também ajudar a professora nessa oficina. Seriam procuradas, em cada adolescente, as habilidades, as potencialidades de cada um, e também, é claro, a boa vontade do educando. Esses jovens, com certeza, sentir-se-iam úteis e diminuiria a ociosidade existente no seu dia-a-dia.

A implantação de uma biblioteca seria um passo decisivo, pois pode servir de incentivo à leitura e apoio ao ensino formal. É necessário dizer o quanto é importante para uma reeducação um local de estudo e leitura, que permita ao adolescente ir quando tiver vontade, e lhe dê a liberdade de ficar o tempo que quiser. Pode-se pensar, também, em mesas individuais, onde o menino, se desejar possa fazer uso de papel, lápis e caneta, sendo estes objetos devolvidos aos instrutores ao sair da sala. Essa atividade daria ao educando a oportunidade de melhorar o aprendizado no ensino formal, já que a biblioteca contaria com

um acervo de livros também didáticos. Executar tarefas determinadas pela professora proporcionaria melhor desempenho dos alunos; fazer leituras que promovam seu engrandecimento pessoal e cultural, por meio de livros dirigidos especialmente aos adolescentes a chance de preencher o dia-a-dia com a leitura para aqueles que se interessam.

Outras idéias, como oficinas que ensinam construindo e remodelando o próprio local em que vivem hoje, seriam excelentes para a aprendizagem profissional e para aprender na vida a cuidar do seu espaço. Nos dormitórios, bem como nos pátios e corredores, as paredes estão sujas; mas, em algumas delas, ainda se consegue ver a arte pintada, através do rosto de Jesus Cristo, em um dos quartos, e de um surfista dentro de uma onda enorme, em um dos pátios internos de um dos blocos. A pintura das paredes os ensinaria a profissão de pintor e a “arte do grafiteiro”, para os que têm o dom e a boa vontade, transformaria com certeza, através de desenhos específicos, tanto a aparência como os sentimentos vividos dentro de cada bloco.

Na oficina “Arte do Grafiteiro”, o objetivo seria profissionalizar esses meninos artistas. Eles seriam orientados por professores de artes plásticas a fazerem seus trabalhos em painéis e muros especialmente destinados para a exibição dessa arte. Alguns projetos, como este, já estão sendo realizados com moradores de áreas carentes. Por exemplo, o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) lançou em Brasília o Projeto Grafitrans. O objetivo é incentivar grafiteiros de oito grandes cidades brasileiras a divulgar mensagens favoráveis à humanização do trânsito, através de painéis espalhados por locais públicos, próximos às rodovias e ruas movimentadas (Dia Mundial do Desenhista, 2005).

Outras oficinas que também serviriam para uso da própria Instituição seriam a de olaria, de eletricitista, de bombeiro hidráulico, de pedreiro e também a de marceneiro; esta poderia ser trabalhada na construção de móveis para serem utilizados em instituições do próprio Estado do Ceará. As dificuldades a serem ultrapassadas para essas oficinas, bem se

sabe, são muitas, já que os adolescentes e jovens que atualmente lotam os centros educacionais, em especial o CECAL, parecem viver em ritmo e compasso com a violência, transformando em “cossocos” todo e qualquer pedaço de ferro, pedra, prego, dobradiça... Enfim, tudo deveria ser muito bem supervisionado, contando para isso com um número maior de monitores e, sempre trabalhando o menino que quer aprender aquele ofício, não sendo nenhum dos adolescentes obrigado a freqüentar a oficina.

A oficina de pedreiro poderia executar, mediante projetos, móveis de alvenaria que facilitariam ao adolescente, por ser mais uma qualificação, um emprego ao sair da Instituição. Atualmente, esse tipo de móvel é bastante utilizado, por ser de baixo custo, ter rapidez na execução, ter durabilidade e manutenção simplificada. A primeira execução desse projeto seria dentro do próprio CECAL, onde poderiam ser feitas mesas e bancos de alvenaria para o adolescente fazer as refeições, pois dentro dos blocos não há mesas, cadeiras ou sofás para que assistam à televisão; além de muitos outros projetos que, com certeza, surgiriam, melhorando a qualidade de vida dos meninos internos, bem como, educando-os para um comportamento mais adequado no contexto de “boas maneiras” da sociedade.

Certa vez, ao atendemos um dos meninos, ele falou a idéia de uma padaria para fabricar o próprio pão consumido no CECAL. E prosseguiu, dizendo: *seria ótimo, aprenderia uma profissão, produziria o próprio alimento elevando a auto-estima de quem o faz e traria economia para o Estado*. Disseram-nos que a máquina de fazer o pão já existe no CECAL, e que está abandonada; é só colocar a idéia em prática.

A oficina de eletro-eletrônicos é outra sugestão, em que poderiam ser consertados aparelhos com defeitos da própria instituição e de outros locais necessitados, como abrigos, creches e escolas, entre outros. Nela, se aprenderia a consertar televisores, aparelhos de som, aparelhos de DVD e videocassete, entre outros. Esta não exclui a oficina de conserto de eletrodoméstico, para a qual, apenas uma revisão nas horas de ensino e de como angariar mais

aparelhos para consertar. As duas devem ter a carga horária necessária para que sejam emitidos certificados profissionalizantes.

A horta produziria alimentos saudáveis e, ao mesmo tempo, serviria como um laboratório natural para programas de Educação Ambiental. A participação de um agrônomo é essencial, bem como o desenvolvimento de técnicas modernas, como a horta hidropônica, que permite a colheita de safras de alta qualidade em pequenos espaços, exigindo menos tempo, menos trabalho e menos insumos. Em alguns países, já estão sendo desenvolvidos projetos de agricultura urbana, onde se produzem plantas comestíveis, medicinais e ornamentais em pequenos espaços. Os cuidadores são pessoas ociosas da família, que assim, passam a contribuir para aumentar a renda familiar, melhorar a nutrição e a qualidade ambiental (HIDROPONIA EM LIMA PERU, 2005).

Para meninos que moram no interior do Estado, onde o homem vive mais da produção do campo e os locais para plantar estão mais disponíveis, a horta seria de grande valia. Na oficina, cada um deve ter o seu espaço, ser responsável pelo seu plantio. Acreditamos que o homem pode interagir com a natureza de modo saudável, e o sentir, o pegar um punhado de terra para dar início a uma nova vida seria para o adolescente o início de novas sensações, de ter responsabilidade por alguma coisa.

Importante é que todas essas oficinas sejam acompanhadas de certificados, o que facilitaria a entrada dos jovens no mundo formal do trabalho, porém, queremos ressaltar ser importante lembrar do mercado informal, do qual milhões de brasileiros na atualidade sobrevivem. Para complementar, poderiam ser dadas aulas de cidadania, de segurança no trabalho e cursos de desenvolvimento pessoal, que os colocariam com maior segurança dentro desses mercados.

Manter o menino vivo, eis a questão, pois, na forma atual de trabalho, o menino, mesmo “jurado de morte”, é liberado e entregue à sociedade e aos seus algozes. A liberdade

para muitos deles significa a morte, que está à sua espreita. As famílias, em sua maioria pobre, não têm como mudar de bairro, de cidade, de fugir para longe da violência e manter o filho vivo. O Projeto de Lei 5.234/2005, que institui a proteção especial às crianças e adolescentes ameaçadas de morte, se aprovado, deverá criar o Programa Federal de Proteção Especial às Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte; deveria ser então uma prioridade, pois a sociedade não pode mais ser cúmplice da morte de adolescentes egressos dos centros educacionais. Em seu Art.2º, consta que a lei é aplicável às crianças, adolescentes e egressos de medidas socioeducativas vítimas de coação ou expostas a grave ameaça e será prestada pela União, estados, Distrito Federal e municípios no âmbito das respectivas competências, na forma de programas especiais instituídos com base nas disposições desta lei (Projeto de Lei 5.234/2005).

Se esse projeto de lei tivesse entrado em vigor em janeiro de 2005, Carlinhos, como tantos outros meninos que já mataram no Brasil, poderia estar vivo hoje, reintegrado saudavelmente na sociedade, morando com a mãe e outros parentes no Pará, estudando e trabalhando como mecânico de automóvel e motos; sustentando, assim, sua família e sendo confortado pela “riqueza de Deus”. Enfim, Carlinhos poderia ter realizado o seu sonho de vida que, tragicamente, não dependia como ele disse: *Só em eu (ele) querer*.

5 .CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrar no mundo desses meninos foi uma aventura que mudou a nossa visão e estratégia de vida para sempre. Muitos fatos nos chamaram por diversas vezes a atenção, em algumas ocasiões pela fragilidade encontrada nos sonhos, nos planos desses meninos, que, apesar de terem muitas vezes a vida ameaçada por gangues ou parentes das vítimas, ainda se apegam a um fio de esperança, levados pela dor, pelo arrependimento ou pela raiva, pelo desprezo pela própria vida como se esse fosse um grito de socorro, um apelo, um pedido de ajuda.

Em alguns momentos de nossa pesquisa, paramos para refletir sobre o tema que escolhemos e nos questionamos: *"por que não parar tudo agora! E começar uma pesquisa dentro da Odontologia?"* Em contrapartida, porém, ao sentimento de sofrimento e angústia que nos causavam as revelações feitas pelos meninos pesquisados, o desafio do novo, de adentrar um mundo desconhecido, de conhecer cada um mais pouco nos encantava. A vontade de querer fazer alguma coisa por eles, de propor mudanças e de sonhar junto a eles por um futuro melhor foi mais forte do que tudo dentro de nós.

Aproximamos-nos de suas vidas e sentimentos por meio da pesquisa documental e das entrevistas etnográficas, que foram realizadas buscando a realidade de cada entrevistado e por meio dos quais, muitas vezes, foram reveladas verdades desconhecidas por todos, mas que foram confessadas como um desabafo, como se o menino estivesse à procura de um perdão dentro do seu próprio coração.

Constatamos no perfil sociodemográfico que esses meninos são marginalizados ao longo de toda a sua vida. Pela família que não lhe dá substrato para um equilíbrio emocional e, em muitos casos, não dispõe de condições para saciar sequer as necessidades básicas mais primárias como a alimentação e a habitação. Segundo os resultados obtidos, sensações de

rejeição e abandono sentidas especialmente com relação à figura paterna, e a falta de calor emocional nas relações familiares advindas principalmente da separação dos pais, também causam, de acordo com a pesquisa, aumento da criminalidade entre as crianças e adolescentes. A paternidade na adolescência mostrou índices elevados, demonstrando o desequilíbrio entre o papel de filho e o papel paterno.

A baixa escolaridade, motivada por falta de incentivo e acompanhamento escolar de seus pais ou responsáveis, faz com que os adolescentes deixem a escola, começando a freqüentar o espaço da rua muitas vezes ainda crianças. Os pais não podem sustentá-los, fazendo, com que grande parte deles abandone a escola para trabalhar em subempregos, formando assim, um círculo vicioso que os acompanhará ao resto de suas vidas, já que ganham pouco porque não têm estudo e não estudam porque têm que trabalhar, constituindo uma mão-de-obra desqualificada e mal remunerada. A prova disso está no resultado da pesquisa pelas aspirações profissionais, onde a maioria não mostra vontade de crescer profissionalmente.

Os meninos são induzidos ao encontro da marginalidade também pelas drogas, que os levam ainda crianças ou na adolescência, fase marcada pela curiosidade, pela ansiedade, angústia e desafio de conhecer o novo, a constituírem o grupo mais vulnerável ao uso de drogas, sendo público-alvo do mercado de narcóticos. A marginalidade os conduz ainda, a reunirem-se em gangues para roubar e traficar e, mais tarde, após o cometimento do ato infracional, os adolescentes são sentenciados à internação em instituições que não respeitam seus direitos, contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, que mais parecem educar para a violência, apenas os tira das ruas para violentá-los dentro da instituição. Este episódio é demonstrado pelos resultados da pesquisa, pois mais da metade dos meninos pesquisados, ou seja, 62% deles, são reincidentes em atos infracionais e grande parte desses já havia sido interna anteriormente em outros centros educacionais, comprovando a sua ineficácia dentro

do atual sistema.

Depois do período de internação, retornam à sociedade, sem profissionalização, sem tratamento para a dependência química, e sem programas que os mantenham vivos. São assim, lançados no mundo, à mercê de sua própria sorte; para uns, a morte é certa, mas, com certeza, todos são estigmatizados como “menores delinquentes”, pela mesma sociedade que não os acolheu como cidadãos, ainda na infância, evitando, assim, o caos em suas vidas.

Essa marginalização obtida na estatística é confirmada nos relatos de vida dos meninos. As narrativas trazem a voz, a realidade não somente em números. Vimos o que estes não deixaram transparecer: a sensibilidade, a compaixão, a dor, a angústia. Foi uma oportunidade de chegar mais perto, e de conhecer a vida deles contada por eles mesmos, de dentro para fora, uma visão “emic”, isto é, conhecer a razão do ato infracional sob a perspectiva dos adolescentes.

Dentre os fatores, por eles citados nas entrevistas, que os encaminharam ao mundo infracional, estão as agressões sofridas pelos pais, as más companhias, as condições adversas dos locais onde residiam e o uso de drogas – todos esses elementos, potencializados por uma gama de situações que caracterizaram a sua desestruturação familiar, os fizeram seguir um caminho que os levaram à rua e à violência.

O sentimento de arrependimento, a emoção ao falar do passado ou mesmo a frieza manifesta por alguns dos meninos ao relatar detalhes do ato infracional, mostram o quão diferente deve ser o tratamento dado na internação. Esse fato, não observado dentro da Instituição, leva meninos que cometeram seu primeiro ato infracional e ainda sofrem o choque da internação, dizendo-se arrependidos e querendo voltar à vida normal dentro da sociedade, a conviverem com outros que se vangloriam dos crimes cometidos.

Na pesquisa sobre a passagem pela criminalidade, nossa pretensão era a de mostrar o outro lado da vida deles, já que muito se fala que os meninos em conflito com a lei são protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, e, como vimos após os resultados mostrados, dizer que esses adolescentes não são punidos e que o ECA os protege não é a realidade vigente dentro dos centros educacionais. Eles são apreendidos, muitas vezes acusados injustamente por policiais, passam pela primeira internação de 45 dias enquanto aguardam a sentença, que quase sempre não é proferida nesse espaço de tempo; então, são liberados para aguardar a sentença em casa, sem tempo determinado para ser pronunciada; e, durante esse período, suas vidas ficam “paradas”, a mente “apreensiva” e o coração “angustiado” não levando em frente seus projetos de vida.

Ao ser proferida a sentença de internação, passam a vivenciar a violência do centro educacional, onde, não são preparados profissional nem espiritualmente para voltar à sociedade de um modo mais saudável e com melhor qualidade de vida. E assim, passam quase 5 anos, dois à espera da sentença e três na internação; alguns, quando cometem o ato infracional, são pouco mais de uma criança, pois possuem entre 14 a 15 anos; mas, após toda essa caminhada, saem da internação com 19, 20 anos de idade, já homens vividos, sofridos e ensinados a viver num mundo cão aprendido dentro da própria Instituição.

No centro educacional, o atendimento é desapropriado, não correspondendo ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pois os projetos feitos por técnicos que trabalham diretamente com os adolescentes não conseguem sair do papel por falta de verba ou por conta da burocracia dentro dos órgãos responsáveis.

Pensamos que a escolarização deveria ser a ocupação mais importante enquanto os adolescentes estivessem privados de liberdade, porque a educação é a única forma de reabilitar o ser humano. Portanto, devem ser levadas a sério, primeiramente, pela própria Instituição, incentivando-os a comparecer às aulas e entendendo que muitos dos meninos têm

seqüelas em razão do uso abusivo de drogas, da má alimentação, tendo assim diminuída a sua capacidade de compreender e raciocinar.

Para que se incentivem ao ensino formal, porém, deve-se fazer com que entendam que a educação é para a vida e não somente para contar pontos no relatório semestral enviado ao juiz. Outro fato que deve ser revisto pela equipe técnica da Instituição, é que o adolescente pode não ter interesse nas aulas referentes ao ensino formal, mas ele pode ser habilidoso em outras atividades profissionalizantes; então por que julgá-lo apenas pela sua competência acadêmica no momento de fazer o relatório?

As oficinas, que deveriam fazer com que os jovens saíssem da internação profissionalizados, não cumprem o seu papel, não chegam a sequer satisfazer os adolescentes na sua aptidão profissional ou artística, são impostas a eles independentemente de sua vontade, já que são obrigados a comparecer àquelas que todo o seu bloco frequenta. Como o rodízio entre blocos é feito com regularidade, alguns meninos não chegam a concluir nenhum curso ou oficina, pois, quando mudam de bloco, também são transferidos automaticamente de oficina, às vezes, já iniciadas há algum tempo, assim tomando-se inúteis e ainda mais desinteressantes.

É importante individualizar os adolescentes; não se pode massificá-los. Se um não tem interesse e aptidão por uma oficina, não se deve obrigá-lo a frequentá-la, mas sim procurar trazer a ele oficinas que lhe interessem abrindo horizontes em suas vidas, trazendo a eles objetivos e determinação de poder construir um futuro melhor.

Tem que haver uma integração entre o Setor de Desenvolvimento de Projetos da Secretaria da Ação Social e o desenrolar desses projetos junto aos adolescentes: se estão sendo aceitos pelos meninos, se as oficinas estão profissionalizando esses jovens ou servindo apenas como um “passatempo”; pois o grande objetivo da internação deve ser dar ao jovem a chance de escolher entre o caminho criminal e outra possibilidade de futuro.

Esse grande abismo entre a internação e a reintegração poderia ser diminuído, se projetos como o Projeto Mãos Dadas, executado pela Secretaria da Ação Social, fossem direcionados ao adolescente que cumpre medida de internação e executados ainda durante o período de internação no âmbito dos centros educacionais. No contexto atual em que se encontra, abrange somente uma pequena parte de meninos egressos desses centros educacionais, que devem retornar à sociedade privados do estímulo positivo de já possuírem uma profissão, e, enquanto aguardam por tempo indeterminado a vaga a qual concorrem para fazer o curso escolhido, serem resilientes às condições que normalmente se apresentam desfavoráveis, não enveredando novamente para o caminho das drogas, da ociosidade, da falta de perspectivas pessoais e profissionais o que os torna, muitas vezes, um protagonista de atos infracionais que atentam, duplamente, contra a vida humana: a do outro e a sua própria vida.

A prevenção da infração juvenil deve ser voltada para a inclusão social desde a infância, para que não se repita a história desses meninos, tudo lhe sendo negado, fazendo com que hoje eles sejam a prova viva de um sistema que não previne e não ressocializa, apenas pune. Cabe àqueles que trabalham junto a essa estigmatizada e desprestigiada parcela da sociedade atuar como educador, levando a eles ações humanizadas que os eduquem para a vida. Para isso, deve-se ter uma visão holística do ser “adolescente”, e ajustar as suas ações em bases que o acolham e não em ações punitivas, fazendo assim com que se distanciem cada vez do objetivo de educá-los.

É de suma importância que os adolescentes se percebam como sujeitos de suas vidas, que tomem consciência de si mesmos diante de um mundo que pode ser modificado para melhor. Que façam uma leitura crítica de seus atos e que olhem para frente com dignidade e como cidadãos que têm direitos a um futuro com melhor qualidade de vida.

Há que se fazer mudanças profundas no sistema atual, procurando para os adolescentes egressos de centros educacionais caminhos para uma reintegração mais saudável

na sociedade. O mais importante é acreditar que se pode fazer sempre alguma coisa a mais pelos meninos que estão internos, e que a vida que eles têm pela frente pode ser melhor. Tanto as palavras dos meninos como as do espírita brasileiro Francisco Xavier dizem que o recomeço para uma nova vida é possível:

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora a fazer um novo fim.

(XAVIER, 2005)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA JB. **Parte dos homicídios do Brasil tem relação com tráfico e consumo de drogas.** In: Sem Drogas. Org.br. Associação Promocional Sol Nascente, acesso em: 25/03/2005. <http://semdrogas.org.br/index.htm>.

ALCOOLICOS ANÔNIMOS. Disponível em: www.alcoolicosanonimos.org.Br. Atualizado em 16/07/2004.

ANDRE, Marli Eliza D. **Etnografia da Prática Escolar.** Campinas: Papirus, 1995.

APOLINÁRIO, Gabriela B. **Redução da Maioridade Penal: solução ou continuidade deletiva?** Nov.2003 Disponível em: http://www.direitonet.com.Br/doutrina/textos/x/51/88/518/direitonet_texto518doc.

A Saúde no Brasil – Representação da OPAS/OMS no Brasil, 1998.

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Aprendiz do Futuro – Cidadania hoje e amanhã** - São Paulo: Série Discussão Aberta n.8, Editora Ática, 1998.

_____. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores** – Rio de Janeiro : Editora Fiocruz,1999.

ASSIS, Simone Gonçalves de & CONSTANTINO, Patrícia.. **Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina.** Ciência e Saúde Coletiva, Jan/Mar. 2005, vol.10, no.1, p.81-90. ISSN 1413-8123.

BALLONE, GJ. **Violência e agressão: da criança, do adolescente e do jovem** - In. Psiqweb Psiquiatria Geral, Internet, 2001 - disponível em [:http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/conduita2.html](http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/conduita2.html). Acesso em março de 2004.

BALLONE,GJ. **Violência e Saúde**, in. Psiqweb, internet, 2001 - disponível em: http://gballone.sites.uol.com.br/temas/violen_inde.html2003.

BALLONE, GJ, ORTOLONI IV. **Comportamento Violento.** IN: Psiqweb, Internet, disponível em < <http://www.psiqweb.med.br/forense/violen.html>< revisto em 2002. Acesso em set/2005.

_____. **Imputabilidade**, in. PsiqWeb, Psiquiatria Geral, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/forense/imput.htm>> Revisto em 2002. Acesso em: 12/10/2005.
BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Adalberto. **A sedução das gangues**. In: <http://www.4varas.com.br>. Acesso em: dez.2004.

_____. **Família, Espaço de Prazer, Espaço de Sofrimento**. Texto apresentado no X Congresso Latino Americano de Psiquiatria da Infância e Adolescência. Curitiba- PR. Brasil, 1995; Disponível em: <http://www.4varas.com.br>. Acesso em: dez.2004.

BARROSO, M. Grasiela. **Educação em Saúde – no contexto da promoção humana**. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza. 2003.

BERNICK, Vladimir. **Dependências químicas: álcool, drogas e politoxicomanias**. Revista Brasileira Médica. Vol.56. Edição Especial. Setembro, 1999. P.35-43.

BOOF, Leonardo – **Saber Cuidar : a ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1999.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal :Porto,1994.

BRAGOTTO, Denise - **A Busca da Dignidade do Menor**. Revista CB Júris- Ano I – nº 1 - março/99.

BRASIL, **Código de Menores**: Decreto nº. 17.943-A de 12 de outubro de 1927 e Legislação posterior. Rio de Janeiro: Aurora.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Políticas de Saúde**. Projeto Promoção de Saúde. Brasília, 2001.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Promoção da Saúde**. Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundswal e Declaração de Bogotá. Brasília: Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz, 1996.

BUSS, P. M. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. Ciência & Saúde Coletiva, 5(1): 163-177,2000.

CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças Individuais e mudanças organizacionais. **Revista Saúde Pública**, v. 31, n. 2, 1997.

CARNEIRO, Márcia M.M. **A redução da maioria penal na Legislação Brasileira.** Disponível em:

<http://cristianemarinhocrianca.vilabol.uol.com.br/ca.htm>. Acesso em: 01/05/2004.

CEBRID, Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. **Solventes e inalantes.** In: http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_/solventes.htm#1 acesso em: 25/09/2005.

CEBRID, Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. **Maconha.** In: http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_maconha.htm acesso em 25/09/2005.

CECARELLI, Paulo Roberto. **A Patologia do Social e a Delinquência.** Revista Risco, Belo Horizonte, ano XI, n. 11, p. 14-16. Homepage:

<http://www.geocities.com/hotsrings/villa/3170/PauloCeccarelli.htm>. Acesso em: 08/03/2004.

CHAGAS, Arnaldo – **Adolescência – Um fenômeno contraditório.** Disponível em: <http://revistapsicologia.com.br/materiais/hoje/adolescência.htm>. Acesso em: 08/03/2004.

CLAVES. **Centro Latino - Americano de Estudos sobre Violência e Saúde.** Disponível em: <http://www.claves.fiocruz.br/> acesso em 10 de agosto de 2005.

CLERGET, Stéphane. **Adolescência: a crise necessária.** Editora Rocco Ltda. Rio de Janeiro, 2004.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO-Decreto-Lei Nº2. 848 de 7 de dezembro de 1940. In: <http://www.edutec.net/Leis/Gerais/cpb>.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/> Acesso em: 15/03/2005.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Desenvolvimento pessoal e social do jovem: um novo enfoque.** Revista Perspectiva em Saúde e Direitos Reprodutivos, Fundação MacArthur – março 2000/ número 2/ Ano 1.

DANTAS, Fernando. **Crise econômica empurra adolescentes para o mundo do crime.** In: DIMENSTEIN, Gilberto. O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. P.38 Editora Ática, São Paulo, 2002.

DESLANDES, Suely - **Drogas e vulnerabilidade às violências.** In: MINAYO, M.C.S. e SOUZA, E.R. Violência sob o Olhar da Saúde : a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Editora Fiocruz, 2003. Capítulo 9. pág. 243-268.

DESLANDES, S.F.; ASSIS, S.G. **abordagens Quantitativas e Qualitativas em Saúde: o diálogo das diferenças** In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S. F. Caminhos do Pensamento. Epistemologia e Método. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2002 (Coleção Criança, Mulher e Saúde)

DIA MUNDIAL DO DESENHISTA.

In: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/desenhista/home.html>. Acesso em: 15/10/2005.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de Papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. Editora Ática. Edição reformulada e atualizada. 2002.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Brasil. 1990. Lei n. 8069.

ESTRATÉGIA DE DAKAR PARA O EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE. Disponível em: <http://www.obj.br/encontrao/dakar.htm>. Acesso em: 15/03/2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Editora Vozes. Petrópolis, 1993.

FERREIRA, J.R; BUSS P.M. **Atenção Primária e Promoção da Saúde**. In: Brasil. Ministério da Saúde. Promoção da Saúde: Declaração de Alma-Ata, Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Santafé de Bogotá, Declaração de Jacarta, Rede de Megapaíses e Declaração do México. Ministério da Saúde, Projeto Promoção da Saúde; Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2ªed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro LTC, 1989.

GOFFMAN, J. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretaria da Ação Social – SAS. **Proteção Social Especial – Projeto Mãos Dadas**. In: <http://www.sas.ce.gov.br/mãosdadas.htm>. Acesso em: 12/10/2005.

HIDROPONIA EM LIMA PERU. In: <http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AU10/AU10peru.html>. Acesso em 15/10/2005.

JUS NAVEGANDI. **O caso do índio pataxó queimado em Brasília**. Recurso em sentido estrito., Teresina, a.1, n.18, ago.1997. Disponível em:
<http://www1.jus.com.br/pecas/texto.aps?id=1>, Acesso em: 25 set.2004.

LEI Nº.9.294 de 15 de julho de 1996.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9294.htm. Acesso em: 10/10/2005.

LIRA, G.V; CATRIB, A.M.F; NATIONS, M.K. **A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método**. Revista Brasileira em Promoção de Saúde: v.16, n.1, p.59-66, 2003.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. *Cad. CEDES*. [online]. ago. 2002, vol.22, no.57 [citado 12 Dezembro 2004], p.63-75. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3262.

MALDONADO, Maria Teresa. **Os Construtores da Paz: caminhos da prevenção da violência**. Ed. A, São Paulo, 1997.

MANSUR, Alexandre; AZEVEDO, Solange. **No rastro de Suzane**. Revista Época, n.238, p.84-89, dez.2002.

MATIAS, Maria Adellane Lopes. **Famílias, adolescências e delito juvenil no CECAL: uma interpretação sobre o discurso institucional**. 2004. Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

MATTOS, C.L.G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva; 1988.

MENDONÇA, Maria Helena Magalhães de. **O desafio da política de atendimento à infância e à adolescência na construção de políticas públicas equitativas**. *Cad. Saúde Pública*. [online]. 2002, vol.18 supl. [citado 12 Dezembro 2004], p.113-120. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-311X.

MINAYO, M.C.S. **Porque ter medo se o futuro é a morte?** (prefácio). In: CRUZ NETO, O. & RASGA MOREIRA, M. Nem inocentes e nem heróis, p.3-10. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza & DESLANDES, Suely Ferreira. **A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência.** Cad. Saúde Pública, Jan/Mar. 1998, vol.14,no.1, p.35 -42. ISSN – 0102-.311X.

MINAYO,M.C.S.&SOUZA, E.R. **Violência sob o Olhar da Saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz,2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2000.

MUZA,G. **Alcoolismo e drogadicção na adolescência: histórias de vida,** 1996. Tese de Doutorado: Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. Disponível em: [http:// www.na.org.br/](http://www.na.org.br/) 2003

NEVES, Patrícia Pereira. **Criminalidade Organizada X infância e juventude: uma visão criminológica e vitimológica,** 1999. Disponível em: <http://www.amanages.org.br/monogpatricia.htm>.

O GLOBO REPÓRTER. **A classe média no crime.** Beatriz Thielmann, 07/10/2005. In: www.globo.com/globoreporter. Acesso em: 09/10/2005.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no Inferno.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

ONU. **Declaração dos Direitos do Homem.** Disponível em:

<http://www.onu-brasil.org.br/> Acesso em: 30/10/2005.

OPAS (Organização Panamericana de Saúde), 1993. **Resolución XIX: Violência y Salud.** Washington: OPAS.

PEDROSA, Landry. **Universitário é morto em assalto.** Jornal O POVO, 15/10/2004.

PEREIRA JÚNIOR, Marcus Vinícius. **Reflexos da nova maioria civil no direito penal e processual penal: Base teórica para possibilitar ao leitor a formação da opinião jurídica. Jus Navigandi,** Teresina, a. 7, n. 66, jun. 2003. Disponível em: <<http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=4149>>. Acesso em: 09 dez. 2004.

PEREIRA, I.T. B; PENTEADO, R.Z; MARCELO,V.C. Promoção da saúde e Educação em Saúde: uma parceria saudável. In: **O Mundo da Saúde.** São Paulo, ano24 v.24 n.1 jan./fev.2000.

PROJETO DE LEI 5.234/2005. Disponível em:

http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Projetos/PL/2005/msg252-050504.htm Acesso em: 14 nov. 2005.

PROPOSTA DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NO CEARA –2002.

RANGEL, Patrícia Calmon & CRISTO, K.K. Vago. **Os Direitos da Criança e do Adolescente, A Lei de Aprendizagem e o Terceiro Setor.** In: http://www.prtl7.mpt.gov.br/n_aprendiz.html. Acesso em: 21/04/2004.

RESENDE, A. L. M. **Saúde dialética do pensar e do saber.** São Paulo: cortez,1986.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil.** Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária: Amais, 1997.

ROMANELLI, Geraldo & BIASOLI –Alves, Zélia Maria Mendes.(org.) **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa,1998.

RUFFINO, Rodolpho. **Sobre o lugar do adolescente na teoria do sujeito.** In: RAPPAPORT, Clara Regina (coord.) **Adolescência: abordagem psicanalítica.** São Paulo: EPU, 1993, p.25-27.

SANTOS, Aparecida R. dos; MENDOZA, Babette de Almeida . **O alcoolismo no universo Teen e a informação que é veiculada nos suplementos para jovens.** Disponível em:

<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojornasaudebabetteaparecida.htm>. Acesso em: 23/09/2005.

SOARES, Astréia; PACHECO, Lilany V.; GRAÇAS NETO, Simone M. das. Drogas e ato infracional na adolescência. **Revista de Iniciação Científica.** Disponível em:

<http://www.newtonpaiva.br/pesquisa/revista/cap.7pdk>. Acesso em: 10/10/2005.

SOARES, Janine Borges. **A Construção da Responsabilidade Penal do Adolescente no Brasil: Uma Breve Reflexão Histórica.**

In: http://www.mp.rs.gov.br/hmpage/homepage2.nsf/pages/CIJ_RPAB. acesso em dez./2004.

SOARES, Lucilla. Maconha é droga, sim. **Revista Veja.** Editora Abril. Edição 1923 – ano 38 – nº38. 21 de setembro de 2005.

SOARES, Luiz Eduardo. **Prefácio**. In: MINAYO, M.C.S. & SOUZA, E. R. **Violência sob o Olhar da Saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002.

TOMÁS, Fernanda Terezinha. **A influência da religião na ressocialização de detentos no presídio regional de Santa Maria – RS**. Site do Curso de Direito da UFSM. Santa Maria-RS. Disponível em: http://www.ufsm.br/direito/artigos/execucao-penal/influencia_religiao.htm. Acesso em: 15. Nov. 2005.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa nas Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Estadual dos Direitos Humanos, 2004.

UNICEF (Brasil). **Adolescência no Semi-árido: um olhar para o futuro**. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/SA2003_parte5.pdf.

UNICEF. **Legislação, Normativas, Documentos e Declarações**. Disponível em: <http://www.unicef.org.br/> Acesso em: 15/03/2005.

VASCONCELOS, Eymar M. **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo ed. Hucitec, 2001.

_____. **Educação popular nos serviços de saúde**. 2ª ed. Hucitec. São Paulo, 1991

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. 2ª edição. Ed. FVG, Rio de Janeiro, 2000.

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade**. In: Velho e Alvito. **Cidadania e Violência**. P.11-25. Editora FVG, Rio de Janeiro, 2000.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência IV: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Estadual dos Direitos Humanos, 2004.

XAVIER, Francisco Cândido. **Para Ler e Pensar**. Disponível em: <http://www.paralerepensar.com.br/chicoxavier.htm>. Acesso em: 23/10/2005.

ZAGURY, Tânia. **Construindo cidadãos em períodos de crise**. In: MARTHE, Marcelo. **A tirania adolescente**. Revista Veja. Edição 1841. 18 de fevereiro de 2004.

APÊNDICES

Apêndice 1: Pesquisa documental

1 – DADOS PESSOAIS

Código do Nome: _____

Data de nascimento: _____ Naturalidade: _____

Data da admissão: _____ Data da infração: _____

Idade com a qual cometeu o ato infracional: _____

2 – FAMÍLIA

2.1 Situação familiar atual

Pais vivem juntos. Pais separados.

Pai viúvo mãe viúva.

Padrasto Madrasta.

Não mantém contato com a família. Há quanto tempo? _____

Companheira Namorada. Filhos _____

N°. de irmãos: _____

2.2 Antecedentes familiares

Há casos de alcoolismo na família?

Há casos de deficiência mental na família ?

Há casos de internação por problemas mentais?

Há casos de parentes com envolvimento com drogas e ato infracional?

2.3 Relacionamento familiar:

2.4 Situação Econômica:

3 – ESCOLARIDADE

Estuda: SIM NÃO Série: _____

Último ano que estudou: _____

Motivo do abandono do estudo: _____

4 - VIDA PROFISSIONAL E AVALIAÇÃO DE INTERESSES:

Experiência profissional: _____

Pretensão profissional: _____

Oficina que frequenta: _____

Oficina que gostaria de fazer: _____

5. SAÚDE/ASPECTOS PSICOSSOMÁTICOS:

Já foi internado em hospital psiquiátrico? _____

Costuma ficar triste ou deprimido? _____

() Com motivo () Tipo existencial

Já sentiu vontade de morrer ou sumir? _____

Faz uso de medicação controlada? _____

6. SEXUALIDADE

Recebeu orientação sexual: _____ De quem: _____

Tem vida sexual ativa: _____ Com qual idade iniciou: _____

Já teve relação homossexual: _____

Já recebeu dinheiro ou objetos de valor em troca de favores sexuais: _____

7 - DROGAS

Uso de drogas: () SIM () NÃO

Qual: _____

Primeira droga: _____ Com qual idade: _____

Onde: _____ Com quem: _____

8 - HISTÓRIA DE VIDA

O QUE VOCÊ MUDARIA NA SUA VIDA SE PUDESSE: _____

SONHOS:

EXPECTATIVA EM RELAÇÃO À UNIDADE:

9- SITUAÇÃO JURÍDICA

Motivo do encaminhamento: _____

Antecedentes institucionais: _____

Atos infracionais cometidos: _____

O que sente em relação ao ato infracional:

APÊNDICE 2 : TERMO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, Eu,

_____,
 RG Nº _____, concordo em participar como pessoa informante na pesquisa: MENINOS QUE MATARAM: PROMOÇÃO DE UMA REINTEGRAÇÃO SAUDÁVEL NA SOCIEDADE, cujo objetivo geral é compreender o menino que matou residente em um grande centro urbano no nordeste brasileiro, no campo pessoal, moral e social e, identificar ações educativas que favoreçam mudanças positivas no seu modo de viver e na sua reintegração na sociedade.

Ressalto que estou ciente de que terei garantidos os direitos, dentre outros assegurados pela resolução 196/96 do Conselho de Saúde/Ministério da Saúde de:

1. Receber esclarecimento a qualquer dúvida acerca da pesquisa e do caráter de minha participação;
2. Retirar meu consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isso ocorra em penalidade de qualquer espécie;
3. Receber garantias de não haver divulgação de meu nome ou qualquer outra informação que ponha em risco minha privacidade e anonimato;
4. Acessar as informações sobre os resultados do estudo.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza, ____ de ____ de ____

 Pessoa informante

 Responsável pela pesquisa

MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE
 UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
 AV. WASGHTOM SOARES, 1031

Apêndice 3: Solicitação de entrada em campo

Senhora Diretora do Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider

Eu, Lélia Machado Dias Chrispim, aluna do Mestrado de Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza e funcionária da Secretaria da Ação Social lotada no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider, venho solicitar a V.Sa. autorização para desenvolver um projeto de pesquisa sobre violência juvenil dentro deste Centro Educacional.

Na referida pesquisa necessito ter acesso aos prontuários dos adolescentes para preencher um questionário (Apêndice 1), com o objetivo de caracterizar o perfil sócio demográfico do menino que matou interno no CECAL no período de julho a dezembro de 2004, e aplicar entrevistas etnográficas em jovens maiores de 18 anos de idade que cumprem medida sócio-educativa no CECAL no período de abril a novembro de 2005, conforme o guia de entrevista etnográfica. (Apêndice 3), com o objetivo de analisar como o ato infracional atingiu a essência humana do jovem diante de seus conceitos de auto-estima, moralidade, ética pessoal e de identificar suas perspectivas e planos para o futuro.

Ressaltamos que todas as normas regulamentadoras do Código de Ética envolvendo seres humanos, contidas na resolução 196/96 serão levadas em consideração.

Antecipadamente agradeço

Lélia Machado Dias Chrispim

Lêda Maria Maia Torres

Apêndice 4: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO FIEL DEPOSITÁRIO

Autorizo o acesso aos prontuários dos jovens internos no Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider (CECAL) para o preenchimento de um questionário (apêndice 1) com o objetivo de caracterizar um perfil sócio demográfico do menino que cometeu homicídio ou latrocínio na cidade de Fortaleza e que tenha estado interno no CECAL no período de julho a dezembro de 2004.

Os dados obtidos destinam-se ao trabalho de dissertação do Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, com o título **“Meninos que mataram”**: **Promoção de uma reintegração saudável na sociedade**, cujo objetivo geral é compreender o menino que matou em grande centro urbano no nordeste brasileiro, no campo pessoal, moral e social e, identificar ações educativas que favoreçam mudanças positivas no seu modo de viver e na sua reintegração na sociedade.

A pesquisadora, Lélia Machado Dias Chrispim,, compromete-se em utilizar os dados obtidos somente para este estudo.

Ressaltamos que todas as normas regulamentadoras do Código de Ética envolvendo seres humanos, contidas na resolução 196/96 serão levadas em consideração.

Fortaleza, 27 de março de 2005

Dra. Lêda.Maria Maia Torres

Diretora do Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider

ANEXO

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)